

VIA GENS

NO

SYSTEMA PLANETARIO

---

POEMA SATYRICO

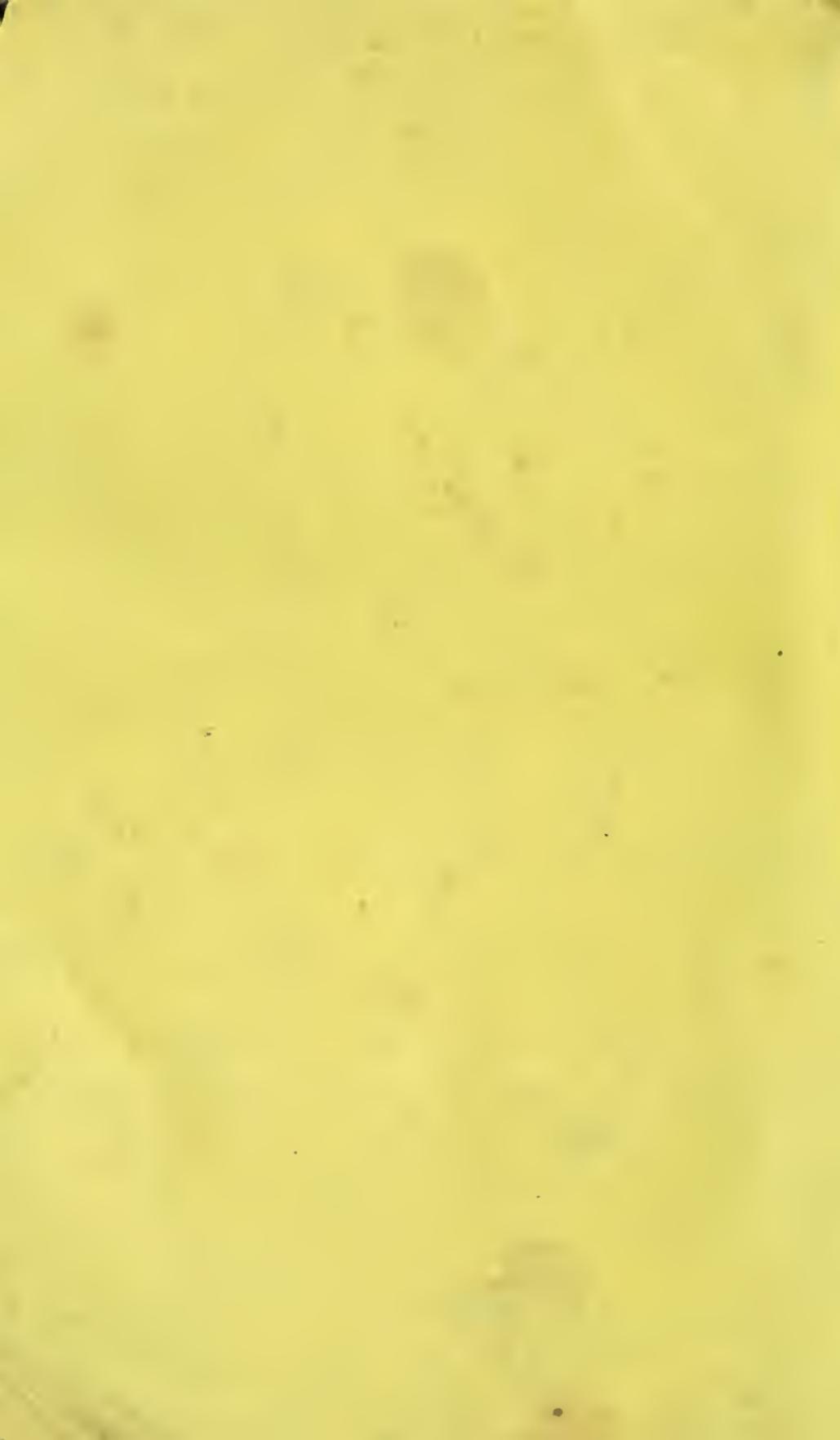
PELO

DR. PATROCINIO DA COSTA



COIMBRA  
IMPRESA LITTERARIA

1876



VIAGENS  
NO  
SYSTEMA PLANETARIO

---

POEMA SATYRICO

EM

DOZE CANTOS

PELO

DR. PATROCINIO DA COSTA

---

Segunda edição

---

COIMBRA

IMPRESA LITTERARIA

1876



Homens, homens de bem, não tenhais susto,  
Que eu vil quadrilha... zurzo,  
E Impostores hypocritas, e Aulicos,  
Que as letras, a razão, e a Patria aviltam.

MACEDO. *Os Burros*. Canto 1.º

## ADVERTENCIA PRELIMINAR



Nobres e amaveis, virtuosas damas,  
O auctor d'estas viagens vos supplica  
Lhe perdoeis frisantes epigrammas  
Vibrados á venal ou impudica  
Que em seus infames, criminosos tramas,  
A ambição, avareza, sacrifica  
De um credulo mancebo a dignidade  
P'ra alimentar seus luxos e vaidade.

Mas vós, damas honestas, generosas,  
De uma alma bem formada e dirigida,  
Mer'ceis as homenagens mais honrosas,  
O encanto e adorno sois da humana vida.  
Só vós sois ternas mães, dignas esposas,  
Nobre estima e atenção vos é devida ;  
Sempre, ó bellas, vos tenho respeitado,  
Nem por mim tal dever será quebrado.

Da satyra que é feita ao sexo forte  
Perdões, desculpas que pedir não tenho ;  
Nos vícios dar não posso fundo corte,  
Mas viciosos, malvados expor venho  
Do publico á irrisão de toda a sorte.  
De esses cães c'o a matilha bem me avenho ;  
Trago sempre um poder executivo  
Que poderá fazer serviço activo.

---

## ARGUMENTO

---

### 1.º CANTO

À fonte do Cidral indo em passeio  
O auctor, appareceu-lhe o poeta Dante ;  
Este o convida a viagens de recreio  
E de instrucção tambem ; no mesmo instante  
Foi a proposta accete. O ethereo meio  
Percorrendo admirado o viajante,  
Pousa na Lua, e mostra o florentino  
De alguns doidos o fim triste e mofo.

### 2.º CANTO

Conta Dante de alguns ladrões famosos  
Aos seus delictos punição devida,  
Vão depois os poetas pressurosos  
Temporada passar bem divertida  
Em Venus. De Guismonda os luctuosos  
Amores se figuram, e em seguida  
Em casa de notavel, nobre dama  
Encontra o auctor pessoas de honra e fama.

### 3.º CANTO

Raio do Mundo, o perfido malaio,  
Em ridicula scena se figura ;

Declara o proprio bebado frei Raio  
Ser borracha e devassa creatura.  
Olympia, que em Coimbra amara o Gaio,  
Instructora vae ser, guia segura  
Do doutor : são de Lysia os deputados  
De preguiça e outros vicios accusados.

4.º CANTO

Mostram-se os sanguinarios habitantes  
Que no planeta Marte são punidos ;  
Do papa Bonifacio e outros tratantes  
São os enormes crimes referidos ;  
Numerosos carlistas e birbantes,  
Miguelistas, malvados desabridos,  
Estão tambem n'este orbe de tormento  
A ser de feras bravas alimento.

5.º CANTO

Narra Olympia ao doutor, por quaes viventes  
Sendo o planeta Lethes habitado,  
P'ra punição de tão infames gentes  
Foi depois em pedaços fracturado.  
Chegam a Vesta, e vêem ás impudentes  
Marafonas castigo destinado ;  
Conta o negro feitor da bolonhesa  
Beatriz a luxuria e vil sperteza.

6.º CANTO

De Menelau e Paris se descreve  
O duello famoso e decantado,  
E de algumas *restaes* que o mundo teve  
O castigo se mostra apropriado ;  
A historia das taes damas, longa ou breve,  
É feita pelo guarda encarregado  
Da punição de aquellas creaturas,  
Amantes infieis, 'sposas perjuras.

7.º CANTO

Diz o auctor o motivo que o levara  
A escrever digressão tão admiravel;  
A do bom Galileo vida preclara  
Para conversa é assumpto aproveitavel.  
N'uma lua de Jove, amena e clara,  
Pousando os dois, em companhia amavel  
De Dante e alguns doutores são narradas  
De Coelho e Falcão as tratantadas.

8.º CANTO

Em Portugal do secundario ensino  
Mostra-se a progressiva decadencia;  
Para explicar o calculo mais fino  
Faz-se ver de Raymundo a incompetencia;  
Conta partidas o doutor Rufino  
De Zé Pedro, o ratão por excellencia;  
N'um scapharmonio os bons amigos nove  
Linda viagem fazem até Jove.

9.º CANTO

Dom Morgado defende absolutismos,  
E Barrete a feição republicana,  
Boas razões em pró dos monarchismos  
Consti'cionaes allega um ratazana;  
Faz-se honrosa menção dos heroismos  
De uma famosa e varonil serrana,  
E do *Raio Vector* a brutidade  
É lembrada tambem á post'ridade.

10.º CANTO

O Rodin jesuita á falla chega,  
Confessa da ordem sua a iniquidade;  
Zé Monteiro da Rocha a um seu collega  
Expulsar conseguiu da faculdade;

A causa o *honesto* Yago diz e allega  
De usar aleivosia e falsidade ;  
Narra se de Goulão a furia insana,  
Contra o bedel puxando da catana.

11.º CANTO

Com solidas razões justificando  
Da meiga Olympia a sabia companhia,  
Diz o auctor como fôra viajando  
Té o Reino da Asneira, e como via  
Andar no commum senso couces dando  
A gente que em tal reino residia ;  
Conta Sarmento a infame ingratitude  
Dos doutores Coelho e Zé Falcão.

12.º CANTO

Em Neptuno o doutor chega á cidade  
Que é chamada *dos grandes almirantes* ;  
Lá viu um maganão da antiguidade  
E mais outros distinctos navegantes ;  
Do navio pimpão a heroicidade  
É celebrada em rimas consoantes ;  
Vê de uns biltres pintadas as viagens,  
E no Cidral termina estas viagens.

---

# CANTO PRIMEIRO

## INTRODUÇÃO; VIAGEM Á LUA

---

### I

Era noite de março amena e linda,  
E a lua os claros raios espalhava,  
Prateando de Coimbra alegres sitios.  
Dos filhos de Minerva aos seus estudos  
Eram muitos entregues; meus discipulos  
Iam p'ra suas casas, preparados  
Co'a lição que eu lhes dera, e que devia  
O *honrado* doutor Coelho previamente  
Haver-lhes explicado. Abuso antigo,  
Introduzido em certa faculdade,  
Dos leccionistas a moderna industria (1)  
Em Coimbra fez nascer. Ia eu dizendo  
Que para as casas suas regressavam  
Meus amigos discipulos co'os calculos  
Escriptos da lição; e eu fatigado  
De tanta *função xis*, p'ra distrair-me,  
Ao passeio quiz ir, mesmo sosinho.  
Do jardim á alameda me dirijo,  
E, chegando ao penedo da saudade,  
Sentei-me e a reflexões varias me entrego.

### II

Aqui (disse comigo) algumas vezes  
Se reuniu do *raio* a synagoga,

De um prelado tyranno urdindo a queda (2);  
Mas hoje os principaes chefes d'aquella  
Secreta associação são mais tyrannos,  
Mais injustos, soberbos e impostores  
Que o reitor contra quem se conspiravam.  
Não são novas taes phases; na politica  
Mais alta as mesmas coisas se praticam.  
Os habeis publicistas que na lucta  
Se distinguiram contra o cabralismo,  
Do Conde de Thomar oppressões duras  
E crueis despotismos combatendo,  
Hoje, feitos poder, seu ministerio  
Só com trampolinices, tyrannias  
E sophismas da lei têm prolongado.  
Eleições, eleições, que grande burla! (3)  
Amor á liberdade, que impostura!  
Sociedades secretas, que intrujisse!

### III

Para não 'star parado, ávante sigo  
Passeando onde é largo e bem composto  
O caminho e de assentos guarnecido.  
Um me trouxe á memoria algumas tardes  
Da vida de estudante; a companhia  
Da linda Maria Amalia por acaso  
Uma d'ellas ornou, quando no dia  
Em que fiz de botanica o meu acto  
Com dois ou tres amigos lá me achava.  
Agradecida e meiga a rapariga  
O contraste e epigramma era de muitas  
Senhoras, ditas nobres e illustradas.  
Em quanto umas, ladinhas, 'spertalhonas,  
N'esta roda chamada sociedade  
Respectadas por todos, muitas vezes  
Dignas filhas da Angot se manifestam,  
Amisade leal, sincera estima,  
Eu e os meus tres amigos encontraremos

Sempre n'aquella boa companhia.  
Amores, galanteios... lindo assumpto  
Para fazer comedias e romances!  
E a sociedade injusta em grande estima  
E por honradas tem finorias damas  
Que sabem affectar paixão, carinho  
Por mancebo que é rico (e pagar pode,  
Desposando-as, caricias mentirosas),  
Ao passo que ao desprezo vota muitas  
Infelizes que o mundo rebaixára,  
Mas que por vezes sabem elevar-se,  
Em brios e amisade, onde senhoras  
Havidas por honradas nunca chegam!

IV

No *High Life*, ou grande mundo, ou como queiram,  
Intrujões e intrujonas taes se encontram,  
Que um Faustino Novaes, um Tolentino,  
A verberar com satyras picantes,  
Mas mer'cidas, fieis, aquelles biltres,  
Mal podiam bastar para obra tanta.  
Se Juvenal vivesse, ou se o proscripto  
Poeta de Florença os conhecera,  
Novo poema do inferno em muitos cantos  
Teria de appar'cer. Mas quem ha de hoje  
Acreditar que pode um viajante,  
Guiado por uma alma do outro mundo,  
Ir percorrer do inferno os varios circulos?

V

Taes coizas meditando, p'ra mais vasta  
Divagação nocturna me sentia  
Fortemente animado; e a meiga lua  
De noites mais felizes as lembranças  
Me par'cia avivar. Tomo outro rumo  
E do Cidral á fonte vou sentar-me

Onde, terceiranista e quartanista,  
Tantas vezes já fôra; o ameno sitio  
Ao socego e repouso convidava.

---

Um pouco a descansar sentado fico,  
Meditabundo sempre... Eis se não quando  
Na mão trazendo um album de retratos  
Vejo ante mim um vulto venerando.

VULTO

Que fazes ali sosinho?

O AUCTOR

Porque o perguntas? Quem és?

VULTO

Fui homem, por ti me int'resso,  
E vejo o que tu não vês.

O AUCTOR

Eu o que vejo é toldada  
A noite que era tão linda;  
Ouço trovões, de ir p'ra casa  
Diz', ó vulto, é tempo ainda?

VULTO

Se te queres da tormenta  
Por algum tempo abrigar,  
P'ra chamar-te onde eu habito  
Aqui te vim convidar.

Acceitas?

O AUCTOR

'Stá dicto; vamos.

VULTO

Á minha capa te afferra,  
Nem te assuste o irmos voando  
P'ra muito longe da terra.

VI

Assim disse o meu guia e eu promptamente  
A capa lhe tomei; logo voamos  
Ambos junctos mais rapidos que a frecha  
Que o arco sacudira, ou do que a bala  
Pelo ignivomo bronze projectada.  
Se és Asmodeu, lhe digo, não me leves  
Como outro Dom Cleofas; ir não quero  
No terraço pousar do observatorio  
Que, tendo quasi um seculo, um planeta,  
Um sosinho p'ra amostra, ainda não dera  
Á sciencia astronomica! (4) Os seus sabios  
Tão uteis ao paiz, á humanidade,  
Mostrar se têm sabido! Não precisas,  
Tão pouco, destelhar de Coimbra as casas;  
Das miserias da terra sei bastantes. —  
Socega, me tornava, que mais longe,  
Muito longe d'aqui vou conduzir-te.  
O sol já vês? Da Terra estamos fóra,  
E na Lua pousar vamos primeiro. —  
Disse; e em breve chegamos ao satellite  
Que á terra anda ligado firmemente  
Por da gravitação leis immutaveis.  
Perguntou-me elle então: não me conheces?  
E eu: por essa côr morena, e ainda  
Pela c'rôa de louros que circunda  
Tua fronte immortal, por esse adunco  
Aquilino nariz, que és Allighieri,  
O vate florentino, me parece.

— Acertas-te, doutor, me torna o poeta ;  
Mas informar-te vou por que motivo  
Na fonte do Cidral fui procurar-te.

VII

Quando a minha penosa e triste vida  
Ao seu termo chegou, deixando o corpo  
Nas terras de Ravenna, correu prestes  
Meu 'spirito apressado a apresentar-se  
Ante Aquelle que os mundos rege e cria.  
Em attenção a tantos soffrimentos,  
Um exilio cruel, revezes varios,  
Por expiados foram logo havidos  
Todos os meus peccados, e de Jupiter  
Sobre o vasto espheroide a residencia  
Designada me foi, permissão tendo  
De poder viajar nos outros orbes.  
Já a maior parte tenho visitado  
Dos restantes planetas, mas com tudo  
No orbe de Jove passo o mais do tempo  
Do *anno jovial*, e só no estio  
Faço uma digressão até Neptuno,  
Como vós habitantes lá de baixo  
Ides ás praias de Figueira ou 'Spinho.  
— E Jupiter que tal? É boa terra? —  
Muito boa, doutor; ha la de tudo  
Em abundancia e bom. Temos theatros  
Melhores que San Carlos ou Trindade,  
Jardins como os de Armida, ou fada Alcina,  
Quaes meus collegas Tasso e Ariosto  
Tão bellamente imaginar souberam.  
É na arte culinaria tão perfeita  
A minha cozinheira como a Emilia  
Do hotel Viriato (5); as fontes deitam  
Vinhos melhores que Madeira ou Porto,  
Ha chafarizes de café, licores...

— E Beatriz 'stá contigo? — Isso era asneira ;  
Temos coisa melhor, meu caro amigo.  
É lá desconhecido o platonismo,  
E muitas circassianas compartilham  
Nosso amor e venturas; é pequena  
A superficie do planeta Venus  
Para contel-as todas. Mas passava-me  
Por alto o revelar-te qual motivo  
Me levara a chamar-te a esta viagem.

### VIII

De Ninon de Lenclos na festa de annos  
Eu 'stava com Shakspear' conversando  
Sobre a escóla romantica, e apressado  
Vejo chegar doutor Thomaz d'Aquino (6).  
Amigo Dante, diz-me o mathematico,  
Por que gostas do ensino e és grande mestre  
Do teu gosto um favor venho pedir-te.  
— Falla, lhe digo. — O nosso Patrocínio  
Teve uma discussão co'o Zeferino (7)  
Sobre a 'stabilidade planetaria,  
E com o Bettencourt, doutor theologo,  
Tambem tivera uma outra, defendendo,  
Com maior extensão e ornatos muitos,  
De Figuiet theorias romanescas.  
Bem que a revelação não seja usada  
Em sciencias naturaes, façamos hoje  
Por elle uma excepção; vae convidal-o  
A seguir-te e explica-lhe essas coisas  
Que os successores meus por certo ignoram,  
Ou pelo menos ensinar não querem.  
Eu mesmo iria áquelle meu collega  
Convidar a tão util conferencia,  
Mas da Cunha o Anastacio (8) não me deixa ;  
P'ra o jogo á carambola quer parceiro  
Que seja de igual força. — Eu disse logo :  
Do doutor Patrocínio é que se tracta ?

Co' esse me entendo bem, que certamente  
Não deixará perder o beneficio,  
N'um poema didactico explicando  
As doutrinas sublimes que hão de ao calculo  
Ficar sempre rebeldes, refractarias.  
Fui pois buscar-te, e agora principio  
Da theoria da Lua a revelar-te  
Coisas que os teus astrónomos não sabem.

IX

Assim disse o poeta, e logo fomos  
As praças percorrendo e as varias ruas  
Aonde são guardados os *lunaticos*.  
Dizeis vós os viventes (continuava  
O meu bom companheiro) que com tolos  
Nem no céu 'star convém; por tal motivo,  
Em vez de um hospital de Rilhafolles,  
O espheróide da Lua é destinado  
A receber as almas dos malucos.  
As manias que em vida os dominavam  
Conservam inda aqui; mas olha e escuta.—  
De uma calçada no alto então avisto  
O Antoninho das Almas, que em Coimbra  
Tão conhecido foi, prégando ás turbas  
Os sermões do costume. Ávante andamos  
E vimos nas esquinas affixadas  
Muitas proclamações, chamando á urna  
Os cidadãos da Lua. Aqui não falta  
(Diz-me o poeta) um só dos eleitores  
A ir na urna lançar a sua cedula;  
Mas nenhum lê ao menos em quem vota,  
Que isso importa bem pouco a esta gente.  
Mas, se queres ver coisas engraçadas,  
Entremos n'esta igreja; os missionarios  
Vem hoje aqui prégar. Entramos ambos,  
Mas foi subindo ao côro, pois em baixo,  
Té na capella mór, tudo era cheio

De mulherio e beaterio immenso.  
Perguntei: e os beatos não concorrem?  
Dante me respondeu: n'esta metade  
Da Lua que p'ra a terra anda voltada  
Vivem só *simples tolos*, por que os outros  
Que são *totos e maus* na outra metade  
Que a terra nunca viu ficam guardados  
Com sentinella á vista, e cada dia  
Têm ração de chicote ministrada  
Pelas mãos vigorosas de gigantes.  
Beatos *simples tolos* ha cá poucos,  
Se vós não tendes muitos...; e por isso  
Dos *beatos hypocritas* o gremio  
Mais tarde mostrarei. — Porém responde-me  
Têm aqui residencia os missionarios? —  
Não têm, me torna o mestre; mas em épochas  
Mais ou menos incertas, de Mercurio  
De esses maraus vem uma caravana  
Fazer o seu officio, e logo voltam  
Áquelle seu logar de eternas penas  
Onde, com usurarios e preguistas,  
São grillhados ao fogo do hydrogenio.  
Têm mais por companheiros as patroas  
Das casas toleradas, e outros muitos  
*Ejusdem furf'ris etiamque forraginis.*  
— Mas para ouvir sermões d'esses velhacos  
Não vale a pena aqui 'sperdiçar tempo.  
Ha mais que ver? — Repara, me diz elle.  
Olhei; vi as mulheres dando campo,  
E um conego a fugir sob as pancadas  
De rijo e forte baculo, zurzidas  
Pelas mãos de um prelado furioso.  
— Conheces este bispo? — E eu disse logo:  
É talvez Dom Lourenço, que não poupa  
O misero deão, nem lhe perdoa  
Inda aqui mesmo aquella picuinha  
De lhe não offertar o bento hyssope.  
— É esse mesmo. Mas é tempo agora  
De ir ao outro hemispherio onde os gigantes  
Fazem nos tolos maus o seu serviço.

X

Partimos, e chegado inda não tínhamos  
Á linha divisoria das duas faces  
Do 'spheróide lunar, quando horrorosos  
Ouvíamos já gritos d'esses homens  
Que o *knout* e o azorrague verberava.  
Depois, quando a fronteira transpozemos,  
Vi alguns militares, muitos padres,  
Alguns homens de toga, outros de murça,  
Outros de manto e c'roa, e finalmente  
De bonifrates turba innumeravel.  
Entre os homens de murça destacava-se  
Um vaidoso pedante; na cabeça,  
Semelhando uma mitra, tinha posto  
De papel um barrete desconforme.  
Um gigante membrudo o perseguia  
Atiçando-lhe rijas vergalhadas;  
O pobre condemnado ia gemendo,  
E, apenas me avistou, 'scondeu de prompto  
Dentro do tal barrete o magro rosto.  
— O marau conheceu-te — diz-me o poeta.  
— Mas tarde quiz 'sconder o vil focinho  
(Disse eu); conheço-o bem. Um prebendado  
Era elle do cabido viziense (9);  
Francisco Antonio Nunes Vasconcellos  
Foi nome d'esse biltre, que á vaidade,  
Á philaucia e soberba tanto culto  
Prestou em vida, que, por ser depôsto  
Do cargo que occupar nunca devera  
(Mas coisas de politica e vinganças  
Collocaram esse asno em tal altura!)  
Se tornou macambuzio e inda mais tolo  
Do que fôra até ali. Padre devasso  
E vil calumniador, morreu pateta,  
Por toda a honrada gente despresado.  
Mas quem é aquelle de cabeça baixa,  
Braços em cruz, com cara de homem santo?

'Spera abrandar a furia dos verdugos  
Com aquelles seus modos de humildade?—  
Responde-me Allighieri: esse é Tartufo,  
O marau, cuja mascara rasgara  
O chistoso Moliero. Mas, com tudo,  
Dos taes a confraria não se extingue,  
E até p'ra um teu collega reservado  
Já cá 'stá seu logar; por que o capello  
Um talisman não é que livre um sonso  
Hypocrita manhoso do castigo  
Que merece por suas vilanias.  
Has de em Marte e Saturno ver tormentos  
A que estão alguns lentes condemnados,  
Como o Sanches Goulão, que ensinou physica,  
E Monteiro da Rocha, o jesuita.  
Mas vamo-nos d'aqui; se te parece,  
Deixemos de ver mais *tolos malvados*.

**Fim do canto primeiro.**



# NOTAS

AO

## CANTO PRIMEIRO

---

(1)

Os estatutos da Universidade determinam que os professores dividam em duas partes o tempo da aula; uma é destinada á prelecção que os lentes devem fazer, explicando a doutrina que seus discipulos têm de estudar para o dia seguinte, na outra devem chamar um ou mais dos mesmos discipulos a dar conta do estudo e aproveitamento que fizeram sobre as doutrinas da prelecção antecedente. Esta prescripção dos estatutos é lettra morta na Faculdade de Mathematica, e por contágio já o abuso se tem estendido a outras faculdades.

Não se póde dizer com verdade que em mathematica é inutil ou inconveniente a fiel observação d'aquella determinação dos estatutos. Tal observação se pratica na Escóla Polytechnica; e em março de 1875, visitando esta escóla, teve o auctor a honra de assistir na aula de physica á prelecção do sr. Pina Vidal, e na da 1.<sup>a</sup> cadeira de mathematica á do sr. Mariano Ghira, sobre a transformação de coordenadas em geometria analytica a tres dimensões. S. ex.<sup>a</sup>, tendo escripto no quadro as formulas de transformação e a respectiva figura, as dis-

cutia e comparava com toda a clareza, tractando as differentes hypotheses, etc.

Os lentes de mathematica em Coimbra deixam de cumprir esta sua obrigação, e ha já muitos annos que os estudantes pagam á sua custa licções particulares, procurando explicadores que lhes ensinam na vespera as materias da lição do dia seguinte.

---

(2)

Em 1862 havia em Coimbra uma sociedade secreta, denominada *raio*, cujo fim era uma conspiração contra o reitor da Universidade, o sr. Visconde de S. Jeronymo, promovendo por algum modo a sua exoneração. Conseguiram isso os conspiradores, desconsiderando publicamente s. ex.<sup>a</sup> por occasião da solemnidade da distribuição dos premios no dia 8 de dezembro. Saiu depois publicado um manifesto ao paiz assignado por muitos estudantes, accusando s. ex.<sup>a</sup> de tyranno, soberbo e jesuita; alguns d'esses signatarios (e dos mais graduados na ordem!) mostraram depois, já como estudantes, já na vida publica, quem é que era mais dominado pela soberba e orgulho.

---

(3)

Sendo as eleições a base fundamental do systema representativo, é muito e muito para lamentar que a *pratica* forneça aos amadores da antiga fórma de governo o mais forte argumento em seu favor. Na verdade, o povo, o paiz não escolhe os seus legisladores; essa escolha é feita por influentes, *medalhões* (governamentaes ou opposicionistas), os quaes substituem de algum modo os antigos capitães mores e os senhores feudaes. O povo mudou do

oppressor, como o burro da fabula mudou de dono.

Para se formar ideia da miseria e impudencia a que se tem chegado nos ultimos tempos, basta apresentar poucos factos: não nos chegava o tempo nem a paciencia para narrar todas as tropelias praticadas, quer pelos homens dos governos, quer pelos das opposições.

As vinganças praticadas sobre os eleitores do circulo de Vizeu em 1874, por ter a opposição feito sair eleito deputado o sr. Luiz de Campos; pelo mesmo tempo as prevaricações das auctoridades judiciaes e administrativas no circulo de Vianna do Castello; finalmente o emprego de caceteiros por parte dos agentes governamentaes, em agosto de 1875, para obstar á eleição do sr. Conde de Bertandos para deputado por Braga, são prova sufficiente do que asseveramos.

Mas para melhor se conhecer o fim para que alguns afilhados dos *mandões* pretendem a nomeação tribunicia, offerecemos o facto seguinte:

Em 23 de dezembro de 1874, na secretaria da Universidade, o sr. Dr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto, deputado eleito por Vianna do Castello, declarou impudentemente perante os srs. Silva e D. Sebastião, officiaes da mesma secretaria, que só havia de deixar de ser deputado, resignando em seu pae, quando a este competisse a promoção a juiz de 2.<sup>a</sup> instancia; e que o fim da cedencia era para seu pae não ter de ir para a Relação dos Açores, e ficar sempre na familia a influencia politica.

Este mesmo legislador, sendo oppositor a uma substituição na Faculdade de Mathematica, no Collegio Academico dirigido pelo sr. Dr. Zeferino, perante este sr. director e o sr. padre Liz Teixeira, professor interno do mesmo collegio, em outubro ou novembro d'esse anno, declarou que havia mais de quatro annos que não satisfazia aos preceitos da igreja. Disse mais que, para o seu concurso, se viu

em difficuldades para apresentar attestado de bom comportamento passado pelo parcho; mas que sempre achou um que lhe passou o attestado exigido, e que, em agradecimento, elle deputado governamental lhe obtivera um habito da ordem de Christo!

---

(4)

Das observações astronomicas feitas no observatorio da Universidade de Coimbra não sabemos que tenha resultado para a sciencia alguma utilidade. Conta-se (mas não acreditamos) que desde a sua fundação até hoje os seus observadores fizeram apenas duas descobertas... uns ratos na lua e um planeta nos arcos de S. Sebastião!

---

(5)

Allude-se a uma creada, muito boa cozinheira, do sr. Francisco Rodrigues Vianna, proprietario do hotel Viriato em Vizeu. Este hospedeiro emprega todos os meios de melhor servir, estimar e agradar aos seus hospedes; e, ainda não satisfeito com isso, é na mesa o primeiro a animar a conversação e a alegria, estimulando os hospedes a comer bem e beber melhor.

Um tão amavel hospedeiro não podia deixar de empregar cozinheiras perfectas na sua arte, como é a sr.<sup>a</sup> Emilia.

---

(6)

O Dr. Thomaz d'Aquino de Carvalho foi lente de mechanica celeste, o depois jubilado e director do

observatorio astronomico. Sabia muito de astronomia theorica, e era eximio jogador de bilhar.

---

(7)

O sr. Dr. Antonio Zeferino Candido da Piedade defendeu theses em mathematica em junho, e tomou capello em julho de 1875. O seu acto de conclusões magnas foi brilhantissimo e presenciado por um publico numeroso.

A *honest*a Faculdade de Mathematica houve por bem nas informações conferir-lhe apenas a classificação de *bom* com 15 valores!

---

(8)

O Dr. José Anastacio da Cunha, official de artilheria, foi pelo Marquez de Pombal nomeado lente do mathematica e mandado graduar e incorporar na Faculdade. Não só pelos seus trabalhos scientificos foi um dos maiores mathematicos que fazem honra a Portugal, mas ainda ha d'elle producções litterarias de muito merecimento.

Pouco tempo porém teve a Universidade de Coimbra a honra de o possuir no seu gremio. Intrigado pelo P.<sup>e</sup> José Monteiro da Rocha, seu collega e a quem fazia sombra, foi demittido no fim de quatro annos e mettido em processo pela Inquisição. O miseravel jesuita até o accusava de fazer versos e vestir farda militar!

---

(9)

Francisco Antonio Nunes de Vasconcellos, co-

nego da Sé de Vizeu e arcediago de Pindello, foi tambem professor jubilado do lyceu da mesma cidade. Soberbo, vaidoso e pedante, deveu ao seu servilismo politico a nomeação para commissario dos estudos, cargo para o qual era incapaz e que serviu pessimamente, e para o obter pouco lhe importou commetter uma revoltante ingratição contra o seu antecessor, o sr. Com.<sup>or</sup> Antonio Corrêa de Sousa Montenegro, a quem o mesmo arcediago devia importantissimos favores! Este cavalheiro, que por espaço de dez annos fizera bom serviço n'aquella commissão, sem motivo algum plausivel foi demittido para que o conego infatuado conquistasse o *penacho*.

Nomeado commissario dos estudos e reitor do lyceu de Vizeu em outubro de 1872, Francisco Antonio Nunes de Vasconcellos comportou-se tão infamemente com a corporação a que presidia, intrigando e calumniando os professores do lyceu, suspendendo um professor primario por auxiliar a candidatura de um deputado opposicionista, pretendendo nos exames finaes obrigar o sr. Dr. Viagas, presidente de mathematica, a admittir, com uma certidão falsa de doença, a novo exame um estudante que tinha desistido, etc., que em dezembro de 1874 o Governo se viu na necessidade de lhe dar a exoneração.

Por occasião da posse do seu successor, o sr. Manoel Joaquim Teixeira, em janeiro de 1875 foi proposto em conselho e approvedo unanimemente o seguinte voto de censura :

29 de janeiro de 1875.

«Acta da sessão do conselho do lyceu nacional de Vizeu, sob a presidencia do sr. reitor Manoel Joaquim Teixeira».

«—E por esta occasião foi apresentado ao conselho do lyceu um voto de censura ao ex-reitor Nunes de Vasconcellos, assignado pelos professores — Montenegro, Eugenio, Macedo, P.<sup>e</sup> Sousa,

David, Pereira, e Simões Dias, — que é do teor seguinte : — «Constando extra-officialmente aos professores do lyceu, que assignam este protesto, que o ex-reitor arcediago Francisco Antonio Nunes de Vasconcellos os denunciára falsamente ao governo de Sua Magestade, protestam em nome de sua justiça e dignidade contra aquelle acto, que por ser calumnioso não póde justificar-se; bem como protestam contra a menos lealdade das expressões, de que usou o ex-reitor, quando se despediu dos professores reunidos; aos quaes declarou, que d'elles não levava o menor motivo de queixa; que se despedia com saudade dos professores, os quaes lhe não deram o menor desgosto; e que a todos agradecia a boa camaradagem, que lhe fizeram».

«E, não havendo mais nada a tractar, o sr. reitor levantou a sessão, etc.».

---



## CANTO SEGUNDO

HISTORIA DE ALGUNS LADRÕES FAMOSOS  
PUNIDOS NO PLANETA MERCURIO;  
VIAGEM A VENUS

---

### I

Tens vontade e coragem, diz-me o poeta,  
Para seguir caminho mais extenso?  
Como Cellas de Coimbra, assim a Lua  
Arrabalde é da Terra. Agora vamos  
Procurar outros orbes, mas devemos  
Ir visitar primeiro os inf'riores  
Planetas antes de ir aos mais longinquos.  
— A Mercurio não vou, lhe digo eu logo.  
Ha por lá, me disseste, entre outra gente  
Que viveu de explorar a humanidade,  
Muitos homens preguistas; tenho medo  
De ficar sem relógio, e da camisa  
Té os poucos botões deixar lá posso.  
Lembra-me bem, quando era quintanista  
Tive de pôr no prego a abotadura  
Para comprar papel e umas fitinhas  
Azues e brancas, namorando um premio  
Co'uma dissertação composta *ad hoc*  
Por conselho do lente; em paga deram-me  
Um impresso bonito e lisongeiro,  
Mas que não tinha a bella qualidade  
De enfeitar os peitinhos das camisas.  
Nada, não quero ir lá; de esses tormentos

A que estão condemnadas de Mercurio  
As almas habitantes chegaria,  
Por certo, a horrorisar-me, e a condoer-me  
Dos tristes peccadores. Saber basta  
Para a minha instrucção que o tal planeta  
P'ra inferno dos ladrões é destinado.  
Podes porém contar-me d'alguns d'esses  
Mais celebrados a famosa historia.—

## II

Não vamos lá? Pois seja. Mas sabendo  
Deves ficar que tem entre os primeiros  
E maiores ladrões logar um papa;  
Clemente quinto é elle, e companhia  
Lhe faz Philippe o Bello, rei de França,  
Ambos estes malvados se ligaram  
P'ra roubar dos templarios as riquezas;  
Urdundo p'ra tal fim calumnia infame,  
Fizeram processar os desgraçados  
Que a culpa tinham só de serem ricos,  
Faccioso tribunal organisaram  
P'ra disfarçar o roubo e assassinato,  
E da ord' o grão mestre co' outros muitos  
Cavalleiros ao fogo condemnaram.  
Mas a voz da verdade e da justiça  
D'entre as chammas fallou. Foi intimado  
A compar'cer no tribunal divino  
Um d'aquelles sicarios coroados  
Dentro em quarenta dias; prazo de anno  
Ao outro foi marcado. Agora unidos  
Estão na mesma grelha, onde recebem  
Juros e capital do antigo emprestimo. —  
E onde ficam, pergunto, da terrivel  
Inquisição os barbaros ministros  
Que tambem condemnavam ás fogueiras  
Infelizes sem conto, p'ra roubar-lhes  
Fortunas e riqueza? — Formam cerco,

Me responde o meu guia, aos dois malvados ;  
Apreciam agora a *caridade*  
A que o seu *christão zelo* os animava.

Perto d'estes, em grelha mais estreita,  
Um ministro do Duque de Bragança,  
Joaquim Antonio d'Aguiar (chamado  
Tambem o *Mata-frades*) recompensa  
Bem mer'cida recebe de haver posto  
Fóra das suas casas e fazendas  
Os frades dos conventos portuguezes.  
Se as ordens parasitas extinguisse,  
Ou inda a dos bernardos, não diria  
Que um erro commettesse ; mas dos bentos  
E dos cruzios as ordens não deviam  
Ser comp'rendidas no famoso *ukase*.  
Trabalhadores eram estes frades  
E os conegos regrantes ; seus escriptos  
Nas sciencias e nas lettras nos revelam  
Bem-merecer da patria. O seu trabalho  
Util e proveitoso garantia-lhes  
Para existir direito incontestavel.

Nas ordens illustradas ministravã-se  
Ensino intenso e solido nos mancebos,  
E tão profundamente nunca foram  
Ensinadas do Lacio e Grecia as linguas,  
Historia e litt'ratura. Os lyceus d'hoje  
Muito mal satisfazem ; as reformas,  
De cada vez peores, a tal ponto  
Têm desgraçado o ensino secundario,  
Que proveito maior teria a patria  
Se os mandasse fechar. Vá a carapuça  
Sómente a quem pertence (1) ; a instrucção publica  
Em Portugal semelha o caranguejo.

### III

Mas voltando a fallar dos inquilinos  
Do planeta Mercurio, entre outros muitos

O celebre *Fra Diavolo* se encontra ;  
O legendario Chuço (2), que na vida  
Fôra o terror das Beiras, tem seu leito  
Juncto de este bandido. O judeu Shylock (3)  
Tem com Jacques Ferrand (4) a mesma grelha ;  
Aos gritos dolorosos d'estes homens  
Ricos e miseraveis fazem coro  
De usurarios menores turba immensa,  
Muitos negreiros, muitos commissarios  
De grande companhia alliciadora  
De colonos p'ra America, e egualmente  
De industria mais infame os correctores  
Que do Brazil fornecem aos prostibulos  
Innumeraveis victimas. A credula  
Gente do povo deixa a taes vampiros  
Sugar-lhes todo o sangue ; asp'ros trabalhos,  
Maus tratamentos, a miseria, a morte  
São as *grandes riquezas* destinadas  
Aos pobres illudidos. E os malvados  
'Speculadores da miseria humana  
Gozam folgadamente das riquezas  
Que custa tanto sangue e tantas lagrimas ;  
Terão porém em tempo mais remoto  
O castigo mer'cido por taes crimes.  
Tambem de muitos bancos, companhias,  
Hão de mais tarde alguns dos directores  
Ou socios fundadores recebidos  
No gremio ser de tão honrada gente.  
Mas tempo me parece que já vamos  
De Venus visitar os habitantes. —

#### IV

Disse, e de novo o vôo desprendemos  
Em demanda do lucido planeta  
Que, uns poucos mezès antes, para os sabios,  
A fim de precisar a parallaxe  
Do nosso astro central, o mesmo fôra

Que para os caçadores ave rara  
É de caça difficil. Montaria  
De todas as nações mais illustradas  
Fizeram ao phenomeno os astrônomos.  
Commissões numerosas os governos  
Dos diversos paizes enviaram  
Para pontos diversos ; mas do nosso  
Illustre Portugal julgou-se improprio  
Gastar dinheiro em coisa tão pequena.

P'la rapida mudança dos planetas  
Em relação ás 'strellas, conhecia  
Ser muito mais veloz esta revoada  
Do que fôra a primeira ; e o florentino  
Meu bom amigo e mestre, compr'endendo  
As minhas reflexões, me diz : nós outros  
*Ad libitum* podemos estes vãos  
Fazer lentos ou rapidos ; a formula  
*Dê xis sobre dê tê* para os ditosos  
*É zero sobre zero* (5). Não te admires  
Da maior rapidez n'esta viagem ;  
Sei que és bom amador do theatro lyrico,  
E precisamos ir com mais presteza  
P'ra chegar ao principio do spectaculo  
Que na *Cidade dos Amantes Tragicos*  
Hoje é levado á scena.

V

A sociedade

Que do Venus prova a superficie  
É de almas bem formadas, que por isso  
Tal morada por premio conseguiram.  
Ha lá muitos pintores, muitos musicos,  
Muitos poetas tambem. Uns conquistaram  
No pantheon dos homens benemeritos,  
Por sabias producções, logar distincto ;  
Outros, se não firmaram p'ra seu nome  
Perduravel memoria, nem por isso

Deixaram de ser uteis mais ou menos.  
Mas todos tinham alma apaixonada,  
Da virtude e belleza sendo sempre  
Fieis e dedicados sacerdotes.

Tambem formosas damas, por bondade  
Innata da alma sua, ou por notavel  
Sacrificio d'amor ; jovens illustres  
Que de amor infeliz victimas foram,  
E ainda outros mancebos, cujos nomes  
A historia não conserva ; todos elles  
O premio estão gozando de tão nobre  
E honroso sentimento que nutriram.

Mansão de almas ditosas o planeta  
(Que já vemos de perto) em abundancia  
As riquezas tem todas que tem Jupiter ;  
E os seus habitadores organisam,  
Para passar o tempo, festas, bailes,  
Danças, concertos e saraus poeticos.  
Mas já vamos pousar, e sem demora  
Passas a conhecer tal paraíso. —

## VI

N'um recinto mais bello que o Rocio  
Ou Terreiro do Paço nos achamos.  
Tinha no centro um obelisco altissimo  
Todo de ouro maciço, supportando  
Um circulo de prata onde se lia  
Em letras de rubim: *aqui é a praça  
De Heloisa e Abailard.* — Se te appetitece,  
Disse-me o cicerone, algum *quod-ore*,  
Visitamos primeiro o restaurante,  
Antes de ir p'ra o theatro. — É bem lembrado,  
Lhe respondo, ir provar do vinho fino  
Que este paiz produz. — Seguimos logo,  
E n'uma sala 'splendida, adornada  
Das flores mais vistosas e odoríferas,  
Com bom prato de bifes milanezes

Nos foi servido um vinho delicioso  
Em copos de azas duas. Eram de ouro  
Tão trabalhado (os copos) como aquelle  
Com que Vulcano ministrava o nectar  
Do Olympo aos maganões, quando altercavam,  
Quaes regateiras, Jove e sua 'sposa ;  
Mas o bom manquitó co' a pingoleta  
Soube apagar a tempo aquella rixa  
Entre Jupiter, pai d'homens e deuses,  
E Juno recostada em throno de ouro  
(P'ra não dizer *auri-thronada Juno*).

Depois do beberete uns dois charutos  
De Manilha accendemos, e em seguida  
O meu bom, previdente companheiro  
A mudar de vestidos convidou-me  
Para ir devidamente apresentar-me  
E no theatro occupar um camarote.

## VII

Quem poderá contar as maravilhas  
Do theatro *Ignez de Castro*? A architectura,  
O luxo das cadeiras, camarotes,  
Os diamantes dos lustres, a brilhante  
Decoração das scenas, vestuarios,  
Eram tão sumptuosos, que de Ariosto  
Inventados palacios, ou das celebres  
*Mil e uma noites* fabulosos paços  
Egualar inda assim mal poderiam  
Tanta riqueza e ornato com que fôra  
Fundado aquelle theatro em homenagem  
De Dom Pedro á famosa, infeliz 'sposa.

Só da arte por amor, e nao por lucro,  
De canto a companhia se formara ;  
Bellini era o regente, e d'este mestre  
Ia uma opera nova ser cantada  
Por notaveis, distinctos *dilettanti*.  
Era o baixo absoluto Frei Lourenço,

Romeo tenor ; sua terna o meiga esposa,  
A formosa Julieta, era o soprano.  
Eram Paulo e Virginia secundarias  
Personagens na peça : por contralto  
Entrava a joven dama das Antilhas,  
Seu fiel namorado era o barytono.  
No serviço do palco os contra-regras  
Eram Bandello e o bom Luiz do Porto ;  
E até Felix Romani, o libretista,  
A ser ponto prestou-se de bom grado.  
Á porta n'um cartaz em lettras gordas  
Fomos lêr nós : *GUISMONDA, opera nova*  
*De Vicente Bellini.* — Eu já conheço,  
Disse para o meu mestre e sabio guia,  
O assumpto d'esta peça, e agora estimo  
Na scena theatral ir apreciar-o (6).  
Quero ver como é bem desempenhado  
O papel da princeza ; ha de ser bello  
Ver Frei Lourenço e a sua protegida,  
Julieta tão amavel, n'um duetto  
(Figurando um Tancredo, outra Guismonda)  
Queixas amargas, repr'ensões severas  
Jogaram entre si.—Pois sim, mas vamos  
Occupar, que é já tempo, o logar nosso —  
Me tornou Dante, e entramos para dentro.

### VIII

Depois de uma brilhante symphonia,  
De abertura chamada, começava  
Um côro de fidalgos, precedendo  
Do principe Trancredo a cavatina.  
Ouvida uma só vez, não posso agora,  
Parte por parte, analysar a peça ;  
Mas do enredo o summario em poucas phrases  
Deverei relatar. Aquelle principe,  
Monarcha de Salerno, á filha sua  
Adoravel Guismonda, já viuva

E joven inda muito, não cuidava  
De novamente procurar marido.  
Mas os annos corriam, e a princeza,  
Que da vida a estação mais agradável  
Bem aproveitadinha ver queria,  
E tendo-lhe o primeiro casamento  
De um segundo a vontade estimulado,  
Lembrou-se de emendar do pai a incuria.

Muitos varões illustres concorriam  
De Tancredo na côrte, mas Guismonda  
Poz os seus pensamentos n'um mancebo  
Dos de mais baixo estado. Era formoso  
E amavel muito o joven; preteridos  
Foram senhores de elevada esphera.  
Perdida a timidez, receio ou pejo,  
Com fé no sentimento que os olhares  
Do mancebo feliz lhe revelavam,  
Soube Guismonda com manhosa industria  
O seu bem informar de occulta via  
Pela qual da princeza aos aposentos  
Ir podia em momentos ajustados.  
Guiscardo, o amante bello e cuidadoso,  
Não perdeu tal ventura; e muito tempo  
De estes amores e engenhosa astucia  
Nem suspeitas sequer haver podia.  
Mas um funesto acaso, por desdita,  
Fez que o monarcha com seus proprios olhos,  
Escondido no quarto da princeza,  
O effeito presenciasse do descuido  
De não ter novo genro procurado.

Ardendo nos desejos de vingança,  
Reprimiu todavia os seus furores,  
E no dia seguinte fez ser preso  
Guiscardo, que de nada inda sabia  
E p'ra nova entrevista caminhava.  
Em seguida á viuva, infeliz filha  
Foi dirigir doestos e censuras;  
Com dignidade e brio a nobre dama  
Aquelle erro' ligeiro abonar soube,  
Mas de Tancredo a obstinação terrivel

Nem por isso é menor. N'esta passagem  
De um brilhante duetto me recordeo.

TANCREDO

Filial amor, respeito,  
Filha ingrata, me devias;  
Não 'sperei que descerias  
A uma tal degradação.  
Mas, se á chamma criminoso  
Acceder por fim quizeses,  
Pelo menos escolhesses  
Homem de outra posição.

GUISMONDA

Que honra e brio! Essa vergonha  
Pelo meu procedimento  
Tem por *nobre* fundamento  
De Guiscardo a condição!  
Sabe, ó pai desnaturado,  
Que a nobreza mais brilhante  
Tem meu bello e pobre amante  
Em seu terno coração.

Continuemos porem. Não desistindo  
O monarcha cruel do seu proposito,  
Matar ordena o misero Guiscardo,  
E o coração do desgraçado amante  
Dentro de um copo de ouro entregar manda  
Á desditosa filha co' estas phrases  
Que da alma os seios intimos 'spedaçam:  
*Por saber que te é caro, amada filha,  
Este brinde te envio p'ra teu gosto;  
Prazer equal te possa dar, qual deste  
Ao velho pai que a honra presa e estima.  
Mas a nobre Guismonda preperada*

'Stava p'ra toda a dor, e ao mensageiro  
Fallou sem lagrimar: *Podeis ao principe,  
Meu nobre e honrado pai, dizer que acceito  
O seu rico presente como prova  
Do desvelo, cuidado e amor paterno.*  
Depois um soliloquio... Inda me lembro  
Da romanza cantada por Julieta:

GUISMONDA

Co' os olhos do meu rosto,  
Ai triste, não 'sperava  
Poder-te ver; bastava  
Saber tua affeição.  
Caricias do amor nosso  
Do teu sincero affecto  
Aos olhos do intellecto  
Traziam convicção.

O principe irritado  
Offende lei, natura;  
Mas nobre sepultura  
Ao menos te quiz dar.  
Exequias só faltavam,  
Que ser já vão cumpridas,  
Com lagrimas sentidas,  
Com meu cruel penar.

E derramava copiosas lagrimas  
Sobre aquelle presente de Tancredo;  
Depois outro licor, que compozera  
Com hervas venenosas, foi lançado  
No mesmo copo de ouro. A resoluta,  
Animosa Guismonda o chega aos labios,  
Até a ultima gota o bebe todo.

No entanto as aias, que partido tinham  
O principe a avisar da dôr da filha,  
Em scena entram com este. A nobre dama

Envenenada morrø, perdoando  
Ao pai arrependido e que promette,  
Na mór consternação e desespero,  
Fazer aos dois exequias sumptuosas  
E encerral-os na mesma sepultura.

IX

Nem Norma nem Somnambula mer'ciam  
Tão 'strepitosos bravos, como aquella  
Celeste partitura de Bellini.  
Mas da noite a festança continuava  
Em casa da princeza Dona Branca  
Co' um baile 'splendidissimo. O rei mouro  
Aben-Afan, que a dama portugueza  
'Scolhera para esposo, recebendo-me  
Com o maior agrado, apresentou-me  
De amigos seus a illustre companhia.  
Encontrei lá Camões, Ovidio e Tasso  
A jogar a manilha ; n'outra mesa  
Estavam Miguel Angelo e Leonardo  
De Vinci no gamão encarniçados ;  
E até José Mauricio e Donizzeti  
Folgavam de jogar biscoas de nove !  
— Ora esta gente, disse, em bagatellas  
Não se envergonham de passar o tempo ? —  
Com o que tu cá vens, responde o mouro ;  
Deixa chegar as damas, que has de vel-os  
No jogo da berlinda ou padre cura.  
Não só para as creanças inventadas  
Foram taes brincadeiras ; lá na Terra  
Tambem para homens serios tendes coisas  
Par'cidas com taes jogos. Na berlinda  
São postos os ministros, deputados,  
Civis governadores, e outros muitos ;  
Tu mesmo, em tua esphera tão pequena,  
Tens lá por essa Coimbra alguns tratantes  
Que as abas da casaca bem te cortam.

Ha até no bairro alto uma botica  
Onde se juntam muitos maldizentes,  
Que não poupam ninguém, nem uns aos outros  
Conforme vão saindo: as próprias drogas,  
Quando todos se ausentam, fazem figas,  
Por não poder fallar, ao dono d'ellas!

Mas a orchestra signal dá para as danças,  
E podes tirar par, se é do teu gosto.

X

Entre as damas gentis que concorriam  
De Dona Branca á festa, a mais galante  
Era a princeza Herminia, a nobre filha  
Do monarcha que tinha de Antiochia  
O governo e poder, quando os cruzados  
Assolar foram estas e outras terras  
Dos filhos do crescente. Como um bravo  
Em defesa morreu dos seus dominios  
O pai da linda joven; mas Tancredo,  
Dos christãos o mais nobre cavalleiro,  
Foi protecção, amparo da pobre orfã.

O seu digno cantor, Torquato Tasso,  
O favor fez de apresentar-me á bella  
Princeza musulmana; e a linda Herminia  
Honrou-me co' a primeira contradança.  
Tive por *vis-à-vis* o bem Ariosto,  
Que a terna Flordeliz p'ra par tirara.  
Este meu *vis-à-vis* foi par marcante,  
E soube dirigir marcas mais lindas  
E engraçadas figuras do que aquellas  
Que em Veiroz (7) muitas vezes eu fazia  
Executar aos pares lafonenses,  
As danças animando nas partidas  
De um meu presado amigo. Em contra-marchas,  
Cadeias, espiraes e outras monobras,  
Acceitar bem podia lições optimas  
Do jocoso e satyrico poeta.

Co' a filha de Brabancio, a desditosa  
Desdemona, a honra tive de uma walsa  
Dançar vertiginosa ; era mais linda,  
Mais cadente e agradável pela musica  
Que a da Senhora Angot no acto segundo.

Meu par n'uma sueca foi Simona,  
Essa esvelta fiandeira florentina  
Do mancebo Pasquino amante e amada,  
Que, p'ra justificar-se da funesta  
Subita morte do seu bem querido,  
Ante o juiz e seus accusadores  
Uma folha colheu da mesma salva  
Que fôra tão fatal ao desditoso ;  
Com ella esfrega os dentes, e o veneno  
Não tarda a produzir o mesmo effeito  
Ao qual o amante seu já succumbira (8).  
Terminaram os dois no mesmo dia  
A vida e amor terreno ; mas agora  
Na celeste mansão vivem felizes  
Sem temer algum sapo que envenene  
Os seus dias de amor e de ventura.  
Se hoje os sapos não são já venenosos  
E, sem p'rigo, da salva pôde a folha  
Para limpar os dentes ser usada,  
Não deixa cá no mundo de haver *sapos*  
De veneno moral ; são os más linguas,  
Na intriga e na calumnia bons discipulos  
De Dom Basilio, o pai dos mexericos.

Dancei muitas mazurkas, escocezas,  
Joguei jogos de prendas, té que a aurora  
A todos avisou que era já tempo  
De ir cada um no descanço preparar-se  
Para outras eguaes festas ou diversas.  
Dos furores de Orlando o vate insigne  
Quiz fazer a fineza de hospedar-nos ;  
Acceitamos a offerta, e gozar fomos  
De um sonho bem dormido horas 'squecidas.

**Fim do canto segundo.**

# NOTAS

AO

## CANTO SEGUNDO

---

---

(1)

Na recente publicação do sr. João José de Sousa Telles, intitulada *Os exames de instrução primaria e secundaria*, se faz uma analyse muito sensata das causas que têm reduzido o ensino secundario ao miseravel estado em que se acha. O auctor do opusculo deveria ás pessoas indicadas no mesmo juntar tambem os legisladores.

Em 1871 a camara electiva *abafou nas commissões* uma reforma muito razoavel da instrucção secundaria, trabalho do sr. Bispo de Vizeu. Deixou substituir a legislação que vigorava, e que o poder executivo peorou mais com a alteração e desordem de 1873, a qual ainda dura.

Para o ensino da philosophia e bellas letras propoz o sr. deputado Dr. Antonio José Teixeira a creação de tres faculdades no paiz. Em 1874 foi a proposta *abafada*; renovada em 1875, não chegou a ser discutida.

---

(2)

Celebre salteador. Ainda hoje se contam na

Beira Alta furtos e roubos engraçados d'este bandido, e chistosas evasivas com que lograva a perseguição das auctoridades.

---

(3)

Rico usurario na comedia de Shakspeare intitulada *O mercador de Veneza*.

---

(4)

Tabellião que figura no romance de Eugenio Sue *Os mysterios de Paris*.

---

(5)

Para os leitores que não sabem mathematica não explicamos estes dois versos, porque não entenderiam a explicação; para os mathematicos também não, porque não precisam.

Advertimos porém os que não sabem mathematica que introduzimos unicamente por adorno esta *tautologia*; a significação é o que já fica dito nos versos antecedentes. Aos mathematicos diremos que, por necessidade da metrificacão, escrevemos a *leitura figurada* e não a formula

$$\frac{dx}{dt} = \frac{0}{0},$$

a qual não é outra cousa mais do que a traducção em analyse mathematica de um dos *dotes do corpo glorioso* ensinados nos cathecismos da doutrina christã.

(6)

Este episodio que se lê no texto é tirado da *novella 1.<sup>a</sup>, giornata 4.<sup>a</sup>, do Decamerone de Boccacio.*

---

(7)

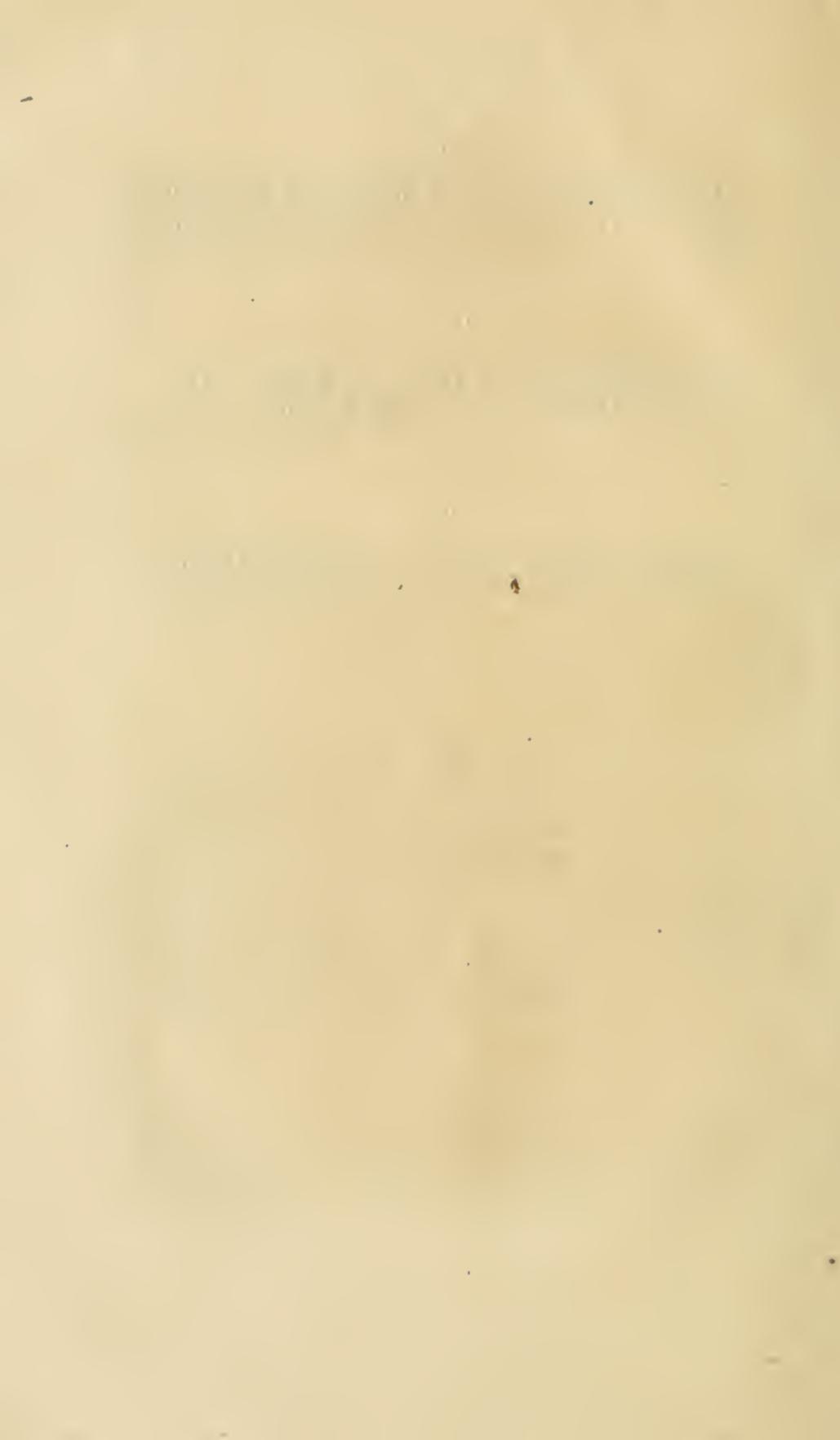
Em casa do sr. José Correa de Lacerda, respeitavel cavalheiro de S. Pedro do Sul.

---

(8)

Veja-se BOCCACIO, *Decamerone, giornata 4.<sup>a</sup>, novella 7.<sup>a</sup>*

---



## CANTO TERCEIRO

CONTINUAÇÃO DA VIAGEM NO PLANETA VENUS;  
VIAGEM A MARTE

---

### I

As almas fortunadas, que de Venus  
Nos continentes e ilhas têm morada,  
A mais bem entendida convivencia  
Observam entre si. Por sympathia,  
Os que na terra foram desditosos  
Nos seus amores, mais e mais estreitam  
Relações de amisade no outro mundo,  
E na *Cidade dos Amantes Tragicos*  
Estão domiciliados a mór parte;  
Não deixam todavia de em viagens  
Pelo-mesmo planeta, ou inda n'outros,  
Gozar mui divertidos, bellos dias,  
Ha no *Mar dos Prazeres* uma extensa  
E formosa ilha; os seus habitadores  
Foram gente feliz nas aventuras  
Da idade juvenil, bem que alguns d'elles  
Houvessem muitos golpes da desdita  
E de amargo soffrer exp'rimtado.  
De esta ilha afortunada, entre outros muitos,  
Na villa principal têm residencia  
A formosa Genebra e o generoso  
Ariodante, esposo dedicado  
Da gentil escoceza (1); outros patricios  
De este affectuoso par, Edith Bellenden

E o esposo Henrique Morton, não menos  
São dignos habitantes de tal ilha (2),  
Mas ha poucos como estes, e de gente  
Obscura sim, mas digna da vivenda,  
Grandes, notaveis villas são compostas.

Um irmão de Genebra, o bom Zerbino,  
Distincto cavalleiro e o mais formoso  
Que a natureza houvera produzido (3),  
Com a meiga Isabel feliz vivia  
Dos tragicos amantes na cidade,  
E do nosso hospedeiro era dos grandes  
E melhores amigos.

## II

Uma tarde

O serviçal Zerbino convidou-nos  
Para um passeio á ilha; já não tinhamos  
Mais que ver na cidade, e promptamente  
Acceitamos gostosos tal convite.  
Já por mar, já por terra apreciadores  
Eramos dos caminhos e passagens,  
Que andar morosamente preferimos  
Para eu formar ideia mais completa  
Do mar e terras do planeta Venus.

Depois de varios dias de caminho  
N'um povoado extenso nos achamos  
Que de *Villa Patusca* tem o nome.  
Do nosso companheiro a irmã galante  
Nos acolheu com toda a cortezia,  
E mais de uma semana não cessaram  
Os banquetes, passeios, serenatas,  
Regatas, bailes, que a formosa dama  
E o nobre Ariodante aos forasteiros  
Para maior obsequio preparavam.  
Mas, tempo me par'cendo de outros mundos  
Procurar conhecer, aos meus amigos  
Occultar não quiz mais este desejo.

Irás, me diz Genebra; esse é teu gosto  
Não quero contrariar-o. Mas primeiro  
Espero quererás ir no theatro  
Da nossa boa terra ouvir uma opera  
Da qual é meu marido o librettista,  
E a musica fiz eu. Vai hoje á scena,  
E é do genero comico; não gostas?  
— Se gosto! Isso pergunta-se? Mais cedo  
Estimaria até ter essa dita. —  
Precisava de ensaios, torna a dama,  
E mais cedo não pôde ser cantada  
A nossa opera comica. É seu titulo  
*Raio do Mundo, o perfido malaio.*

### III

De uma opera burlesca a muita gente  
Importa pouco conhecer o enredo;  
E n'algumas é tal que, se não lermos  
O libretto primeiro, um labyrintho  
A acção vem a par'cer! Na d'Ariodante  
Engraçada comedia todavia  
O fio descobri da patuscada  
Organisada e sempre dirigida  
Pelo devasso e vil protogonista.

Em terras de Parvonia houve um convento  
Mixto de frades cruzios e bernardos;  
Todos no culto externo eram conformes,  
Mas cada um adorava um deus diferente  
Muito pela calada. Um frade amava  
De Pluto o culto sordido e avarento,  
Este a Baccho, aquell'outro ao deus Priapo  
Homenagens rendia, e d'entre todos  
Por excepção alguns havia honrados.  
O estado este era da ordem; compr'endiam-se  
Todavia os maraus, nem se poupavam,  
Uns dos outros cortando nas cazacas  
C'o a lingua por tesouras; no mosteiro

Um equilibrio instavel se mantinha  
Apesar d'isto tudo. Era evidente  
Que ser distincto em vicios uma prenda  
Vinha a ser de valor e mer'cimento  
P'ra o malhete empunhar da chafarica.

Um dia que em capitulo eram junctos  
Aquelles bons amigos e sinceros,  
A Discordia, não tendo já mais pomos,  
Um pipo fez rolar cheio de vinho  
Na sala monachal com a etiçeta:  
*Para o bebedor mór da confraria.*  
Então aquelles frades, pretendendo  
Fazer jus ao presente da Discordia,  
Começam por botar grandes discursos,  
Cada um advogando a causa sua.  
Mas de pulmão a esgrima era impotente  
Para a sentença dar de tal pendencia,  
E os frades, dos doestos, grosserias  
Esgotado o armazem, os murros jogam.  
Os murros? Digo mal; jogam os couces,  
E por acaso o pipo escangalharam,  
Que continha o motivo da balburdia.  
— Meus irmãos, que fizemos? — grita um monge  
(Dom Frei Raio do Mundo era o seu nome),  
Do qual a côr do rosto, parecida  
Co' a azeitona madura, revelava  
Ter nas veias fradescas outro sangue  
Que não gyra nas veias caucasianas.  
— Que fizemos irmãos? Jaz derramado  
O gostoso licor por que brigavamos;  
Eia, de bruços já, bebamos todos  
Alguma pinga ao menos, e em seguida  
A sessão começada continuemos  
Na sancta paz do padroeiro nosso.—  
A proposta agradou; curvam-se todos,  
Bebem vinho com lama, e concluíram  
A sessão, entoando o côro da ordem:

É mister, para engordar,

Que se abaixa a cabecinha  
Té ao chão ;  
Quanto mais poder dobrar,  
Dobre um frade a sua espinha  
P'ra agradar  
Do convento ao abbade ou guardião.

IV

Em sancta paz a scena terminava  
Da fradesca assembleia, mas o preto  
Alcoolico licor pozera os cerebros  
Dos cruzios e bernardos em desordem.  
Da sala do capitulo partiram  
Junctos para a taberna, e bambuchata  
Foram ter de mais pinga e cantarola,  
De um noviço a patente festejando.  
Da peça o acto segundo principia  
Por uma cançoneta de Frei Raio :

RAIO DO MUNDO

1.<sup>a</sup>

Na taberna as patuscadas  
São por mim mais procuradas  
Que no côro a obrigação.  
Olá, senhora patroa,  
Dê p'ra aqui sardinha e broa  
E um pote de cascarrão.  
Sou Raio do Mundo, olé ;  
Ser devasso é o meu filé.

CÔRO

É Raio do Mundo, olé ;  
Ser devasso é o seu filé.

RAIO DO MUNDO

2.<sup>a</sup>

Da nossa communidade  
Deve saber cada frade  
A força que aqui me traz ;  
E mostrar ao meu povinho  
Que bebo cachaça e vinho  
Como ninguem é capaz.  
Sou Raio do Mundo, olé ;  
Ser borracho é o meu filé.

.CÔRO

É Raio do Mundo, olé ;  
Ser borracho é o seu filé.

Depois segue-se um côro, uma inferneira  
De desafinações e gritaria,  
Canções de meretrizes, jogatinas,  
E terminava a festa, proclamando-se  
Raio do Mundo o rei dos Borrachões.  
Coroam-no de pampanos, o um thyerso  
Lhe entregam por insignia; sobre um pipo  
A cavallo o collocam, e em triumpho  
É levado por toda aquella gente  
Com muitos vivas e hurras. Cae o pano.

V

De Edith Bellenden um chalet vistoso  
Marcado logar foi p'ra a despedida  
Dos dois visitantes; n'uma tarde

Lá compar'cemos todos, eu e Dante,  
Nosso hospedeiro, amigos e parentes.  
Notei a falta do album de retratos  
Que trazia Allighieri, e com franqueza  
Me disse uma senhora : inda tem poucos,  
E estão alguns pintores, habitantes  
De este bello paiz, encarregados  
De o acabar de encher. Quando na volta  
Aqui vieres descançar de novo  
Antes de regressar para Coimbra,  
Então com mais vagar daremos vista  
À collecção de taes photographias ;  
Agora, meu doutor, vamos à Marte.  
— Oh que fortuna a minha ! Pois amado  
Eu posso ser por almas do outro mundo  
Tão gentis como vós ? — Que brincadeira,  
Meu bom calemburista ! Partir vamos  
P'ra te mostrar em Marte as almas reprobas  
Dos rixosos, bulhentes, sanguinarios. —

VI

Se alguém me perguntar quem era a dama  
Tão cortez para mim, que se dispunha  
A acompanhar-me ao rubido planeta,  
Direi ser a famosa Olympia Gaia (4)  
Que uns doutores de Coimbra amaram muito,  
E que mais tarde foi na arte dramatica  
Em Lisboa buscar melhor fortuna.  
Muito tempo porém n'esta carreira  
Adiantar-se não póde a linda joven ;  
De lenta consumpção, desfinhamento,  
Qual Dama das Camélias, dentro em breve  
A infeliz rapariga foi ser victima.  
Perdeu a humanidade uma alma d'anjo ;  
Mas hoje a antiga forma e juventude  
Saude e robustez a bella Olympia  
Possue lá n'esse orbe afortunado

De mocidade eterna e amor perpetuo.

Da *divina comedia* o auctor insigne  
Me disse por sua vez: — Caro discipulo,  
Assim como das vidas lá na Terra  
Aos dias de alegria e de ventura  
Succeder acontece prolongados  
Os dias de desgraça e contratempos;  
São as c'roas de louros muitas vezes  
Das corôas de espinhos percursoras,  
E de Pilatos torna-se em varanda  
O logar que já fôra Capitolio;  
Assim um orbe de almas condemnadas  
A este astro se succede de almas boas.  
Não me refiro á Terra, essa é tua patria  
Em quanto lá viver te consentirem  
(Eu tambem tive patria e fui proscrito);  
Conhecel-a algum tanto, nem para isso  
Te fui eu convidar. De Marte eu fallo,  
Que dos astros errantes sup'riores  
Vem o primeiro a ser. É destinado,  
Como acabas de ouvir, para castigo  
Das almas dos malvados que na vida  
Foram dos seus irmãos flagello horrivel.

Sabes perfeitamente como victima  
Da politica infame eu fui na Italia;  
Mer'cida punição dos seus delictos,  
Sequestros, roubos, soffrem hoje os guelfos.  
Mas, amigo, desculpa-me; eu não quero,  
Nem como cicerone, ir novamente  
Ver aquelles ladrões; bastem-lhe os tratos  
Que os demonios, seus guardas, lhes ministram.  
Não se dá já porém egual motivo  
Contigo, meu doutor, que esta viagem  
Para instrucção sómente andas seguindo,  
E até sem ter subsidio do governo.  
Dispensa-me, por tanto; e d'esta dama  
Acceita os bons serviços e conselhos.  
Espero-te encontrar no orbe de Jupiter,  
E acompanhar-te n'esse e outros planetas. —

VII

Assim disse Allighieri e sem demora  
N'um lindo palanquim me off'rece entrada  
Ao lado da galante e meiga Olympia.  
Tinha um registo e leme o carro aereo;  
Este p'ra a direcção, o outro servia  
P'ra reger da viagem o andamento,  
Parando, accelerando ou retardando  
Do carro os movimentos. Boa viagem  
Nos diz aquella illustre companhia,  
E tocando uma mola do registo  
Ao palanquim fizemos tomar curso.

A bella Olympia, o leme governando,  
Entrega-me um binoculo e accrescenta:  
— Ah! tens; esse instrumento é mais perfeito  
Do que os melhores oculos na terra.  
Serve p'ra ver, mesmo a travez dos muros,  
E, se queres tambem ouvir conversas  
Ou discursos ao longe, o botão calca  
Juncto do parafuso. A superficie  
Não devemos pisar do orbe de Marte,  
Quasi toda de sangue está coberta  
Da gente condemnada; essa côr rubra  
Que mui bem se percebe em tal planeta  
Tem n'elle a sua causa. Andam correndo  
Por sobre o orbe maldito onças, pantheras,  
Leões e tigres, ursos esfaimados,  
Despedaçando e devorando os homens  
E mulheres tambem, cujas maldades  
Committidas em vida agora pagam.  
Mas, qual de Prometeu no alto do Caucaso  
O figado que o abutre devorava  
Sem cessar renascia, e novo pasto  
Era sempre d'aquella ave rapace  
(Em quanto o grande Alcydes ao tormento  
Do triste agrilhoado não poz termo,  
Mattando com suas frechas a ave imnunda

E soltando o infeliz), assim os membros  
D'aquelles condemnados novamente  
Se organisam e junctam, e outras feras  
De mais vezes comel-os, 'spedaçal-os  
O cuidado não perdem. Ver devemos,  
P'ra te mostrar alguns mais afamados  
Dos taes faccinorosos, mas de longe  
Em segura distancia. Agora um pouco  
Podemos demorar-nos juncto á Terra  
Antes de ir mais acima; talvez 'stimes  
Ver o que por lá vai. Eu travo o carro. —

VIII

Fizemos alto; pego no binoculo  
De uma tal maravilha, e a linda Olympia  
Se serve de outro igual e me pergunta:  
O que observas com mais curiosidade?  
Eu respondi: Da camara electiva  
Quero ver em Lisboa os afanosos  
Serviços e trabalhos importantes.  
Mas por em quanto *nicles*; já duas horas  
São quasi no relógio de San Bento,  
E os operarios inda não têm pressa  
De entrar para a officina. A nação paga-lhes  
Para fabricar leis; trabalhar devem  
E apparecer á hora designada.  
Quando eu era estudante havia penas,  
A nota de uma falta, se chegava  
Depois da hora marcada para as aulas;  
Ora quem faz taes leis não deve exemplo  
Dar de punctualidade? Isto é mercado  
Onde póde ir cada um quando bem queira?  
Mas no mercado é o freguez quem paga;  
E ali paga o paiz aos deputados  
Para fazer leis boas. Pouco fazem  
(E para isso bastavam tres semanas),  
E a paga elles recebem que compete

A tres mezes de bom e util serviço !  
Lembra-me agora, quando essa reforma  
Da Carta, que o Governo propozera  
(P'ra que se não dissesse que faltava  
No discurso da c'rôa ao promettido),  
A uma commissão foi consignada  
Para esta dar par'cer, bem que pequena  
E leve fosse a emenda pretendida  
Para julgar a qual bastava um dia,  
Foi necessario ser interpellada  
A tal commissãosinha p'ara dar contas  
Da tarefa incumbida ! Tão remissos  
Nunca foram de Coimbra os estudantes  
Em entregar aos lentes os trabalhos,  
Dissertações chamados, e exercicios.  
Se n'algum dos planetas é punida  
A preguiça, por certo lá devemos  
Dos fallecidos lusos deputados  
A mór parte encontrar. — Enganadinho  
Como estás, meu doutor ! me torna Olympia.  
Sabe, amigo, que de essa tanta gente,  
Que o popular mandato anciosa busca,  
Muito pouca, por certe, e á que no septimo  
Dos peccados mortaes tem graves notas.  
No primeiro e segundo a maior parte  
Têm o caderno cheio, outros no sexto,  
Alguns até no quarto ; e não sómente  
'Stão n'elles compr'endidos deputados,  
Mas dos pares do reino algum se conta  
Que em todos estes quatro dos taes septe  
Tem o cartorio cheio. Os iracundos  
Vão p'ra Marte, os soberbos p'ra Saturno ;  
E se Mercurio houvesse visitado  
Verias muitos outros, que de alheias  
Posições e fortunas usurparem  
De consciencia não têm o menor 'scrupulo.  
Mas de esse tal mercado que tu dizes,  
Por que já são agora os dias ultimos,  
De arranjar seus negocios só se importa  
Todo o feirante esperto ; a nação tenha

O dever de atural-os e mantel-os  
Para deixar andar as coisas publicas  
Na desord'em que estão. Por isso ávante  
Será melhor que vamos em demanda  
Do planeta que fôra ao grande Kepler  
Assumpto de trabalhos os mais uteis  
Á moderna e segura astronomia (5).

IX

O carro destravou, seguindo o rumo  
Para o planeta Marte, e continuava  
Minha illustrada e amavel companheira :  
— Por ser dos mais excentricos, podiam  
De este astro as posições bem observadas,  
Melhor que outras, guiar o habil astronomo  
A descobrir a causa verdadeira  
Das differenças co' a orbita supposta.  
Nem inda a curva oval, peor o circulo,  
Satisfazer podiam ; só a ellipse,  
Tendo o sol n'um dos focos, se adaptava  
Das fieis observações ás exigencias.

Uma das leis famosas, que este sabio  
Primeiro descobriu, fica evidente ;  
E não tarda em achar a lei das areas.  
P'ra obter porém a relação incognita  
Entre os eixos maiores das suas orbitas  
E os tempos despendidos no percurso  
Das mesmas, p'ra os planetas differentes,  
Vinte e dois annos foram necessarios  
De observações, de calculos, trabalhos,  
Conjecturas e innuteis tentativas !  
Mas do sabio a paciencia, a habilidade,  
Vigoroso talento venceu tudo ;  
E co' as leis immortaes que honram seu nome  
A Newton preparou todo o caminho  
Para a lei da attracção, se é que primeiro  
Não foi já pelo pobre e sabio Kepler

Em parte suspeitada. Homem tão celebre,  
Tão util á sciencia, á humanidade,  
Luctou co' a desventura, co' a miseria ;  
Como ajudante do famoso Tycho,  
Pequeno vencimento consignado  
Foi a tão grande astrónomo, e esse mesmo  
Miseravel 'stipendio tão mal pago  
Lhe costumava ser, que o pobre sabio,  
P'ra não morrer de fome, usou da industria  
De fazer repertorios com prognosticos,  
Juizos d'anno e quejandas frioleiras  
De lavradores e outra gente credula ! —

X

Muito bem, muito bem, disse eu ; não pouco  
Mostras saber de sciencias astronomicas.  
— E que tem isso ? Admira-te ? Não sabes  
Que em Coimbra alguma cousa aprender pude ?  
(Me torna promptamente a esperta Olympia).  
De uns doutores da tua faculdade  
A favorita fui por muito tempo,  
E até na minha casa varias vezes  
Sobre as *tabuas da lua* alguns trabalhos  
Um d'elles adeantou, em quanto os outros  
No cavaco comigo se entretinham  
E, á falta de outro assumpto, conversavamos  
Em coisas de sciencia e biographias.

Mas deixemos agora a astronomia ;  
E por estarmos perto já de Marte,  
Torna a mão a lançar do teu binoculo  
E, quaes aves voando, avistar vamos,  
Circundando este globo, os varios sitios  
Por onde errantes correm os perversos  
Cains de todo o tempo, e que são pasto  
De demonios crueis transfigurados  
Em ursos, tigres, lobos e outras feras.

**Fim do canto terceiro.**



# NOTAS

AO

## CANTO TERCEIRO

---

---

(1)

O episodio de Genebra é Ariodante no *Orlando Furioso* começa perto do fim do 4.<sup>o</sup>, continua em todo o 5.<sup>o</sup> e conclue-se no 6.<sup>o</sup> canto d'aquelle bellissimo poema de Ariosto.

---

(2)

Veja-se a novella de Walter Scott intitulada *O Ancião dos cemiterios* ou *Os Puritanos da Escocia*.

---

(3)

Natura il fece e poi ruppe la stampa.

ARIOSTO, *Orl. Fur.* canto X est. 84.

---

(4)

Pelo anno de 1852 e seguintes floresceu em Coim-

bra uma rapariga, que de um dos seus primeiros amantes herdou o alcunho de *Gaia*. Outro era o seu nome do baptismo, mas como ella em 1855 tinha escolhido e gostava de ser chamada *Olympia*, é com este nome designada no curso do poema. Por esse anno e já antes estava ella por conta de tres lentes da Universidade e mais um quarto socio que não era lente. Mais tarde, dissolvendo-se a sociedade, *Olympia* ficou ainda em Coimbra recebendo visitas, mas pouco depois foi para Lisboa e contratou-se n'uma companhia dramatica. Morreu de ahi a alguns annos.

---

(5)

João Kepler, o maior astronomo dos tempos modernos, nasceu em Magstatt em 27 de Dezembro de 1571 e falleceu em Ratisbonna em 5 de Novembro de 1630, indo lá reclamar o pagamento dos seus ordenados em debito.

Luctando com difficuldades para seguir os estudos, deveu á protecção do Duque de Wertemberg entrar para um dos collegios sustentados por este principe; foi depois estudar na Universidade de Tubingue e ahi recebeu graus em 1589 e 1591.

Por comprazer ao seu protector, acceitou em 1593, succedendo a Stadio, a cadeira de mathematica e de moral em Gratz, e acabou por se dedicar com gosto e vontade aos estudos astronomicos. Perturbações politicas e religiosas o obrigaram a expatriar-se em 1598; em 1600 regressou a Gratz, mas novamente teve de fugir.

Foragido e sem fortuna, procurou em Praga a Tycho-Brahe, o qual pôde obter-lhe uma pequena collocação como mathematico imperial e seu ajudante de astronomia; mas não só era pequeno o ordenado que se lhe abonava, mas ainda esse muitissimo mal pago. Aquelle patriarcha da astronomia

moderna teve de recorrer á industria de *Borda d'Agua* para arranjar pão para si e sua familia!

Em 1613 foi nomeado professor de mathematica em Lintz, e em 1629 passou a ensinar a mesma disciplina em Sagan.

São muitos e importantissimos os trabalhos de este sabio astrónomo.

Foi Kepler o primeiro que, pela theoria das refrações e antes de Scheiner, deduziu *a priori* a fórma elliptica dos discos do sol e da lua no horizonte. Suspeitou a rotação do sol e a de jupiter; devem-se-lhe as *Tabuas Rudolphinas*, as primeiras tabuas astronomicas calculadas sobre a verdadeira hypothese dos movimentos celestes. Sobre tudo, na obra que mais o illustra, *Astronomia nova sive physica cœlestis tradita commentariis de motibus stellæ Martis*, com as famosas leis que descobriu sobre os movimentos dos planetas, e que immortalisam o seu nome, abriu as portas á verdadeira astronomia e tornou-se o precursor de Newton e de Laplace.

---



# CANTO QUARTO

## VIAGEM AEREA EM TORNO DO PLANETA MARTE

---

### I

A poucos metros já de uma elevada  
Serra do orbe de Marte nos achavamos,  
E solitaria avisto entre fraguados  
Uma dama afanosa que par'cia  
Chorar desesperada e lamentar-se,  
Com frenezi 'sfregando as mãos nas pedras.  
Então calco o botão do meu binoculo  
Para melhor ouvir os seus lamentos,  
E escuto entre gemidos estas phrases :  
— Vai-te d'aquí, maldita, ó mancha infame ;  
De remorso e tormentos alguns seculos  
Te deveram lavar, e tu persistes,  
Persistes em marcar n'esta mão reprobada  
O meu nefando crime. Ai, regia c'rôa,  
Por cuja causa tanto sangue e lagrimas  
Ser derramado fiz, quantos tormentos  
E remorsos crueis ora me custas! —

Curioso me tornei e digo a Olympia :  
Mais perto nos chegemos, se me é licito  
Poder interrogal-a. A amavel joven  
Accede promptamente ao meu pedido,  
E perto já da desditosa dama  
Gritei : Ó alma afflicta e desgraçada,

Se o confessar o crime te dá allivio,  
Ouvir desejo a historia dos teus erros.  
— Ó tu, me disse então a condemnada,  
Que vens ver a morada dos perversos,  
De dois ambiciosos deshumanos  
Ouve os horriveis, espantosos crimes.

Em vida fui na Escocia illustre dama,  
Esposa de Macbeth, senhor de Glamis,  
General e parente do rei Duncan.  
Valente e destemido, o meu consorte  
Era um raio no campo das batalhas,  
Mas o amor das grandezas, poderio,  
Que a nós dois dominava, achava pouco  
A gloria só das armas. Quando o bravo  
N'um dia de victoria regressava  
Soberbo do seu merito, a encontra-lo  
Correram pressurosas do Destino  
As juradas irmãs, infames bruxas,  
E de Cawdor senhor o proclamaram,  
Mais iuda rei da Escocia; o illustre Banquo  
De reis progenitor ali saudado  
Foi tambem pelas mesmas prophetisas.

O generoso rei, que aos bons serviços  
De Macbeth victorioso quiz dar premio,  
De Cawdor dá-lhe o titulo, que vago  
Acababa de ser, e assim cumprido  
Viu meu 'sposo o primeiro vaticinio.  
Que mais faltava a uma alma devorada  
Toda pela ambição? Tinham-lhe as bruxas  
Da Escocia o regio throno promettido,  
E cumprido devia ser o oraculo,  
Fosse embora preciso sobre o sangue  
E cadaver do seu monarcha e amigo  
Subir d'elle os degraus. Irresoluto  
Em commetter tão grande atrocidade  
Era porém Macbeth; minha coragem  
O consorte animou ao regicidio,  
E eu mesma a apunhalar aquelle principe  
Co' estas mãos ajudei, quando uma noite,  
Mais uma vez honrando o meu castello,

Veio n'elle hospedar-se. Ai, mancha horrivel  
De sangue, humano sangue, aqui 'stá sempre  
N'esta maldita mão!

II

Da Escocia o throno  
Chegamos a occupar, porém segura  
Não 'stava a dynastia; as mesmas bruxas,  
Que a nós a regia c'rôa prometteram,  
Haviam declarado que do Banquo  
Teriam de reinar os descendentes.  
Um crime arrasta a dois, a tres e a muitos;  
Nova traição juntamos á primeira,  
E de Banquo e seu filho preparamos  
N'uma emboscada a morte. Apunhalado  
Cae o pai pelos ferros dos sicarios  
Que tinhamos comprado, mas Fleancio,  
O filho d'esta victima, escapar-se  
E fugir pôde á morte, aos assassinos.  
Frustrado o nosso intento, segue-se outra  
Contrariedade a transtornar o gozo  
E prazer de reinar. Lauto banquete  
Da côrte aos grandes, nobres e senhores,  
Com magestade e pompa dar quizemos;  
E (quem diria!) o espectro do valente  
E assassinado Banquo se apresenta,  
Visivel só p'ra o rei, a incriminal-o  
Co' a funesta presença. A horrivel vista  
Perturba do meu 'sposo a força d'alma;  
O covarde tem medo, e solta phrases  
Esconjurando o espectro a retirar-se.  
Enganei todavia os meus convivas,  
Dizendo ser molestia passageira  
Que ás vezes meu consorte atormentava;  
Mas da festa o prazer ficou perdido,  
E na mente do rei não cessa a imagem,  
A funesta visão d'aquelle espectro,

De inquietar a razão, té que de novo  
Se resolve a buscar as feiticeiras  
P'ra saber o futuro.

III

Á horrivel gruta  
Das irmãs do Destino o rei da Escocia  
Desceu a interrogal-as. Ouvir queres,  
As bruxas lhe disseram, de nós mesmas,  
Ou dos demonios, nossos mestres e amos,  
Os vaticinios? Fallem os demonios,  
Disse o rei. De um trovão acompanhado,  
Um phantasma da terra se levanta  
(Cabeça e capacete) e diz ao principe:  
*Macbeth, Macbeth, Macbeth, acautelar-te*  
*Deverás de Macduf, senhor de Fife.*  
Depois outro phantasma (era um menino  
Ensanguentado todo) lhe apparece:  
*Macbeth, Macbeth, Macbeth, ser sanguinario*  
*E destemido pódes; nenhum homem*  
*Nascido de mulher matar-te deve.*  
Inda veio terceiro (outro menino,  
Mas c'roadado e na mão trazendo um ramo):  
*Como um leão, Macbeth, sé corajoso;*  
*Invencivel serás em quanto o bosque*  
*De Birnam não marchar ao teu encontro*  
*P'ra combater contigo em Dunsinane.*

Taes dos demonios foram os conselhos,  
E o intruso rei da Escocia inda mais victimas  
Determinou fazer. Macduf havia  
Fugido p'ra Inglaterra; mas as folhas  
Dos punhaes assassinos encontraram  
A esposa e filhos do senhor de Fife.

IV

Quem do crime o caminho adopta e segue  
Tem, cedo ou tarde, a punição devida.  
Tanto sangue innocente derramado  
Estava reclamando asp'ro castigo,  
E para destronar-nos chegam tropas  
De Inglaterra; Macduf as acompanha  
Para da Escocia collocar no throno  
Malcolmo, do rei Duncan nobre filho.

P'ra melhor occultar a marcha sua  
E desaperebidos surpr'ender-nos,  
De Birnam na floresta um ramo corta  
Cada soldado, e segue caminhando  
Aute si tendo o ramo p'ra encobrir-se.  
Um bosque em movimento figurava  
Aquella expedição; cumprido o oraculo  
Não deixava de ser! Quando eram proximos,  
Largando os ramos, puxam das espadas,  
E o combate se trava. O meu consorte  
Do segundo demonio nas promessas  
Inda tem confiança, mas de frente  
Se apresenta Macduf, vingando a patria,  
Vingando esposa e filhos. Do materno  
Ventre tirado fôra, e não nascido!

Caiu a usurpação. Fallara o inferno  
A verdade, illudindo os ambiciosos;  
E agora n'este reino dos tormentos  
Somos pasto das feras esfaimadas.—

V

Tinha Lady Macbeth a narrativa  
Apenas concluido dos seus crimes,  
Eis que de lobos chega uma alcateia  
Uivando ferozmente; a desgraçada

Asylo onde se esconda em vão procura,  
(Nem licito nos era o facultar-lhe  
O nosso palanquim), e dos vorazes  
Carniceiros quadrupedes é presa.  
Não quiz ver mais; ao carro então fazendo  
Tomar um outro rumo, para Olympia  
Disse: Que exemplo horrivel esta dama  
É para os ambiciosos! Devorada  
Agora pelos lobos e outras feras,  
Já lhe não aproveitam os remorsos  
De haver tirado a vida ao rei da Escocia,  
Ingratidão enorme commettendo,  
E traição juntamente. De outras damas  
Como esta ambiciosas e assassinas  
Por certo inda ha cá mais. Lucrecia Borgia,  
Dize, está aqui tambem?—'Sta, vamos vel-a,  
Responde a minha boa companheira;  
De essa familia ha aqui bastante gente,  
Inclusivè o Alexandre, que de Pedro  
Já a barca dirigiu p'ra mal da Igreja.  
Adultero, assassino, incestuoso,  
Bulhento co' os visinhos dos seus 'stados,  
Avarento e ladrão, de vicio e crimes  
Um armazem era Alexandre Sexto.  
Mas agora, com toda a parentela  
Que em copos de ouro ministrava aos hospedes  
*Vinho de Syracusa*, aos esfaimados  
E sedentos de sangue horrendos brutos  
Dão p'ra alimento o sangue, a carne e os ossos!  
Olha, elles lá estão n'aquelle valle  
Assaltados por tigres e pantheras,  
Ursos e javalis. Por um leopardo  
'Sta a ser dilacerado o vil Gubeta  
Que a devassa Lucrecia auxiliava  
Nos crimes e homicidios. —Do binoculo  
Me sirvo novamente; avisto os Borgias  
Buscando contra as feras defender-se,  
E entre elles conheci Sexto Alexandre.

VI

Do palanquim o vôo accelerando.  
Disse-me Olympia : —Agora mais adiante  
Vamos ver a planura onde hoje as almas  
De alguns dos gibelinos, e dos guelfos  
Em muita quantidade, o ventre fartam  
De esfaimados leões. Entre os primeiros  
Ezzelino o tyranno se distingue  
Por chefe principal. Dos *condottieri*  
Era o mais valoroso no seu tempo;  
Mas não basta uma boa qualidade,  
Inda de muito e grande mer'cemento,  
P'ra respeitavel ser. Taes crueldades,  
Vilancias ferozes e outros muitos  
Horrores praticou na Lombardia,  
Que chamado ficou devidamente  
O *Flagello de Deus*. Depois que em Padua  
Entrou triumphante, as redeas soltou logo  
As maiores cruezas; dentro em pouco,  
Conquistada Bassano e outras cidades,  
Prisões, execuções, confiscos eram  
Os seguimentos certos das victorias.  
Fez de Padua e Verona as mais illustres  
Exterminar familias; a mais leve  
Suspeita, a accusação menos fundada,  
A menor distincção pelo talento,  
Nascimento ou riqueza, eram motivos  
Para prisões, condemnações summarias!  
Por ordem sua assassinadas victimas  
(Mais de cincoenta mill!) a gloria mancham  
Que ao seu valor podia ser devida.

VII

Se um general tão barbaro e inhumano

Não dá honra ao partido gibelino,  
Dos guelfos a facção não conta menos  
Um chefe detestavel e execrando.  
É Bonifacio Oitavo esse velhaco,  
A traiçoeira serpente, que do Quinto  
Celestino a tiara pretendendo,  
Suggestões e artimanhas taes emprega  
P'ra turbar-lhe a pequena intelligencia,  
Que o leva a resignar da Igreja as chaves,  
Facto novo na historia do papado,  
Que mais não foi seguido. Eleito em Napoles,  
Ao imbecil succede, e seu cuidado  
Primeiro é prevenir que reintegrado  
Não seja o antecessor; faz rigorosa  
Detenção conservar-lhe, e que abrevia  
Do pobre Celestino a inutil vida.  
Depois canonisou-o! Assim da antiga  
Roma o senado ao povo impingir soube  
Que entre os deuses viver fôra o seu Romulo  
(Pelos padres conscriptos feito em postas!).

Seguro no poder, com toda a força  
Luctou contra o partido gibelino.  
Da familia Colonna, cujos membros  
Principaes muito haviam contribuido  
Para a sua eleição, derruba as casas,  
Os castellos arrasa, e a banir chega  
Esses a quem devia o ser levado  
Ao solio pontificio. Uns cinco seculos  
Mais tarde imitador teve entre os lusos  
No Bispo Lobo, que, em Vizeu mettido  
Em secreto processo por perjuro  
E traidor ao partido, a vida deve  
A um nobre cavalheiro, illustre chefe  
De distincta familia; *agradecido*  
Soube mostrar-se o bispo renegado,  
Fazendo que os migueis mais perseguissem,  
Entre outras, a familia Silva Mendes!

Co' o poder temporal tambem na lucta  
Se tornou singular o Bonifacio,  
Querendo com soberba e teimosia

Tornar-se outro Gregorio (1), pretendendo  
Que fossem seus vassallos os monarchas,  
E os diversos paizes dependencias  
Fossem todos dos 'tados pontificios.  
—Mas diz'-me, então pergunto, esse patife  
Não 'stá no Malebolge (2)? O illustre Dante,  
Quando foi, por Virgilio acompanhado,  
Ver no inferno os recintos que pertencem  
Aos diversos delictos, com certeza,  
Se bem lembrado estou, diz que esperado  
Era elle já por Nicolau Terceiro  
E por muitos mais outros simoniacos.  
Foi p'ra lá ou 'stá aqui?—'Stá aqui agora,  
Mas 'steve em Malebolge. As numerosas  
Caravanas de padres de taes manhas  
E até de gente leiga que especula  
Co' o culto e devoção p'ra obter consorcios  
Com noivas ricas, e outros d'essa laia,  
Encheram, ha já muito, aquelle circulo,  
E tornou-se forçoso uns supplementos  
Algures procurar. P'ra o orbe de Marte  
Vir pertenceu a Bonifacio Oitavo.

Mas lá 'stão elles, olha.—Um campo extenso  
Então avisto de soldados, padres,  
Generaes e prelados, todo cheio;  
De innumeros leões uma caterva  
A fazer 'tava n'esses infelizes  
O mesmo que Voltaire (*co' os seus queixos*,  
P'ra mostrar a Piron que se enganava)  
Fazia nas assadas costelletas.  
D'aquelles carniceiros era a fome  
Tão grande e desesp'rada, que tres vezes  
O Papa Bonifacio, renascendo,  
O vi ser devorado pelo mesmo  
Ministro punidor dos seus delictos.

VIII

Foi já na edade media (eu digo a Olympia,  
Que ao palanquim marcava um novo rumo)  
Pelas facções dos guelfos e contrarios  
Dilacerada a nobre e bella Italia;  
Mas hoje no occidente é pelos barbaros,  
Deshumanos carlistas desgraçada  
A nação hespanhola. Um pretendente,  
Ou aliás infame aventureiro,  
Guerrilhas e bandidos congregando,  
Commandando intrigantes e fanaticos,  
Salteadores até, não se envergonha  
De commetter enormes vandalismos.

Já de Molina o Conde andou septe annos  
Infestando as provincias vascongadas,  
Luctos, mortes, desgraças, orfandades  
Causando no paiz que o repellia.  
Com razão fôra na formosa Hespanha  
Abolida a lei salica; o direito  
P'ra a c'rôa receber de San Fernando  
Mais não cabia ao Conde de Molina.  
Mas a ambição do infante o faz rebelde,  
E rompe contra tudo e contra a patria;  
Dos hespanhoes septe annos foi tormento,  
Té que foi supplantada a rebeldia.

Mas na familia não se extingue a esp'rança  
De usurpar o poder e a realeza;  
Um outro Carlos, filho do tal sucio,  
Se diz herdeiro do direito ao throno  
E, como o pai, repete a tentativa,  
Nova revolta e guerras levantando.  
Foi vencido tambem, mas invencida  
Ficou a pretensão; herda um sobrinho  
Do tio e do avô a teimosia,  
A ambição, e augmentada a crueldade.  
Este Carlos, terceiro pretendente,

Do paiz as internas dissidencias  
De aproveitar se lembra, como quando  
Alguem corre a pescar nas aguas turvas;  
Mas esquece o insensato que não tinha  
Da nação a vontade p'ra acceital-o.  
Co' a revolta de Cadix derrubado  
O throno de Isabel, não soa um *viva*  
Sequer em seu favor; quando nas cortes  
Constituintes se discute a forma  
Do governo da Hespanha, um só suffragio  
Não tem que o recommende. Entre uns fanaticos,  
Bandoleiros, ladrões, faccinorosos,  
E aventureiros que fortuna tentam,  
Foi porém procurar cabos, soldados,  
E organizar guerrilhas e brigadas  
P'ra vir *impôr-se á força* a toda a Hespanha!

Foi só desunião de outros partidos  
Que dera algumas forças aos carlistas;  
E eil-os cercando praças, bombardeando  
Cidades populosas, os viajantes  
Despojando e roubando nas estradas,  
Impondo aos povoados grandes sommas,  
Saqueando até, incendiando as casas,  
'Spingardeando e matando os prisioneiros,  
E o direito das gentes transgredindo.  
Commetter tantos roubos, tantas mortes,  
A fome introduzir n'algumas praças  
Que têm com honra e brio sustentado  
O seu posto e dever, são as *virtudes*  
De esses *honestos, nobres defensores*  
*Do throno e do altar*. Estes rebeldes,  
Vandalos, homicidas, incendiarios,  
Salteadores, não deixam com certeza  
De ter aqui já grande contingente?  
— Já cá 'stão muitos, me responde a bella,  
E mais hão de chegar. Vamos já vel-os,  
Mas não sós; andam junctos com mais outros  
Criminosos de igual ou mesma escola.  
Os cantonaes de Alcoy e Carthagená,  
De Paris os malvados cummunistas,

Infames petroleiros e assassinos,  
Tambem 'stão co' os carlistas misturados.

IX

Das ideias mais nobres, mais sagradas,  
Abusam sempre os biltres, os velhacos,  
Impostores e hypocritas; disfarçam  
Com tal pretexto a verdadeira causa  
Que faz pegar na espada ou na clavina  
Os homens gerrilheiros, que da penna  
De publicista usar faz escriptores.  
Uns e outros de levar ao seu moinho  
As aguas cuidam só, do povo ignaro  
Logrando a boa fé, e sobre os olhos  
Lançando-lhes poeira; assim conseguem  
Uns conquistar patentes elevadas  
Com bom soldo e proventos, outros sobem  
Sobre a credulidade dos votantes  
A figurar nas altas assembleias  
Para a nação reger. Mas todos elles  
De comer cuidam só do povo á custa.

Do christianismo abusam os hypocritas,  
Formando associações desnecessarias,  
Mentirosas até; da liberdade  
E da fraternidade o nome invocam  
Velhacos de outra escola. E mentem todos,  
Procurando illudir-se mutuamente,  
Furtar, roubar cada um o mais que póde,  
E rir-se dos papalvos... Mas repara,  
Lá 'stão a ser comidos, 'spedaçados  
Por tigres e por ursos os sujeitos  
De que ha pouco fallavamos, que a vida  
Na terra já findaram, e que pagam  
Agora as crueldades commettidas.  
De escriptores maraus inda ha cá poucos  
Por poder pertencer-lhes outras penas,  
E alguns inda são vivos; mas de padres

Sanguinarios, crueis, ha já bastantes  
Apesar de faltar de Urgel o Bispo,  
O Cura Sancta Cruz e outros carlistas,  
Por não terem ainda fallecido. —  
Olhei; vi rancho enorme de pantheras,  
Ursos, leões, hyenas ás dentadas  
N'aquelles condemnados. Procurando  
Achar algum mitrado, diz-me Olympia:  
— N'outro valle á direita encontrar pódes  
Muitos patricios nossos, e has de entre elles  
Achar o Bispo Lobo, o renegado. —  
Segui a indicação, e vi o infame  
Por dois ursos partido meio a meio;  
Mas descobrindo perto um outro reprobo  
Com farda militar entre alguns homens,  
Uns togados, o resto militares  
Como o tal figurão, e que iam prestes  
De septe hyenas ser devido pasto,  
Perguntei: Quem serão aquelles septe?

X

Marcando um outro rumo ao carro aereo,  
Minha bella instructora principia  
Á pergunta que eu fiz dando a resposta:  
— Pela mão incitado e inda por outros  
Conselheiros devassos e perversos,  
O Infante Dom Miguel se fez perjuro  
Ao pacto que fizera em Vienna d'Austria.  
Levado a tal excesso e vilania,  
E p'ra fazer seguro o absolutismo,  
Dissolve o parlamento, quebrantando  
Solemnes juramentos e promessas.  
Em Portugal campeia a intolerancia,  
De liberaes os carcereos são cheios,  
E o infante usurpador cria uma *alçada*  
E forcas levantar manda no reino.  
São do Conde de Basto, do Bezerra,

E de outros miguelistas sanguinarios  
Tornadas legendarias as façanhas  
Na crueldade e barbaras sentenças.  
Nem todo o liberal aos deshumanos  
Monstros póde fugir; se homisiados,  
Se outros na emigração a morte evitam,  
Muitos outros são victimas dos barbaros.  
E não são só os chefes de familia  
Os perseguidos; 'sposas innocentes,  
Filhas e filhos soffrem os horrores  
Já da guerra civil, já dos verdugos.

Das varias commissões, sedentos monstros  
De sangue humano, a mais inexoravel,  
Mais cruel, mais infame, em Vizeu tinha  
A séde designada. Era composta  
Do general Moscoso, presidente,  
E de mais seis vogaes, que assim deixaram  
De si negra memoria. Ha pouco os viste,  
Esse grupo dos septe, em presa ás feras,  
De taes biltres congeneres figuras (3).  
Tal foi a intolerancia do malvado  
Tribunal de Vizeu, que compassivo  
Ninguem deixava ser; a caridade  
Até como um delicto era punida!  
De fome e frio, de miseria extrema,  
Depois de haver soffrido horrores tantos  
Alguns dos sentenciados, pelas balas  
Varados das guerrilhas miguelinas,  
Foram por muitas horas espectaculo  
P'ra o povo *religioso* e p'ra as beatas.  
Que bons christãos aquelles miguelistas!

**Fim do canto quarto.**

# NOTAS

AO

## CANTO QUARTO

---

---

(1)

O papa Gregorio VII.

---

(2)

### INFERNO

#### CANTO XVIII

Luogo è 'n inferno detto Malebolge  
Tutto di pietra e di color ferrigno,  
Come la cerchia, che d'intorno il volge.  
Nel dritto mezzo del campo maligno  
Vaneggia un pozzo assai largo e profondo,  
Di cu' in suo luogo dicerò l'ordigno.  
.....  
.....

#### CANTO XIX

O Simon mago, o miseri seguaci,  
Che le cose di Dio, che di bontate,  
Deono essere spose, e voi, rapaci,

Per oro e per argento adulterate ;  
Or convien che per voi suoni la tromba,  
Perocchè nella terza bolgia state.  
Già eravamo alla seguente tomba  
Montati dello scoglio in quella parte,  
C'appunto sopra 'l mezzo fesso piomba.  
O somma sapienza quant' è l'arte,  
Che mostri in cielo, in terra e nel mal mondo,  
E quanto giusto tua virtù comparte!  
I' vidi per le coste e per lo fondo,  
Piena la pietra livida di fori  
D'un largo tutti, e ciascuno era tondo.  
Non mi porèn meno ampi, nè maggiori  
Che quei, che son nel mio bel san Giovanni.  
Fatti per luogo de' battezzatôri.  
L'un delli quali, ancor non è molt'anni,  
Rupp'io per un, che dentro v'annegava,  
E questo sia suggel, c'ogni uomo isganni.  
Fuor della boca a ciascun soperchiava  
D'un peccator li piedi, e d'elle gambe  
In fino al grosso, e l'altro dentro stava.  
Le piante erano accese a tutti intrambe:  
Perchè sì forte guizzavan le giunte,  
Che spezzate averian ritorte e strambe.  
Qual suole il fiammeggiar delle cose unte  
Muoversi pur su per l'estrema buccia,  
Tal era li da' calcagni alle punte.  
Chi è colui, maestro, che si cruccia,  
Guizzando, più che gli altri suoi consorti,  
Diss'io, e cui più rozza fiamma succia?  
Ed egli a me: Se tu vuoi, ch' i' ti porti  
Laggiù per quella ripa, che più giace,  
Da lui saprai di sè, e de' suoi torti.  
Ed io: Tanto m' è bel, quanto ti piace;  
Tu sè signore, e sai, ch' i' non mi parto  
Dal tuo volere, e sai, quel, che si tace.  
Allor venimmo in sull' argine quarto:  
Volgemmo e discendemmo a mano stanca  
Laggiù nel fondo foracchiato ed arto.  
E'l buon maestro ancor dalla sua ança

Non mi dipose, sin mi giunse al rotto  
Di quei' che si piangeva con la zanca.  
O qual che se', che 'l disù tien di sotto,  
Anima trista, come pal commessa.  
Comincia' io a dir, se puoi, fá motto.  
Io stava, come 'l frate, che confessa  
Lo perfido assassin, che poi, ch'è fitto,  
Ricchiama lui, perchè la morte cessa:  
Ed ei grido: Se' tu già costì ritto,  
Se' tu già costì ritto, Bonifazio?  
Di parecchi anni mi mentie lo scritto.  
Se' tu sì tosto di quell'aver sazio,  
Por lo qual non temesti torre a 'nganno  
La bella donna, e di poi farne strazio?

.....  
.....

DANTE, *Divina Commedia.*

(3)

## CHRONICA CONSTITUCIONAL DO PORTO

### EXECUÇÕES EM VIZEU

Para que o publico tenha noticia do que está praticando a comissão de Vizeu, publicamos a seguinte carta d'aquella cidade.

«Meu amigo: — Saberá que na terça feira 23 de Outubro (1832), foram padecer mais seis innocentes victimas no largo chamado de Santa Christina, que com as anteriores fazem o numero de *dezesete*.

.....

A caridade, essa virtude aqui foragida, é reprovada, odiada e tida como um crime; nem se póde dar a menor demonstração de sensibilibade; faz-se crime áquellas pessoas que nos dias das execuções fogem

da cidade, e vão derramar lagrimas em algum deserto.

.....  
(*Chronica Constitucional do Porto* de 8 de Dezembro de 1832.)

---

OS ASSASSINOS DE VIZEU

Foram assassinados pelos monstros que compõem o tribunal de sangue, estabelecido em Vizeu, os padres Antonio Alberto Pereira Pinto, Caetano José Pinheiro, e Lauriano Antonio Pinto de Noronha, naturaes das visinhanças das Caldas de Arégo.

Foi espingardeado a 10 de Outubro passado o patriota Frei Simão, cuja severidade de alma e firmeza, no meio dos tormentos que padeceu, chegou a assombrar os proprios algozes que o condemnaram. Padeceram morte mais sete victimas, que todos jazem enterrados em Codeços, ou antes em um fosso, aonde costumam lançar-se os animaes mortos!...

Mais sete homens, seis dos quaes eram hespanhoes, foram no terreiro de Santa Christina fuzilados pelas guerrilhas miguelistas, em virtude de outra sentença da referida commissão.

Os nomes dos membros d'ella são os seguintes:

O general da provincia, Luiz Antonio de Salazar Moscoso.

O provedor Francisco de Assis Ribeiro Saraiva.

O tenente coronel José Paulo de Carvalho.

O corregedor Francisco Arraes de Vilhena.

O juiz de fóra Luiz Ribeiro de Almeida Vasconcellos.

O major João de Azevedo.

O capitão de infantaria *fulano* de Vasconcellos.

Por occasião do ultimo assassinato juridico do campo de Santa Christina, se juntou grande numero de gente da infima plebe dançando á roda dos cadaveres, que jaziam ensanguentados no chão, aonde estiveram todo o dia, servindo de espectáculo de

alegria e folgança á multidão de canibae, que, só depois de completamente embriagada, deixou o campo. Dizem que entre os malvados que figuraram n'esta horrivel orgia se contavam frades, e até algumas mulheres conhecidas por beatas e-confessadas dos *religiosos* mais fanaticos !

A maior parte dos infelizes que se acham presos nas cadeias entregues á commissão, suspiram pelo instante de perder as vidas ás mãos dos barbaros ; taes são os tormentos que soffrem !

Acham-se todos os presos nas enxovias sem cama, sem cobertura, e finando-se de miseria e fome ; e como se ainda isto não fôsse bastante, recebem de continuo insultos e tratos, que fazem estremecer os corações menos compassivos. Algumas pessoas, ou antes a maior parte das familias de Vizeu, quere-riam, e tem tentado, levar soccorros ao fundo dos carceres aonde estão enterradas as victimas da honra e da fidelidade portugueza ; porém não ou-sam : um acto de beneficencia teria o effeito infal-livel de levar o bemfeitor á mansão dos soccorridos : e por isso se alguma esmola póde penetrar dentro das masmorras, é a custa de trabalhos e perigos.

A época da usurpação de D. Miguel é fertil em barbaridades : ha nomes classicos entre os execu-to-res das tyrannias do usurpador ; quem não conhece Telles Jordão, Castro do Rio, conde de Basto, e, em quanto a nós, o sobre todos detestavel visconde de Santarem ? Quem se não horrorisar á simples menção da palavra alçada ? Lisboa e Porto princi-palmente conservarão por muitos annos a memoria dos membros d'essas juntas de faccinorosos, a quem D. Miguel entregou punhaes para arrancarem a vida a seus concidadãos. Porém, as façanhas de tanto infame ficarão escurecidas pela commissão de Vizeu. Pouco sabemos da historia de seus membros ; mas conhecemos bem o presidente, que tambem nos conhece a nós.

Este estúpido e covarde militar, que achámos em Pernambuco, feito governador do forte denominado

o forte do *Brum*, jámais viu o rosto ao inimigo no campo da batalha. Todo o seu merito consistia em possuir um bahú de papeis velhos, a que chamava leis militares; não que as citasse a proposito em caso nenhum, mas sim porque jámais occorreu algum para decidir o qual não affirmasse que tinha a lei em casa.

No tempo em que parte dos povos d'aquella provincia se sublevou em 1821, quando começou a apparecer o espirito de independencia, o brigadeiro Salazar pediu ao capitão general que o não fizesse sair do forte de *Brum*, porque a não ser lá, não tinha aonde aquartelar um *rebanho de filhos a quem era obrigado a sustentar*.

Ao mesmo tempo que protestava a sua fidelidade ao governo da metropole, que o sustentava, se entendia com os rebeldes a quem offereceu os seus serviços — serviços que elles não quizeram; e fazendo mais justiça ao character do homem do que os seus compatriotas portuguezes, o puzeram fóra. Veiu a Lisboa jurar que era constitucional, e elle era verdadeiramente o presidente da commissão de Vizeu.

(*Chronica Constitucional do Porto*, de 15 de Dezembro de 1832.)

---

— Na sé de Vizeu ha um mausoleu onde se vê esculpido o seguinte epitaphio:

«Pro libertate, charta, et regina Maria II, nefando judicio insontes damnati, et trucidati anno 1832 et 1833.»

«Pela adhesão á liberdade, carta e rainha D. Maria II, por iniquas sentenças foram innocentemente condemnados e fusilados no anno de 1832 e 1833 :

#### *Portuguezes*

Laureano Antonio Pinto de Noronha, Caetano José Pinheiro, Antonio Alberto Pereira Pinto Monte Roio, Antonio da Maia, presbyteros seculares; Si-

mão de Vasconcellos, presbytero cisterciense; Francisco de Sande Sarmento, Felisberto de Sande, José de Oliveira, José Maria de Oliveira, José Franco, Antonio Joaquim Gonçalves, Antouio Joaquim, Antonio Homem de Figueiredo e Sousa, Joaquim José da Silva, Guilherme Nunes da Silva e Luiz Ferreira da Costa.

*Hespanhoes*

D. Pascoal Alpalhoz, D. Eusebio Pascoal, D. Fernando Gutierrez Galon, D. Bento José, D. Antonio Himnes, D. Manoel Sanches de Garcia.

1870

Jan 1	Balance	100
Feb 1	...	...
Mar 1	...	...
Apr 1	...	...
May 1	...	...
Jun 1	...	...
Jul 1	...	...
Aug 1	...	...
Sep 1	...	...
Oct 1	...	...
Nov 1	...	...
Dec 1	...	...

1871

Jan 1	Balance	100
Feb 1	...	...
Mar 1	...	...
Apr 1	...	...
May 1	...	...
Jun 1	...	...
Jul 1	...	...
Aug 1	...	...
Sep 1	...	...
Oct 1	...	...
Nov 1	...	...
Dec 1	...	...

## CANTO QUINTO

HISTORIA POLITICA E ASTRONOMICA  
DO PLANETA LETHES;  
VIAGEM A VESTA

---

### I

Gentis senhoras, damas respeitaveis  
Que ledes o meu poema, por piedade,  
Dois cantos podereis passar em claro.  
Se os meus versos vos dão algum recreio,  
E é certo que estimaes ser instruidas  
Da vida que se vive lá nos astros  
(P'ra não dizer das grandes maroteiras  
Que se fazem na terra), o seguimento  
De estas minhas viagens philosophicas  
Podereis esperar no orbe de Jupiter.  
Lá sim, que é boa terra, e residencia  
Só têm homens de bem, damas honradas,  
Como conhecereis mais claramente  
Quando p'ra lá fizerdes *ablativo*,  
Que eu vos desejo seja muito tarde  
E, se assim o estimaes, em companhia  
De este creado vosso, inda que pouco  
O mereça, e esperar menos o possa.  
Mas em quanto por cá vamos andando,  
E porque a ociosidade é mãe dos vicios,  
As horas que me sobram dos trabalhos  
Nos senos e tangentes utilmente  
Me parece empregar fazendo versos;

E n'isto um nobre exemplo em vós encontro  
Que, da vossa costura e outros labores  
P'ra descansar, os meus escriptos ledes...  
Estes dois cantos não. Severa critica  
N'elles 'spero fazer ás introjonas  
Que a nobreza e a valia do seu sexo  
Deshonram com seu vil procedimento.  
Sei que não podem muito desgostar-vos  
Algumas allusões, piadinhas mansas....  
Inda mais que as de Casti; mas com tudo,  
Se melhor vos parece, ao canto septimo  
Passar podeis sem grave inconveniente.  
P'ra que saber a historia escandalosa  
De uma Joanna, a mãe da *Beltraneja*,  
A de uma Leonor Telles e quejandas?

Eu podia omittir essa visita

Que em companhia da formosa Gaia  
Foi feita a um planeta dos pequenos,  
Telescopicos, de esses que ignorados  
Foram por tanto tempo, e que os da França,  
De Inglaterra, da Russia observatorios,  
Uns mais que outros, por vezes têm achado ;  
(O de Coimbra, agora entre parenthesis,  
Só descobre alguns ratos sobre a Lua,  
Ou de San Sebastião a lanterninha).  
Mas se assim procedesse, com certeza,  
Respeitaveis senhoras, uma falta  
Commettia de muita gravidade ;  
Deixava de cumprir todo o programma  
Que do canto primeiro no principio,  
A modo de discurso de abertura,  
Percebestes por certo. Homens de estado  
No discurso da c'rôa muitas cousas  
Promettem ao paiz e nada cumprem ;  
Mas eu não sou ministro, e pagar quero,  
Sempre que posso, as dividas que faço.

II

A bella Olympia tinha já acabado  
De contar de Moscoso e seus collegas  
As incriveis, infames crueldades,  
Das quaes a narração hoje na Beira  
Horror inda produz, e eu, não querendo  
Ver do mais sanguinarios o castigo,  
Lhe pedi p'ra deixar o orbe de Marte.  
— Agora, diz-me Olympia, de esses muitos  
Pequeninos planetas acho inutil  
Visitar um por um; são elles todos  
Logares de castigo, a um d'elles vamos  
E será a Vesta, se me dás a escolha. —  
'Scolher eu? respondi; tão pouco grato  
Não me queiras julgar. Nada sei d'isso,  
E se de vós explicações recebo,  
A vós sómente a direcção compete.  
Isto é razão bastante p'ra que a tua  
Proposta promptamente me agradasse,  
Mas em ver as *vestaes* bem empregado  
Me parece o passeio. Uma surpresa  
É porém para mim a novidade  
Que acabas de me dar; pois sendo tantos  
Os pequenos planetas, nenhum d'elles  
Póde ser escolhido p'ra almas boas?  
— Dos asteroides vou contar-te a origem  
(Me torna ella), e a razão porque são muitos;  
Verás por sua historia qual motivo  
Os fez tomar p'ra sitio de tormentos.

III

Havia antigamente um só planeta  
Entre a orbita de Marte e a outra mais larga

Que Jupiter percorre, e a lei de Bode  
O está mui claramente revelando.  
Mas então, n'esse tempo, os *pterodactylos*,  
*Plesiosauros* e inda outros bicharocos  
Da terra os habitantes eram unicos  
Nem queriam saber astronomia,  
Como hoje inda não sabem todos esses  
Animaes que lá vivem, menos o homem.  
Ora o planeta Lethes (este o nome  
Era do tal errante) habitadores  
Tinha como hoje a Terra, e distinguiam-se  
Por serem mais tratantes e marotos.  
Ali coisa ignorada era a justiça,  
A honradez, dignidade, e outras virtudes;  
Os magistrados eram mais devassos  
Que o povo a quem regiam; conciliabulos  
Eram de falcatruas, bambochatas  
De districto os conselhos; finalmente  
Custava a apparecer um hom' honrado  
N'uma qualquer cidade de tal astro.  
Mais que os homens não tinham brio ou honra  
Os habitantes femeas; poucas damas  
Havia que este nome bem mer'cessem.  
A corrupção lavrava em toda a parte;  
Se a vara da justiça em vez de recta  
Nas mãos de alguns juizes se tornava  
N'uma curva de dupla curvatura,  
Das senhoras o agrado, as meigas fallas,  
Nada mais eram que arteirosa industria  
Ou para alimentar loucas vaidades,  
Ou p'ra caçar fortuna. Eram tão 'spertas  
Na arte de pregar logro aos seus maridos,  
Namorados, irmãos, tudo o que é homem,  
Que por brutas e tolas reputavam  
As que sincero amor nutrir quizessem;  
E depois entre si gala faziam  
Das suas brilhaturas e artimanhas,  
E até de regateiras desenvoltas  
Ostentavam por vezes *fino* trato.  
Eu nunca vi annaes de tanto escandalo

Como na historia e chronicas dos povos  
Habitadores do planetá Lethes.

IV

N'aquella região tal incremento  
Tendo a devassidão desenvolvido,  
Emenda radical o Auctor dos mundos  
Se lembra de applicar ; fez de repente  
Dois pesados cometas concorrerem,  
De cento e vinte graus fazendo um angulo  
As suas direcções, de encontro ao repho  
Planeta dos venaes e marafonas.  
Não era vaporosa ou transparente  
A massa dos dois astros, como em muitos  
Dos que hoje se conhecem. Denso nucleo,  
Sem cauda ou cabelleira, constituia  
Cada um dos taes cometas, e tão rapida  
Era a velocidade de estes astros,  
Que até do *eme ré dois* de qualquer d'elles  
Medo podia ter o proprio Sirio (1).

Qual no bilhar ás vezes acontece  
Bater sobre a vermelha ao mesmo tempo  
De um lado e de outro a bola preta e a branca,  
Marraram junctos no planeta Lethes  
Aquelles dois cometas, produzindo  
Com carambola tal um cataclysmo  
Peor do que esse universal diluvio,  
Com que mais tarde foi tambem preciso  
As terras innundar do orbe terraqueo  
P'ra os descendentes de Cain perverso  
Punir, como mer'ciam por seus crimes,  
Uma familia só deixando salva,  
Porque era honrada e virtuosa a unica.  
Ao grande e duplo choque, effectuado  
Co' uma tal força viva, não poderam  
Resistir do planeta as varias rochas ;  
Esmigalhada em mais de cem pedaços  
Ficou por tal embate a dos devassos

Habitação infame e condemnada.  
Da gente e de animaes habitadores  
Uns ficam esmagados, outros morrem  
Afogados nas aguas que innundaram  
Os pedaços, fragmentos, e um sómente  
Nem sequer escapou. Pereceu tudo,  
E nova geração não foi creada.

V

Começa então cada um dos estilhaços  
A porcorrer tambem alguma ellipse  
Por forças combinadas, a attractiva  
E a resultante do famoso choque.  
Diversas entre si, aquellas orbitas  
Dos taes fragmentos do planeta Lethes  
Vão sendo pouco a pouco descobertas  
Pelos trabalhos serios e importantes  
De astrónomos da *estranja*; os de Coimbra  
Só fazem ephemerides inuteis,  
E para isso roubando os ajudantes,  
Cujos logares vagos vagos ficam,  
Que os não querem providos os taes melros  
Para o ordenado seu comerem elles.  
Dizem até que um mouco dos expostos  
Tem sua posta tambem n'estes trabalhos  
De fazer ephemerides, e firma-lhes  
Amigo da conrobia os manuscriptos;  
Que o tál calculador, um leigo sendo  
Na sciencia das grandezas, qual piloto  
Aprende a trabalhar co' o *almanach* (2)  
E tabuas p'ra a marinha organisadas,  
Materialmente uns calculos numericos  
A fazer aprendeu para as *tarefas*  
*Dadas em commissão* ficarem promptas.  
E os taes *calculadores 'straordinarios*  
*Comem em commissão* os ordenados  
Que abonados do estado no orçamento

São para os ajudantes! Quando tinha  
O bom Thomaz d'Aquino a governança  
E direcção d'este serviço publico,  
Nunca taes roubos, comedela infame,  
Deixava praticar em prejuizo  
Dos bachareis, doutores, aos quaes toca  
Servir no Observatorio. O tirocinio,  
Vida, trabalhos, tempo consumido,  
E até bens de fortuna, inda que poucos  
Por que mais não havia, um resultado  
Alcançar deveriam para abrigo  
Contra a miseria e fome. Um dos amantes  
Que tive em Coimbra, sendo promovido  
A lente substituto, a dignidade  
Soube manter, tarefas rejeitando  
Por que, disse elle, ha gente habilitada  
Á qual sendo devidas, era um roubo  
Usurpar seu trabalho e vencimentos. —

## VI

Mas quem é que te informa d'essas coisas,  
Essas miserias da famosa Coimbra?  
Quando tu lá vivias, certamente  
Inda o Doutor Rodrigo não chegara  
A direcção tomar do Observatorio;  
Como sabes de tantas maroteiras? —  
Nossa aerea viagem proseguindo,  
Esta pergunta fiz á meiga Olympia,  
E ella : — Nada mais facil (promptamente  
Me respondeu, sorrindo) aos habitantes  
Do espheroides de Jupiter, de Venus,  
De Neptuno tambem. Temos licença  
De viajar por todo este systema  
Dos planetas do sol, mas muitas vezes  
Para saber da Terra novidades  
Nem isso é necessario; os recém-vindos  
Nos informam das cousas importantes.

Quando ao Doutor Rufino foi de Jupiter  
A habitação marcada no espheroide,  
Eu, que lá 'stava então passando uns dias,  
Lhe ouvi dizer que até ao proprio zero  
O numero chegou dos ajudantes,  
E de estes o ordenado do orçamento  
Os taes maraus dividem como querem  
E pelos da conrobia. Depois d'elle  
Lnda cá não chegou outro algum lente  
Da tua faculdade, mas das outras  
Alguns lentes honrados fallecidos  
Têm confirmado a mesma comedela  
De esse homem que dirige o Observatorio.  
Proximos nós porém já vamos 'stando  
De Vesta, um de esses muitos estilhaços,  
E é preciso acabar d'elles a historia.

## VII

Como lá nos trabalhos das estradas  
A *mac-adam*, sob o pesado malho  
Do britador, ou rigida marreta,  
Os duros seixos, o aspero granito,  
Em variados fragmento se divide  
Com fórmias exquisitas, angulosas,  
Uns polyedros sem norma, irregulares,  
Assim pelas marradas dos cometas  
Ficaram angulosos, desconformes,  
Os estilhaços do planeta Lethes.  
Mas seculos de seculos correram,  
E aquelles asteroides descreviam,  
Cada um a orbita sua, com taes fórmias  
Que lhes não permittiam permanentes  
Eixos de rotação. Nenhum perigo,  
Nenhum mal todavia resultava  
De essa perturbação nos polos d'elles.  
Habitantes não tinham ; que importava  
Que aos trambolhões andassem lá no espaço

Rolando p'ra a direita, para a esquerda,  
As pedras e agua sobre os taes fragmentos?  
Mas para habitação de gente viva  
Vir podendo a servir, se aproveitados  
Fossem devidamente, preparal-os  
Para tal fim mandou o Auctor dos mundos.

Assim como na Terra a certos crimes  
P'ra pena e correcção são applicados  
Nos codigos penaes trabalhos publicos ;  
Forçados ás galés andam servindo  
Muitos dos criminosos, com correntes  
Aos pés, rude tarefa executando ;  
Tambem nas obras publicas celestes  
Ha que dar p'ra fazer aos condemnados,  
E para arredondar os estilhaços  
De esse antigo planeta são mandadas  
Fazer serviço as almas pervertidas  
De esposas infieis aos seus consortes,  
Mas não são estas sós. Falsas amantes,  
Que a mira têm no lucro, e que se vendem  
A quem mais dá ; devassas prostitutas  
De uma alta posição, que esconder buscam  
Taes fraquezas com crimes clandestinos,  
Logro e burla pregando á sociedade  
Da qual querem respeitos e homenagens ;  
Hypocritas beatas que disfarçam  
As suas affeições com actos pios ;  
Toda esta gente assim vem p'ra os trabalhos  
Que, mandados fazer nos asteroides,  
São dirigidos por demonios negros.

Mas na colonia principal de Vesta.  
Nós já vamos pousar, e com demora,  
Pequena ou grande, como bem quizeres,  
As marafonas principaes veremos. —

## VIII

Disse, e mansinamente o carro aereo  
Para em Vesta pousar ia descendo,

Da penitenciaria procurando  
O capataz primeiro. Era um demonio  
Negro na pelle, as barbas já grisalhas  
Mais brancas do que pretas, que obediente  
De Gaia ás ordens era, e nos mostrava  
As obras e operarias, cujas vidas  
N'um grande *in folio* registadas tinha.  
— Podeis descer, dissera o tal ministro  
Guarda-mor da colonia, é já segura  
Aqui a habitação. Tão adeantados  
Os trabalhos têm sido, e tal serviço  
Cá se tem feito, destruindo rochas,  
Que ha de ser habitavel dentro em breve,  
E Vesta a ter não tarda a fórma espherica  
Um pouquito achatada; assim o ordena  
O Architecto que me dá taes ordens.  
Lenta e pequena oscillação já fazem  
Os polos do planeta; aqui seguros  
Podeis estar sem medo de *avalanches*,  
E até p'ra os visitantes, que nos chegam  
Do vosso orbe, e p'ra os seus apresentados  
(Bem vi que era comigo), uns aposentos  
E refeições aqui ha preparadas,  
Continuareis depois a vossa viagem.

Indo visitar logo uma officina,  
Vimos uma mulher bella e formosa  
▲ puxar a uma nora de alcatruzes,  
Afanosa, cançada, e toda em bica  
A gotejar suor; 'stava outro negro,  
Do capataz ministro subalterno,  
Com aguda aguilhada a espicaçal-a  
Quando ella retardava o movimento,  
Dizendo: barregã, anda p'ra deante.  
Pena tivemos da formosa dama  
E, perguntando ao demo commandante  
Quem e d'onde era, qual fraqueza ou crime  
Condemnar a fizera a tal serviço,  
Nos responde: — Esta dama, que aqui vedes,  
Além de infiel 'sposa, foi perversa;  
Tem graça a sua historia, mas revela

Malvadez e cynismo a toda a prova. —  
Isto disse o feitor, e procurando  
No criminal registo á entrada d'ella,  
A historia nos contou como se segue (3).

IX

Houve em Bolonha um nobre cavalheiro;  
Egano de'Galuzzi se chamava  
Este fidalgo, e tinha por esposa  
A senhora Beatriz, bella entre as bellas.  
Por esse mesmo tempo um negociante,  
Fidalgo empobrecido e que devera  
Á vida mercantil ser novamente  
Possuidor de riquezas e fazendas,  
Em Paris residia e tinha um filho  
Ao qual educação, como outros nobres,  
Quiz dar devidamente, e collocou-o  
Ao serviço do rei n'aquella côrte.  
Lodovico era o nome do mancebo  
Que, n'aquella elevada sociedade  
Convivendo e tractando, se tornára  
Muito prendado e a todos agradavel  
Pelas suas maneiras, cortezias.

Um dia, que com outros seus collegas  
Em divertida roda se entretinha  
O nosso Lodovico, alguns mancebos  
Chegados do estrangeiro, conversando  
Sobre materia vasta e sobre as damas  
Mais bellas e gentis que tinham visto,  
Faziam tal ou qual recenseamento  
De galantes senhoras. Disse um d'elles  
Que, tendo percorrido França, Italia,  
Inglaterra, Allemanha, em parte alguma  
Vira mulher tão bella como a esposa  
De Egano, o tal fidalgo de Bolonha;  
E n'isto concordaram seus collegas,  
Os que de vel-a a dita já tiveram.

Ora o nosso aprendiz de gentilezas,  
Que por alguma bella inda não tinha  
O tributo pagado á juventude  
(Ficando apaixonado, já se entende),  
Tal vontade tomou de querer vel-a  
E requestal-a até, que, disfarçando,  
Do pai obtem licença p'ra em visita  
Ir ao sancto sepulchro; então, mudando  
Seu nome para o nome de Aniquino,  
A Bolonha foi ter, e n'uma igreja  
Pôde ver a beldade pretendida.

Par'ceu-lhe inda mais linda e mais formosa  
Do que esperava até, e fez proposito  
De não seguir mais longe sem primeiro  
A conquista fazer d'aquella dama.  
Seus cavallos vendeu, mandou aos moços,  
Que trouxera, fingir desconhecê-lo,  
E ao hospedeiro disse que queria  
Ver se arranjava commodo em Bolonha,  
De algum senhor entrando p'ra creado.  
—A proposito vens, disse o hospedeiro;  
Que o nobre Egano bellos escudeiros,  
Como tu me pareces, sempre aceita. —  
Dito e feito; installado o nosso joven  
Por familiar ficou do bom marido.

Educação, maneiras e desvelo  
Mostrar soube Aniquino por tal sorte,  
Que mordomo não só, mas conselheiro  
Chegou a ser do bolonhez fidalgo.  
Vae este um dia á caça e em casa deixa  
A sua 'sposa e o mordomo. A nobre dama,  
Que da gentil figura do mancebo  
Não desgostava, do xadrez ao jogo  
O convidou; a occasião propicia  
Lego, logo aproveita o apaixonado  
P'ra lhe fazer saber a affeição sua.  
Muitos cheques e mates dar deixava,  
Mas quando a sós se viu co' a sua parceira  
(Por se haverom as creadas retirado)  
Começa a suspirar.—Que é isso? Pena

Tens, Aniquino, que eu te ganhe os jogos? —  
Beatriz pergunta; o seu parceiro esperto  
Não tem papas na língua, e sem demora  
Dos seus suspiros lhe revela a causa,  
A sua qualidade, e qual motivo  
O levára a escolher um tal disfarce.  
A occasião é calva, e a nobre dama  
Não quiz perdê-la; promptamente accede,  
Acceita as homenagens do galante,  
N'essa noite promete uma entrevista,  
E por penhor e arrhas do contracto  
Na bôcca um doce beijo lhe pespega.

X

Era alta a noite e ao lado da sua 'sposa,  
Ambos no mesmo leito, a sonno solto  
Dormia o bom do Egano; a nobre dama  
Linda estava acordada, que a visita  
Esperava do joven escudeiro,  
E para isso deixára aberta a porta  
Do quarto marital. Vem cuidadoso,  
Pé ante pé, no escuro até ao leito  
O ditoso Aniquino; a mão da bella  
Se lhe estende e o segura fortemente.  
Então o seu marido acorda a nobre  
E formosa Beatriz p'ra perguntar-lhe:  
Diz-me, caro marido, em qual dos nossos  
Creados tens mais fé, mais confiança?  
Qual julgas mais fiel e dedicado?  
Pois qual será, mulher? responde aquelle;  
Eu te juro, Beatriz, nunca até hoje  
Servo algum me serviu como Aniquino,  
Dos creados a joia, e o que eu mais prezo.  
Porque o perguntas tu?—Quero dizer-t'o  
Agora, porque á ceia inconveniente  
Me pareceu fazel-o. O tal sujeito,  
Em que tanto te fias, teve a audacia

De me vir requestar, quando na caça  
Andavas tu, meu bem, (dizia a perfida,  
A traioeira esposa, e segurava  
Com força, isto dizendo, a mão do amante,  
P'ra que lhe não fugisse e fosse logo  
Dar ás de Villa Diogo p'ra a sua terra).  
Mas ouve; eu, p'ra que tu bem conhecesses  
A bisca que cá tens, fingi que aceite  
Era o seu galanteio, e á meia noite  
Appar'cer prometti no jardim nosso,  
Juncto ao pinheiro manso. Agora, amigo,  
Se a prova queres ter do que assevero  
Põem na cabeça um lenço e co' uma saia  
Das minhas te disfarça; ao jardim desce,  
Vae ao sitio indicado, que o maroto  
Por certo lá não falta.— Ó pobre diabo,  
Assim mesmo ás escuras, preparou-se  
Co' as roupas que sua 'sposa lhe indicava,  
E foi para o jardim 'sperar a prova.

Quando ausente o sentiu, disse a senhora  
Ao pobre amante, tremulo de medo:  
— Nada receies, anjo meu dilecto,  
Mas toma um bom cacete, e encontrar busca  
Lá no jardim meu credulo marido;  
Desanca-o, a bem valer, com bastonadas.  
Com lições de moral, rijas censuras,  
Como se fôra a mim, vae misturando  
As *benções de San Paulo*. Uma tal prova  
Do teu amor espero, e que ha de firme  
Nesso arranjo amoroso, com certeza,  
Tornar p'ra sempre.— Então mais socegado,  
Busca Aniquino um duro *jus cujendi*,  
E partiu para d'elle fazer o uso  
Marcado por Beatriz, não sem primeiro  
De esta o marido haver habilitado  
Com armas taureanas p'ra a defeza.

XI

O pretendido effeito esta receita  
Produziu no marido, e convenceu-se  
Que só p'ra a experimentar fizera aquella  
Proposta á esposa sua o fiel creado.  
Inda mais liberdade o mentecapto  
Deixou ter ao mordomo; e muito tempo  
A bella espertalhona (que está agora  
- Puxando áquella nora por castigo)  
Do seu meigo Aniquino em companhia  
Se riram da partida, e acrescentavam  
Á cabeça de Egano alguns ornatos.—

XII

Tal e qual se continha no cartorio  
De aquelle archivo de almas condemnadas,  
E o guarda mór narrou meudamente.  
Mas sendo quasi noite, e algum descanso  
Nos convindo tomar, acompanhou-nos  
A uma boa vivenda, só para hospedes  
Destinada; e, servida farta ceia,  
Lá dormimos tambem optimamente.

**Fim do canto quinto.**



## NOTAS

40

### CANTO QUINTO

---

(1)

Figuramos tambem aqui, semelhantemente ao que fizemos no canto 2.<sup>o</sup>, a leitura da expressão analytica  $mv^2$  da força viva no movimento de um corpo. O sentido do texto é o seguinte :

O choque de um só d'aquelles cometas n'um astro tão grande como qualquer dos que formam Sirio (porque é estrella dupla) produziria estragos muito para temer. Maiores deviam ser, por consequente, os provenientes do choque dos dois cometas e n'um simples planeta do sol.

---

(2)

Os pilotos e capitães da marinha mercante portugueza, nas suas viagens de longo curso, não fazem uso dos *Ephemerides Astronomicas* da Universidade de Coimbra, mas sim do *Nautical Almanach* calculado para o meridiano de Greenwich. Tomam a altura meridiana do sol, sabem corrigil-a da refração, párallexe, semidiametro, e depressão do

horizonte (unicamente pelas tabuas do livro de que se servem); combinam com a declinação do sol para o dia respectivo, e com a hora do chronometro que levam a bordo, e acham assim as duas coordenadas do logar do navio. Sabem tambem determinar o rumo, etc.; mas não entendem de geometria espherica, e de formulas de trigonometria ou de astronomia nem meia.

---

(3)

Este episodio é o conto legendario do marido *enganado, espancado e contente*. Seguimos com alguns cortes, para abreviar, a exposição que se lê na *novella 7.<sup>a</sup> giornata 7.<sup>a</sup> do Decamerone*.

---

## CANTO SEXTO

CONTINUAÇÃO DA VIAGEM NO PLANETA  
VESTA

---

### I

Do meu quarto a persiana começava  
A receber a luz do sol nascente,  
Eis se não quando o som agudo e grato  
Ouço de uma sineta; o signal era  
De estar o almoço prompto, e eu já acordado  
Menos prompto não 'stava, ou pouco menos,  
Para o *comprimentar*. Visto-me logo  
E do jantar na sala me apresento  
Co' a meiga e linda Olympia. A mesa estava  
Coberta de iguarias confortantes  
E gostosas tambem, optimos vinhos,  
Queijos da Serra (1) e bom café de Moka.  
O serviço marcara ao dispenseiro,  
Outro ministro do primeiro negro,  
A cuidadosa Olympia; que de Venus,  
De Jupiter, Neptuno os habitantes  
Á risca obedecidos são em tudo,  
Onde quer que se encontrem, nos planetas  
Que em torno ao sol volteiam. Mas os entros,  
As almas condemnadas por seus crimes  
Commettidos na terra, têm chicote,  
As chammas do hydrogeneo, as feras bravas,  
E o mais que n'este canto dizer 'spero

E n'outros post'riores, quando toque  
Fallar dos habitantes de Saturno  
Onde a soberba e inveja é castigada.

Como disse no canto antecedente,  
São condemnadas aos trabalhos publicos,  
Feitos nos asteroides, as defunctas  
Senhoras meretrizes. Uma d'ellas  
No dia anterior tínhamos visto  
Puxando á nora, toda afadigada ;  
Mas depois de almoçar, saindo ao campo  
P'ra mais algumas ver das taes sujeitas,  
O guarda mór achamos prevenido  
P'ra nos acompanhar, trazendo o livro,  
Matricula d'aquellas toleradas.

— Hontem, senhores, disse-nos o negro,  
Vistes a marafona que mandára  
Grande sova de pau dar no marido,  
Depois de lhe haver feito assentar praça  
De San Cornelio na legião famosa  
Que tem por general um rei de Esparta.  
Que o seu chefe é valente sabem todos  
Que houverem lido Homero.

## II

### O presumido

E janotinha Páris sae a campo  
Provocando a duello qualquer grego,  
Mas apenas avista o Areiphilo (2),  
Pernas, p'ra que te quero? É dar ás trancas,  
Ou ás de Villa Diogo, porque o vira  
*Desembotado*, e Helena não lhe tinha  
Dado eguaes armas inda p'ra o combate.

Heitor, porém, Heitor, o *corytaiolo* (a),

---

(a) É grega esta palavra, meus leitores;  
É por que em Portugal *nos dias de hoje*  
Tão pouca gente a grega lingua entende,

Não consente que o irmão seja covarde.  
*Dysparis* (4), diz de Andromacha o valente  
Espeso terno e de Ilion a defeza,  
Só p'ra cantar o fado é que tens arte,  
Tocando na tua banza ou na guitarra,  
Mas para te bater co' aquelle bicho  
É que servir não podes. Ah, patife,

---

Uma satisfação julgo dever-vos.

*Primo*: a palavra quer dizer que tinha  
Heitor um capacete bem ornado  
E que brilhava muito, quando o bravo,  
Valente general, filho de Priamo  
O fazia agitar. *Secundo* (É longa  
Esta piadinha agora, mas justissima):  
A tão grande desgraça, a tal marasmo  
Chegou das linguas mortas a cultura  
N'esta terra de Lysia, que hoje o grego  
Inda é mais ignorado que o Sanscrito  
Nas nações illustradas. Chega a ponto  
Que os estudantes vão fazer exame  
N'esta ditosa Coimbra sem saberem  
O alphabeto sequer! Uns *burros* levam  
Onde vae a leitura figurada,  
E a traducção tambem, de algumas linhas  
De Luciano ou de Homero, préviamente  
Marcadas para texto! Os julgadores,  
Em toda esta impostura conniventes  
Já são ha muito tempo, e (tenho pena  
Da sua posição) vêem-se obrigados  
A deixar ir passando a maroteira (3).

Eu tinha exame no Lyceu de Braga,  
O primeiro lá feito; mas com tudo  
Por lei vigente tive outro segundo  
De fazer em Coimbra. Os meus collegas  
Todos levavam amarellas pastas  
*P'ra abonar a ignorancia*; a pasta minha  
Azul de quintanista *para ornato*  
Eu quiz levar tambem. No mesmo dia  
Um outro examinando, sextanista,  
Que hoje ensina mechanica celeste,  
Ler até mal podia alguns exâmetros  
Do canto primo da divina Iliada!

Por tua causa estamos os troianos  
Duros golpes soffrendo dos argivos,  
E mortes e desgraças, p'ra que em Troia  
Continues da grega e bella Helena  
As meiguices, carinhos usufruindo!  
Em verdade se diga que é formosa  
A tal senhora Helena, *esposa honrada*  
De esse bom Menelau, que, p'ra re'avel-a,  
O irmão e os outros principes da Grecia  
Congregou para vir formar-nos cerco.  
Até o velho senado dos troianos  
Achou que ella valia tantas penas;  
Mas em proveito teu, grande maroto,  
Que o fructo e flores colhes, e nos deixas  
A mim, aos mais irmãos, aos outros teucros,  
Os espinhos sómente! Anda, bregeiro,  
Já para a frente. Ao menos desaffronta-te;  
Se és melhor que o marido ao pé da bella,  
Que és um piupão tambem ao menos mostra.

Envergonhou-se o filho do rei Priamo  
E voltou p'ra o combate; mas não tinha,  
Já disse, do rival as mesmas armas,  
Nem na praça do Campo de Sancta Anna  
Co' os Peixinhos, Robertos, aprendera  
A esgrima respectiva. O resultado  
Foi ficar mal no campo da batalha;  
E se não fôra o auxilio de uma deusa  
(Todos sabem quem foi) que o tal menino,  
Juiz em certa causa, protegera,  
É provavel que a vida ali deixasse  
E, gritando *hombre muerto*, os gregos todos  
E os troianos tambem a paz fizessem,  
O legendario cerco terminando.

Mas ficou vencedor d'Atreu o filho;  
Eu cá assim o entendo, e com justiça  
Dos *coitadinhos celebres* na historia  
Paulo de Kock (o junior) o colloca  
Como chefe de fila.

III

Mas já vejo  
Areladas a um carro umas *honradas*,  
Respeitaveis matronas .. mais perversas  
Que aquella que hontem vistes. Uma d'ellas  
Trahiu o amante e chama-se Dalila ;  
A outra é Sylvandira, e fez o esposo  
'Star na Bastilha preso e desgraçado,  
Em quanto que ella o tempo aproveitava  
Co' os amantes que o esposo *protegiam*.

A historia da primeira é bem sabida,  
E até se ensina na instrucção primaria  
Para mostrar o grave inconveniente  
Em revelar segredos ás mulheres.  
O valente Sansão a apaixonar-se  
Chegou por tal menina. (Ora dizei-me :  
Quem não suspira ao pés de uma beldade ?).  
Os philisteus, porém, que medo tinham,  
E com razão, de hebreu tão façanhudo,  
Subornam-lhe a cachopa com dinheiro  
(No preço é que está a cousa) e conseguiram  
A origem descobrir de tanta força.  
Apanham-no á traição e n'elle fazem  
O mesmo que aos calouros e novatos  
(Que bom divertimento!) os estudantes  
Do segundo anno fazem em Coimbra.  
Passa então o imprudente desarmado  
Dos philisteus a ser gato sapato ;  
Furam-lhe os olhos, e outras crueldades  
Lhe infligem os perversos. Mas o tempo  
De Sansão fez crescer os bons cabellos,  
Habilitando-o p'ra deforra horrivel.

Um dia banquetevam-se os taes barbaros,  
E para mór prazer chegar fizeram  
O pobre cego á sala do banquete ;  
Lá, posto entre columnas, dos insultos  
Da perversa canalha alvo está feito.

Mas novamente aquelle desgraçado  
Sansão tornara a ser; mãos e pés firma  
N'uma e n'outra columna, e á voz extrema  
*Morra Sansão e quantos aqui estão,*  
As pedras das abobadas puniram  
Os philisteus infames, scelerados.

IV

A historia da segunda é mais comprida,  
Mas temos tempo e passo já a contal-a (5).

Veio a Paris um joven provinciano,  
Filho de um proprietario, cujas rendas  
Avultadas não eram. No supremo  
Tribunal de justiça ia julgada  
Ser uma grande causa; se a perdia,  
Arruinado ficava inteiramente  
— Rapaz, lhe diz o pae ao despedir-se,  
És habil e prendado; e na verdade  
Ninguem, para tractar d'esta demanda,  
Melhor do que tu proprio achar podemos.  
Vae, salva a nossa casa, e considera  
Que de Constança os paes não te concedem  
Por esposa, meu filho, a terna joven  
Senão co' a condição de vires rico  
Com a herança do tio. — Ora saber-se  
Convém antes de tudo que o bom tio  
De este fidalgo fôra já nas Indias  
Salvador de uma bella e rica viuva,  
Que queimar os parentes pretendiam  
Segundo o uso da terra; a tal senhora,  
Agradecida, dá-lhe a mão de esposa,  
Vem co' elle para a Europa, e finalmente  
Quando morreu deixou-o por herdeiro.  
Pouco sobreviveu á testadora  
O tio do mancebo, e por seu turno  
De este á familia fez passar a herança,  
Que era avultada. Mas da bella indiana

Havia um filho de primeiras nupsias,  
Que a Paris pôr embargos de terceiro  
Viera expressamente; era ricasso  
E muito o tal nababo, mas com tudo  
Antes quizera ver a mãe queimada  
E reduzida a cinzas, que a fatia  
De aquella boa herança em mãos estranhas.

Ora o bom provinciano, ao qual o nome  
Eu de Alpha agora dou por esquecido  
Me ter do nome d'elle, as diligencias  
Fazia por ganhar a sua causa.  
Trouxe cartas de empenho, algúm dinheiro,  
E passos não poupava, mas os becas  
Tinham muita preguiça e não achavam  
P'ra a questão resolver tempo bastante.

Depois de ter rompido muitas solas  
Por casa dos juizes e lettrados,  
E dos bens de seu pae a maior parte  
Tendo feito empenhar por tal maneira,  
Que á miseria ficava reduzido  
Elle e a familia sua, se a herança  
Do tio a perder chega, então maduro  
Ao juiz relator par'ceu o tempo,  
E mandou por *terceiro* uma proposta  
Muito em segredo, muito cautelosa,  
Fazer ao litigante da provincia.

V

Pae de uma esbelta joven era aquelle  
Tão honrado juiz, e bom partido  
Lhe par'ceu impingil-a ao provinciano,  
Ao qual *sub condicione* dar podia  
Sentença favoravel. Era o caso  
Ou obrigar-se a desposar a filha  
De tão bom magistrado, ou na miseria  
Deixar morrer seus paes; que o patrimonio

'Stava muito empenhado, outro vendido.

Regeitada ao principio foi a infame  
E vil proposta; mas a persistencia  
Do terceiro nas cousas de justiça,  
Da familia do joven a miseria  
Em perspectiva e certa, se não compra  
Por tal preço a sentença, resolveram  
Alpha a acceitar aquelle cambalacho.  
Para encurtar razões, foi logo dada  
A sentença em favor do nobre esposo  
Da gentil Sylvandira; entra na posse  
Da riqueza legada, e da familia  
A casa arruinadissima restaura.  
Mas ir á terra sua não queria,  
E os motivos para isso são visiveis.

Em Paris residia com sua 'sposa  
Alpha, sem descobrir de tal mulinha  
A manha mais occulta; certamente  
De juiz tão honrado honrada a filha  
Não devia ser menos. Chega um dia  
A descobrir a falha de tal joia,  
E para subtrahil-a aos *lapidarios*  
As malas sem demora fazer manda;  
Duas horas depois postos em marcha  
'Stão Alpha e Sylvandira p'ra a provincia.

Na primeira cidade onde pousaram  
Alpha saiu para tractar negocios,  
No hotel deixando a bella Sylvandira  
E toda a creadagem que trouxera;  
Duas horas depois a casa volta,  
Mas nem creados, nem mulher encontra,  
Acha um bilhete apenas que dizia:  
*Com duas horas só de antecedencia  
Me intimaste a partir para a provincia;  
Duas horas depois de eu ter saído,  
Que te não sigo, ficas avisado.*  
Para Paris voltou rapidamente  
De tal joia o marido, mas á entrada  
Da capital da França é logo preso  
Por homens da policia, e na Bastilha

Foi sem demora posto no segredo.

Havia em tempo, por divertimento,  
De Sylvandira o esposo algumas satyras  
Feito contra uma *honrada* favorita  
Do rei; mas entre amigos tão sómente  
Era lida esta e inda outras poesias.  
Uma copia porém aproveitára  
Traíçoeiramente a *dedicada* esposa;  
Foi bastante este corpo de delicto  
P'ra o marido fazer ser posto a ferros.  
Facil é agora de prever o resto,  
E um tal Royancourt póde á vontade  
De aquella Bethsabé David tornar-se.  
Esteve muitos mezes o coitado  
E infeliz Alpha tantas crueldades  
Soffrendo, que a mulher lhe preparára  
P'ra ficar sem pastor essa ovelhinha;  
Mas pensou, meditou e preparou-se  
Para punir o infame. Os seus amigos,  
E Cretè mais que os outros, trabalharam  
E conseguiram o perdão do joven;  
Alpha é solto e da esposa volta aos braços  
Todo carinho e amor, agradecido  
Se mostra a Royancourt e ambos illude.

Pouco tempo depois morre varado  
O infame Royancourt por um florete;  
O nobre e bom Cretè punira em duello  
Aquelle scelerado e vil adúltero,  
Em quanto a viajar co' a meiga esposa  
Partira o amigo seu para recreio  
De tão amavel pomba. Mas na volta  
Chegou viuvo e só, sentindo a perda  
Da formosa consorte, que um funesto  
Naufragio submergira (a verdade era  
Que a passeio marítimo a levára,  
E vendêra a um pirata). Estava livre  
Alpha d'aquella vibora damnada  
E, passados de lucto os legaes mezes,  
Com sua fiel Constança se desposa.

Tudo correr par'cia optimamente,

Eis se não quando estranha personagem,  
Embaixador não sei de que alto imperio,  
Vem a Paris e traz por odalisca  
Sabeis a quem? a linda Sylvandira.  
Qual outra Alaciel do rei de Garba,  
Indo de mão em mão, chegára a filha  
Do juiz que julgara a causa de Alpha  
A pertencer ao filho da indiana.  
Monumental vingança logo, logo  
Conceberam os dois; de bigamia  
Devia Alpha infeliz soffrer a pena.  
Valeu lhe o bom Cretè, que diplomata  
Habilissimo foi n'este negocio,  
E o tal embaixador foi para as Indias  
(Para não ir tambem para a Bastilha)  
Levando a boa joia que comprára,  
E que ora vedes atrelada ao carro  
Juncto co' a bella que Sansão perdêra. --

## VI

Assim o preto disse, e já chegavam  
Perto de nós as duas condemnadas,  
Quaes mulas, a puxar a uma carrada  
De muito lixo e entulho; eram seguidas  
Por um negro possante, que o chicote  
Fazia trabalhar, se pouco activas  
No tal serviço achasse aquellas bestas.  
Deixamol-as passar; mas novo carro  
Se seguia ao primeiro, e era puxado  
Por outras duas bellas que na vida  
Com regia c'roa a fronte ornado haviam.  
— Estas, o preto disse, se aos maridos  
Tanto mal não fizeram, contentaudo-se  
Com lhes ornar as testas, nem por isso,  
Pela sua ambição estimuladas,  
Deixaram de fazer algumas victimas.

Uma ao throno de Lysia ascender pôde  
De um fraco rei o coração domando ,  
É Dona Leonor Telles, que primeiro  
J'ão Lourenço da Cunha abandonára.  
Seu marido legítimo, p'ra esposa  
Do formoso e inconstante rei tornar-se.  
Esta soberba dama, se tão pouco  
Respeitar soube as leis do matrimonio,  
Tambem pouco respeita as da familia,  
E o infante Dom João a enganar chega  
A ponto, que assassina a propria esposa  
No palacio da rua de Sub-ripas.  
De Dona Maria Telles o assassinio  
Uma mancha é na historia portugueza ;  
E a rainha Leonor, que por adultera  
A innocente irmã morrer fizera,  
Assim um meio encontra p'ra livrar-se  
Do infante Dom João, que expatriado  
Em Castella buscou fugir ás penas  
Do crime commettido. Um outro infante,  
Irmão do antecedente, tambem foge  
P'ra não ser castigado, por que tinha  
Um delicto espantoso perpetrado...  
Recusou-se a beijar a mão da adultera !  
Ficou desassombrada a marafona,  
E para o seu galante favorito,  
J'ão Fernandes Andeiro, obtem do esposo  
Do condado de Ourem titulo e rendas.  
Aquell'outra rainha, que a acompanha  
N'este serviço proprio só de bestas,  
É a mãe da *Beltraneja*, e fôra esposa  
Do rei Henrique Quarto de Castella (6)..  
Dom Beltrão de la Cueva um simples pagem  
Era do rei, mas tanto em valimento  
Pôde subir por graças da rainha,  
Que o primeiro ministro do seu principe  
Chega a ser, e de Conde de Ledesma  
O titulo consegue. Inda isto é pouco  
P'ra aquelle afortunado favorito ;  
Da infanta Dona Joanna o pae veridico

Não era Henrique Quarto, era o valido.  
Esbelta rapariga de Toledo,  
De obscuro sarrador presada filha,  
Foi por este monarcha requestada ;  
Um pequenino Henrique era a vergontea  
Verdadeira do rei, bem que bastarda.  
P'ra que chegasse a c'roa de Castella  
A ser de Dona Joanna, a *Beltraneja*,  
Não teve horror aquella esposa adúltera,  
E o Conde de Ledesma, de nas chammas  
De preparado incendio a desditosa  
Mãe do bastardo principe queimada  
Fazer morrer co' o filho innocentinho.  
Mas nem assim o calculado effeito  
Conseguir pôde em bem da prole sua,  
E foi Dona Isabel reconhecida  
Por legitima herdeira de Castella. —

VII

Essa da Russia imperatriz famosa,  
E da torre de Nesle as heroínas  
Aqui não 'stão tambem? — Então pergunto  
Ao guardião d'aquellas boas prendas.  
— Estão, podemos vel-as ; n'outro sitio  
Andam a trabalhar (responde o negro).  
É preciso fazer um desaterro,  
E umas são cavadoras, trazem ontras  
Cestos de terra, zorras, padiolas ;  
Mas vamos então lá. — Fomos andando  
Té chegar ao logar onde avistamos  
N'aquella operação mais de oitocentas,  
Cavando e removendo a terra solta.  
— Aquella gorda e bella é Catherina  
Por quem tu perguntaste (o demo torua),  
E de essa torre infame as celebradas,  
Dissolutas senhoras cavam junctas

Ao pé da imperatriz San Margarida,  
Branca e Joanna as celebres princezas,  
As quaes, nocturno laço armar fazendo  
Aos rapazes galantes, n'essa torre  
Em nocturnas orgias pandigavam  
Co' os jovens imprudentes, todo o pejo  
E senhoril recato desprezando.  
Depois, na madrugada, eram do Sena  
As aguas bem seguros confidentes ;  
Afogados mancebos não podiam  
Vir revelar aquellas bambuchatas.

VIII

Mas vamos mais além. Temos agora  
De Inglaterra uma celebre rainha,  
Filha do Henrique Oitavo e da ambiciosa  
Anna Bolena. Essa Isabel, tão celebre  
Por não ter perdoado á prima sua  
(Por ser mais bella e não por ser catholica,  
Esta é a verdade, o resto foi pretexto  
Para a decapitar), regeitou sempre  
Do parlamento inglez as insistencias  
Para esposo escolher. Teve a vaidade  
De querer que, por morte, lhe inscrevessem  
Na lousa sepulchral = *Aqui repousa*  
*Isabel de Inglaterra alta princeza,*  
*Que viveu e morreu rainha e virgem.*  
É certo que morreu sem descendencia,  
E terminou com ella a dynastia  
Dos Tudors ; mas em quanto a virgindade  
Ha muito que dizer. O seu primeiro  
Favorito ou galan foi feito Conde  
De Leycester, depois outros succedem,  
Cada um por seu turno ; o Conde de Essex  
A ultima conta foi de tal roزاریo.  
Mas Isabel não foi sómente virgem,

Foi também generosa e compassiva,  
*Poupando* derramar o sangue humano :  
Já disse, fez morrer a prima sua,  
Maria Stuart, anjo de bondade,  
De belleza e de amor ; ao Conde de Essex  
(Um favorito seu !) também não dera  
O perdão de rebelde se haver feito ;  
Dos catholicos padres, finalmente,  
Muito innocente sangue derramado  
Veio também manchar os annos ultimos  
De Isabel, que morreu rainha e *virgem*. —

IX

Mas quem é, perguntei, aquella dama  
Que tão carregadinha vai co' um cesto  
Cheio de terra e pedras ? Um valente  
Teu servo subalterno não lhe deixa,  
Fazendo trabalhar o *jus cvjendi*,  
Tomar algum repouso. — Essa menina,  
Responde o guarda mór, tivera o berço  
De Sancta Cruz nas plagas. A vaidade  
De mulher ser de um orador distincto  
Levou-a a desposar-se co' um mancebo,  
Que mais tarde devia ser a victima  
Da honra desaffrontada. Uiu valdevinos,  
Um tratante de marca e que diversas  
Provas já dera das virtudes suas,  
*Verbi gratia*, raptando uma donzella  
E outras que taes honrosas gentilezas  
Praticando sem pejo e sem vergonha,  
O leito nupcial viola e ultraja  
D'aquelle par. A sorte de Desdemona  
Teve a culpada esposa, sem ter d'esta  
A virtude e innocencia que a *illustram* ;  
Mas da lei dura pena também cabe  
Ao marido infeliz, que foi na ardente

Africa terminar a triste vida.  
E o biltre, causador de tantos males,  
Pretendendo enganar a sociedade,  
Finge arrependimento, e n'um mosteiro  
Diz querer ir viver p'ra penitencia ;  
Que sincera virtude a dos beatos !

**Fim do canto sexto.**



# NOTAS

AO

## CANTO SEXTO

---

---

(1)

Allusão aos queijos da Serra da Estrella, os melhores que se fazem em Portugal.

---

(2)

O *bellicoso*, epitheto que Homero dá a Menelau. Veja-se no principio do canto 3.<sup>o</sup> da Iliada o episodio do duello entre Páris e este principe, e do qual se faz no texto uma ligeira parodia.

---

(3)

Os exames de grego em Coimbra são uma fardada, uma impostura burlesca. Com excepção de alguns estudantes theologos, os quaes chegaram a traduzir com muitissima difficuldade dois ou tres pequenos dialogos de Luciano, e uns cem versos de Homero, todos os mais estudantes, medicos, natu-

ralistas, doutorandos, etc., fazem exame e ficam approvados em grego, sem ao menos saberem todo o alfabeto ! A lei espera-lhes o exame para o fim do curso, e o resultado foi chegar o abuso a este ponto.

---

(4)

Quer dizer *infeliz Páris*. Já Ovidio empregou o mesmo hellenismo na epistola de Laodamia e Protesilau, verso 43 — *Dyspari Priamide, damno famosae tuorum*. Temos bom padrinho par abonar este neologismo.

---

(5)

Este episodio é o resumo de um romance de Dumas intitulado *Sylvandira*. Lido pelo auctor ha muitos annos, esqueceu o nome do protogonista e foi supprido pelo de *Alpha*.

Quem não achar bonito este nome, substitua-o pelo de *beta*, *gamma*, ou outro qualquer que mais lhe agrade.

---

(6)

Veja-se o romance de Emmanuel Gonzales intitulado *A rival da rainha*.

---

# CANTO SEPTIMO

## VIAGEM AO PRIMEIRO SATELLITE DE JUPITER

---

### I

De aquellas tão honestas, nobres damas,  
Muitas mais inda vimos em diversos  
Asperrimos trabalhos occupadas  
Sob o commando de demonios negros,  
Que, de chicote ou de agulhão munidos,  
No serviço as faziam ser ligeiras.  
O capataz d'aquella feitoria,  
Pel-os saber de cór, de muitas d'ellas  
Nos contava os escandalos passados;  
De outras porém forçoso era no livro  
Volumoso, pesado e parecido  
Co' o grande dictionario de Larousse,  
Ir ao termo da entrada dar a busca.

Mas Olympia, entendendo termos visto  
Já bastante, e que tempo era de em Jupiter  
Ir conversar com gente conhecida  
E passar algum tempo alegremente,  
Deu por finda a visita n'aquelle orbe  
Do pequeno planeta, e novamente  
No doce palanquim nos assentamos.  
— Como o tempo é bastante (diz-me Olympia,  
Carregando na mola do registo)  
P'ra chegar ao jantar, sem que preciso  
Nos seja accelerar a viagem nossa,

N'este andamento iremos caminhando.  
Conversemos agora, pois entendo  
Que uma viagem calada é muito insípida. —  
Certo que sim, digo eu, e para assumpto  
Tenho já muita cousa.

II

Antes de tudo  
Communicar-te quero o pensamento  
Deum projecto que fiz. O nosso amigo  
Dan e Allighieri disse-me ao principio,  
Quando p'ra visitar estes planetas  
Me foi fazer o singular convite,  
Que esperava de mim não ver perdido  
O fructo da instrucção que eu recebesse.  
Não gostei nunca de illudir esp'ranças  
Dos meus bons mestres; faço quanto posso  
E desvelo-me sempre pelo ensino  
Dos discipulos meus, pagando a divida  
Que á patria, á sociedade, aos mestres devo.  
Ora se em mathematica, ou na lingua  
Da culta Grecia antiga, usado tenho  
Como digo, e em tudo isto nada faço  
Mais do que o meu dever, razão não acho  
P'ra deixar ficar mal o florentino.  
Resolvi pois contar em verso heroico,  
Ou inda em redondilhas, quando seja  
Apropriado o uso d'ellas, as diversas  
Scenas que por cá vir, como fizera  
O proscripto Allighieri do que achára  
No inferno, purgatorio e paraiso.  
Não tenho pretensões de fazer tanto,  
Nem a decima parte; se a vontade  
Se approxima da do outro, é mui diff'rente  
O engenho, a competencia, e até o tempo.  
Razões para escrever não são já poucas,  
Inda que eguaes não sejam ás de Dante,

Que, expatriado, pobre e foragido,  
O pão comeu do exilio, e de Ravenna  
Lhe valeu muito o nobre e honrado principe.  
Mas eu tambem, se amigos não tivesse  
E parentes, por certo já haveria  
Ao lado á lebre! *Honrados* meus collegas,  
E a politica de hoje, assim o querem.

Mas vá cada um cumprindo o seu destino,  
E a patria julgue a todos. Bem quizera  
Poder poupar alguem, mas sobo o jogo  
De cada vez a mais; dizer verdades,  
Amargas para alguem, porém verdades,  
Adornadas co' as galas da poesia  
Posso, se assim fizer, 'screvendo as *viagens*.  
Que te parece? — Se emendar esperas  
Encapellada gente de Coimbra  
(Olympia, que os conhece, me diz logo),  
Nada por certo alcanças. Mello Franco  
No genero heroe-comico fizera  
Um bom poema tambem p'ra verberal-os  
(*Reino da estupidez* era o seu titulo),  
E nada conseguiu. Homens sem brio,  
Sem honra e sem vergonha, não se importam  
Que lhes descubram suas maroteiras,  
E de negar os factos são capazes. —

Se negam, mentem elles (digo eu logo),  
E co' isso eu conto já, se não de todos,  
Dos de maior cynismo pelo menos.  
Mas eu digo a verdade, quando aponto  
Algumas comedelas, tranquibernias,  
De essa gente de Coimbra, e de algum sucio  
Confissões imprudentes, por vaidade  
E p'ra ostentar poder e valimento  
Feitas levianamente. Se mais tarde,  
As phrases viciando, e até mentindo,  
Induzir o tal sucio um seu amigo,  
Menos lembrado, para vir na imprensa  
P'riodica dizer que é falsidade  
O facto que eu narrar, hei de affirmar-o,  
Por que assim succedeu; já o contára

Haverá mezes dois a alguns amigos  
Sem que ninguem notasse inconfidencia.  
Ninguem pediu segredo, e fallar posso  
Contando isso que ouvi sem promettido  
Haver de me calar. O que eu não faço  
É fazer jiga-joga nos p'riodicos,  
Dize tu, direi eu; o tal sugeito  
Não jogue por tabella, e se de novo  
Quizer a affirmação sómente em prosa,  
Que querelle de mim. Os julgadores  
Nos tribunaes civis são mais honrados  
Do que os collegas seus na facultade.

Mas não serão sómente alguns devassos  
De esta *ditosa* Coimbra que em meus versos  
Levantado terão seu pelourinho;  
De Mello Franco o poema bastaria,  
Se fosse bom remedio o verso heroico.  
Pretendo aproveitar de varios contos  
Legendarios, da historia estranha e nossa,  
E da litteratura e da poesia  
Alguns lindos assumptos p'ra episodios.  
Isto chegará bem p'ra doze cantos,  
Se não vierem esses taes sugeitos  
Dar mais materia p'ra estender o poema.

### III

— Pois sim, me diz Olympia; apontamentos  
Podes ir entretanto compilando  
Para essa produção De aqui já avistas,  
Sem usar do binoculo, os satellites  
Do bom planeta Jupiter? O sabio  
Galileo Galilei, honra da Italia (1).  
Foi o primeiro em descobrir taes astros.

Teve o seu berço em Pisa este homem celebre,  
Que á natura um segredo importantissimo  
Deveria roubar; foi nada menos .

Que descobrir no effeito de uma força  
Do movimento havido a independencia.  
Desde os trabalhos do syracusano (2)  
Geometra até 'ntão, só de equilibrio  
Bem tratar se podiam os problemas;  
P'ra Galileo porém 'stava guardado  
Pôr as bases seguras da dynamica.  
Mas estes sós não foram sens serviços  
Em sciencias naturaes; O isochronismo  
No pendulo encontrou, quando pequenas  
Fossem as excursões do ponto movel.  
Inventor do thermometro, e egualmente  
Da balança hydrostatica, este sabio  
Do descenso dos graves as leis soube  
Demonstrar pelo meio da experiencia,  
Da gravidade a força minorando  
No seu plano inclinado. Assim consegue,  
Com descobertas, invenções tão uteis,  
A physica metter a bom caminho  
E... adquirir numerosos inimigos  
Nos professores seus contemporaneos,  
Obstinados sectarios de Aristoteles!

Grandes, uteis reformas; novos campos  
Abertos ás sciencias; leis mais justas  
Dadas á sociedade, ah! custam sempre  
Martyrios, sacrificios. Das ideias  
Mais nobres e elevadas os primeiros  
Impulsores, apostolos, são victimas.  
Não poucos conta a physica: o Vesuvio  
A Plinio sepultou nas lavas suas,  
E do illustre Copernico o systema  
A Galileu custou mil dissabores.  
Foi corajoso o sabio; já primeiro  
Alguns padres fanaticos tentaram  
Calumniar, chamando visionario,  
Aquelle sacerdote tão distincto  
Da verdadeira sciencia. Mas baldadas  
As intrigas pequenas, denunciam  
Da Inquisição ao tribunal injusto  
O nobre Galileo. São condemnadas,

De tão *profundos sabios* no congresso,  
Por hereticas, falsas, as doutrinas  
Da rotação e translação da terra.  
Permittiram com tudo que, com certas  
Condições restrictivas, continuasse  
A ser lente em Florença (onde o Gran-Duque  
O convidára, com partido honroso,  
À cadeira reger de mathematica,  
E o fizera deixar Veneza e Padua).

Teve paciencia o sabio muitos annos,  
Mas gastou-se por fim. Co' os seus *dialogos* (3)  
A coisa transtornou; eil-o perdido,  
E, se não vae a Roma retractar-se  
Para salvar a pelle, era queimado,  
Ou pouco menos, por fallar verdade!  
*E pur si muove*, e a Terra continua  
Os seus dois movimentos effectuando.

Artista foi tambem o nobre filho  
Da bella Italia; um oculo astronomico  
Construe, explora o céu co' este instrumento,  
E logo descobriu phases em Verus,  
Manchas no Sol, a rotação d'este astro,  
E iuda essas quatro luas que circulam  
De Jupiter em volta, e que ao principio  
Foram 'strellas de Medicis chamadas,  
Homenagem rendendo ao seu bom principe.

Da musica tambem e da poesia  
Foi distincto cultor; os Della Crusca  
Famosos academicos em 'stina  
Tiveram o seu 'stylo litterario.  
Era não só leitor apaixonado  
Dos impagaveis cantos de Ariosto  
E ainda dos de Tasso e de Petrarca,  
Mas tambem algum tempo ás musas dava  
Das horas de descanso ou de recreio,  
Deixando em bons sonetos, e em sextinas,  
Mimosas produções. Sirva de amostra  
O soneto seguinte, em que se queixa  
Do rigor e desdem da amada sua,  
Comparada com Nero na crueldade (4):

SONETO

N'um seculo remoto as provas dando  
Do seu genio cruel, desatinado,  
Do incendio no furor enthusiasmado,  
Dizia o imperador mais execrando :

Altas ruinas de imperio venerando,  
As desfeitas grandezas, o arruinado  
Templo, um signal firme e bem marcado  
Do meu grande poder fiquem mostrando.

Assim essa altaneira, cuja mente  
De desdem se reveste e de aspereza,  
E com meu triste choro prazer sente,

Armada de furor, de mór dureza,  
Muitas vezes me diz barbaramente :  
Brilhe no incendio teu minha belleza. —

IV

Já teve a nossa patria (eu digo), e certo  
Deves sabel-o, Olympia, um mathematico  
Mais conhecido em sciencia que em poesia,  
O qual tambem soffreu dos taes roupetas  
Cruel perseguição. Foi o Anastacio  
Da Cunha, official muito illustrado,  
Que o Marquez de Pombal, quando a reforma  
Da Lusa Academia concluire, a  
Despachou para lente cathedratico  
E mandou doutorar. Fez bom serviço  
Regendo a sua cadeira, e na mechanica  
Combateu com denodo a metaphysica  
Nas loucas pretensões de os fundamentos,  
Sem dados da experiencia, ella sómente

Dar á phoronomia. Um nobre sabio,  
O illustre Freycinet, nos dias de hoje,  
Segue a mesma doutrina, a verdadeira  
E que o bom Comte expoz com luzes tantas (5).  
E do polaco Wronski, o nebuloso  
Que até foi arranjar *funcções alephas*,  
Podem rir-se á vontade; que a doutrina  
De intrujões como o Wronski não tem curso,  
Sómente uns charlatães, uns impostores,  
P'ra illudir o seu povo e ter prestigio,  
Dizem saber as altas metaphysicas  
E ter grande valor o *messianismo* (6).  
Ora... Mas continuemos a conversa  
Sobre o José Anastacio. Ia eu dizendo,  
Minha formosa Olympia, que já teve  
A nossa Academia de Coimbra  
Entre os seus mais illustres professores  
O sabio Cunha. Um erro commettêra  
O Marquez de Pombal, quando o jesuita  
Zé Monteiro da Rocha despachára  
Lente da faculdade. O tal roupeta  
Foi sabio e talentoso, mas tratante  
E velhaco de marca; do collega  
Andava a dizer mal por toda a parte,  
E tanto fez o biltre de sotaina,  
Que obteve a demissão do desditoso,  
O qual mettido foi nos duros carcerees  
Da Inquisição, do Rocha por intrigas.  
— Bem sei de quem tu fallas, diz-me Olympia,  
E vamos enconral-o com certeza  
No primeiro satellite de Jupiter,  
Do qual já somos perto; está com elle  
Doutor Rufino e o bom Thomaz d'Aquino,  
Os quaes nosso Allighieri convidára  
Para um jantar d'amigos. — Dentro em breve  
Na designada lua demos fundo,  
Onde aquelles meus bons amigos quatro  
Me estavam esperando; abraço a todos,  
E fomos caminhando lentamente  
Para casa do vate florentino.

V

— Tenho inda outra vivenda, o amigo Daute  
Me diz, sobre o espheroido mais extenso  
Em torno ao qual circulam estes orbes  
De dimensões mais curtas; todavia  
Eu e estes tres amigos preferimos  
Vir-te esperar aqui. Vamos andando,  
O jantar nos espera, e aos teus amigos  
Podes noticias dar da Lusa Athenas. —  
Com o maior prazer, lhe digo, e agora,  
Que tenho o gosto de encontrar-vos junctos,  
Que bom cavaco á mesa não teremos!

Doutor Rufino, meu bom mestre e amigo,  
Saberás que um rifão que entre nós corre,  
E diz *depois de mim ha de seguir-se*  
*Quem me fará ser bom*, se verifica  
Em relação a ti. No teu serviço  
Sucedeu-te, bem sabes, doutor Coelho.

— A proposito d'elle, acode o lente  
Que foi do primeiro anno mathematico,  
Conhecel-o melhor? — Bem me recordo,  
Eu tornei, de esse aviso que me deste,  
E nunca descubri ao tal sujeito  
Que por conselho teu me resolvêra  
A seguir os estudos mathematicos,  
Pois o mesmo valêra que a vingança  
Provocar de inimigo encapotado.

Mas estava eu dizendo que, por tua  
Jubilação, passou do anno primeiro  
A reger a cadeira o doutor Coelho.  
Depois que tu morreste o homem tornou-se  
Inda mais exquisito do que d'antes;  
E, ha apenas tres annos, por tal sorte  
Na lição maltratára um seu discipulo,  
Que o estudante (brioso, mas sem tino)  
Veio para sua casa e suicidou se (7).  
Talvez que toda a culpa não tivesse

De uma desgraça tal; mas se bom mestre  
Soubesse ser, cumprindo os seus deveres  
Sem maltratar alguém, não haveria  
Esta mancha na nossa faculdade.

Eu por essa occasião estava ausente  
De Coimbra, mas nas folhas e gazetas  
Li mais que dar f'riado não queria  
Aos discipulos seus no luctuoso  
Dia do enterro do infeliz mancebo,  
E necessario foi que o seu prelado,  
Reitor da Academia, esta homenagem,  
Sempre usada nos cursos á memoria  
De um irmão nos da sciencia asp'ros trabalhos  
Lhe mandasse observar! Um condiscipulo  
Na cadeira de chimica eu já tive  
Que falleceu tambem durante o curso;  
Além de muitos outros, fomos todos  
Os 'studantes de chimica ao enterro  
Do nosso camarada, e o proprio lente  
Da chave do caixão portador era.

#### IV

Eu sempre isso esperei na vida publica  
De esse doutor (atalha o meu bom mestre).  
Na vida de familia não campeia  
Tambem por melhor homem (eu lhe torno).

Ha poucos annos inda o celibato  
Se lembrou de deixar o doutor Coelho,  
E, por desdita de uma bella joven  
Coimbricense, foi ser d'elle esposo.  
Dizem que nunca mais os ares puros  
Do campo a respirar tornára a triste;  
Mas sempre clausurada em casa estava  
A menina infeliz, que o seu consorte  
Não lhe dava licença p'ra que ao menos  
Espairecer pudesse algumas vezes.  
O certo é que em solteira era galante,

Robustez indicando, e, feita esposa  
De aquelle *bom* marido, a pobresita  
Por lenta consumpção foi pouco a pouco  
Ao túmulo arrastada. Era uma pena  
Ver tão mal empregada aquella dama.

Eu cá, se fosse pae de raparigas  
Com annos já de procurar marido,  
Em exemplos assim os olhos pondo,  
Na escolha teria mais cautela;  
Com certeza as não dava a quem nas obras  
Da Wronsky indo treler, mais augmentava  
Reconhecida telha, indicio certo  
De desestima da consorte sua.

## VII

— Agora a mim, me diz Thomaz d'Aquino  
Responde, meu querido forasteiro,  
Quem a minha cadeira está regendo? —  
Um doutor inda novo, eu lhe respondo,  
Mas do poder occulto no joguinho  
Velho dizer se pode sem grande erro.  
— Talvez José Falcão, diz o Rufino,  
O que foi reprovado no quarto anno (8),  
E de uns taes carbonarios estudantes,  
Que o raio organisaram, foi grão mestre? —  
Acertas-te, lhe digo; o mesmo é elle,  
O curso repetiu e foi ávante,  
Depois, já sextanista, ambição teve  
De figurar de novo n'outros gremios  
Da Academia, e ás abas da casaca  
Do bom Silva Pereira agarradinho,  
Prestigio conseguiu nos academicos,  
E o Club dirigiu com bases novas (9).

Por haver quebrantado as leis da casa  
O vi já sobre o palco aos seus consocios  
Supplicante pedir *bil de indemnidade*,  
E todos lhe perdoamos. Pouco tempo

Depois contra o doutor Silva Pereira  
Se revolta, e em sessão do directorio,  
Audacioso, doestos e improperios  
Profere contra aquelle a quem devêra  
Subir entre os rapazes. 'Stava ausente  
O doutor transmontano; de outra sorte  
Haveria entre os dois a mesma scena  
Que no anno anterior da Philantropica  
Os socios eleitores praticaram (10).

Inda me lembro bem das taes proezas  
De sôcos e taponas, a valentia  
Mostraram muitos d'elles; d'honra e brio,  
E valor juntamente, os dois Pimentas  
Poderam provas dar. Meu condiscipulo,  
O Pimenta Joaquim, no anno seguinte  
Uso soube fazer da mesma prenda,  
Desaffrontando a dignidade sua  
Por ter levado um *erre* injustamente  
No acto de formatura (11). Os dois tosados  
Queixaram-se ao prelado, e o bom Pimenta,  
Que é hoje capitão de engenharia,  
Foi riscado em conselho de decanos.  
Mas nem as bofetadas se riscaram  
Das caras dos taes sucios, nem tão pouco  
Ainda se riscou da opinião publica  
De elles a covardia e a injustiça.

## VIII

Continuando a falar do mesmo lente  
Que foi teu successor, Thomaz d'Aquino,  
Em geração terceira (12), elle é da escola  
Que Augusto Comte e Freycinet bateram;  
Sustentou que sem dados da experiencia  
Pôde fundar-se a statica! Os negcios  
Deixou do Club; achava já pequena,  
Depois de doutorado, aquella gloria  
De se elevar em coisas de estudantes.

Publicou (bem que anonymo) um folheto,  
Faz agora annos quatro, elogiando  
De Pariz a cummuna e os petroleiros (13);  
Defender taes ladrões achando pouco,  
Jogou alguns sarcasmos e ironias  
Da nobre França a capitães distinctos,  
E nem poupára a Mac-Mahon valente!

**Fim do canto setimo.**



# NOTAS

AO

## CANTO SETIMO

---

---

(1)

GALILEO GALILEI, o maior mathematico italiano nos tempos modernos, nasceu em Pisa em 15 de fevereiro de 1564, e falleceu em Arcetri no dia 19 de janeiro de 1642.

---

(2)

ARCHIMEDES, o maior mathematico da antiguidade, amigo e parente do rei Hieron, nasceu em Syracusa 287 annos antes da era christã.

---

(3)

Dialoghi quatro, sopra i due massimi sistemi del mondo, Ptolomaico e Copernicano; 1632.

(4)

OPERE DI GALILEO GALILEI — Firenze 1718. A bibliotheca da Universidade de Coimbra possui esta obra. No principio do 1.<sup>o</sup> volume encontra-se uma biographia do sabio mathematico por Viviani, e em seguida tres sonetos para amostra das suas producções em litteratura. Escolhemos um d'elles, o que nos agradou mais, para darmos no texto a sua traducção; mas como a passagem para a nossa lingua, verso por verso e com rimas obrigadas, exige algumas vezes menor fidelidade de pensamento, aqui apresentamos o original:

### SONETO

Mentre spiegava al secolo vetusto  
Segni del furor suo crudeli, ed empì,  
Tra gl' incendi, e le stragi, e i duri scempi,  
Seco dicea l' Imperadore ingiusto:

Il Regno mio d' alte ruine onusto,  
Le gran moli destrutte, e gli arsi Tempj  
Portin la mia grandezza in fieri esempj  
Dall' agghiacciato Polo al lido adusto.

Tal quest' altera, che sua mente cruda  
Cinge d' impenetrabile diaspro,  
E nel mio pianto accresce sua durezza,

Armata di furor, di pietà ignuda,  
Spesso mi dice in suon crudele, ed aspro:  
Splenda nel fuoco tuo la mia bellezza.

---

(5)

*Cours de philosophie positive*, 1.<sup>o</sup> vol.

(6)

WRONSKY, famoso mathematico e philosopho mystico, nascido em Posen em 1775.....

.....  
Em 1818 intentou um processo contra um rico negociante chamado Arson, do qual reclamava a quantia de 200.000 francos, preço convencionado da iniciação d'este discipulo no conhecimento do *infinito* e do *absoluto*.....

.....  
O tribunal julgou procedente a acção, e o publico ficou na duvida sobre qual das duas cousas era mais para admirar, se o descarado charlatanismo do sabio mystificador, se a credula simplicidade do patau.

Wronsky não deixou todavia de continuar com as suas publicações mystico-scientificas; mas a sua Introducção ao Sphinge (Paris, 1818) e o novo systema religioso, philosophico e politico que expoz no *Messianismo* (Paris 1831—1840) foram mal recebidos.

Morreu em agosto de 1853, em Neuilly perto de Paris, depois de se ter mostrado um dos mais decididos adversarios dos caminhos de ferro.

{*Dictionnaire de la conversation*, WRONSKY}.

---

(7)

Este deploravel acontecimento teve lugar em 11 de março de 1872; o desditoso estudante chamava-se Augusto Marques Galhano. Veja-se o *Conimbricense* do dia 12 do mesmo mez e anno.

---

(8)

O Sr. Dr. José Joaquim Pereira Falcão era quar-

tanista de mathematica no anno lectivo de 1862 a 1863 e ficou reprovado no seu exame para o grau de bacharel. Repetiu o curso no anno seguinte e seguiu por diante.

---

(9)

No anno lectivo de 1865 a 1866 as duas sociedades recreativas *Academia Dramatica e Club Academico* fizeram fusão, compondo uma só com a denominação de *Nova Academia Dramatica*. O Sr. Dr. Falcão foi um dos directores.

---

(10)

N'esse mesmo anno lectivo, já na ultima época, por occasião das eleições da direcção e conselho fiscal da sociedade Philantropico-Academica, havendo dois partidos, e chegando a ser grandes as animosidades e paixões de cada um, houve entre os estudantes de uma e de outra facção o argumento muito convincente de pancadaria e sôcco, coisa que já não era nova em Portugal nas eleições de camaras municipaes, deputados, etc.

---

(11)

O Sr. Joaquim Pereira Pimenta de Castro, hoje capitão de engenheiros, frequentou o quinto anno mathematico no anno lectivo de 1866 a 1867.

Tendo levado acintosamente um R no seu acto de formatura, deitado pelo Sr. Dr. Florencio Mago Barreto Feyo, no dia seguinte esperou na rua do Norte o mesmo examinador, e fez justiça pelas

*suas mãos* n'este lente e no collega que o acompanhava, o Sr. Dr. Francisco Pereira de Torres Coelho.

---

(12)

Pela jubilação do Dr. Thomaz d'Aquino de Carvalho succedeu-lhe na cadeira de mechanica celeste o Dr. Jacome Luiz Sarmento, e pelo fallecimento d'este lente, em 1874, succedeu-lhe o Sr. Dr. José Joaquim Pereira Falcão.

---

(13)

O titulo da obra era : *A communa de Paris e o governo de Versailles*. Saliu dos prelos da Universidade em 1871. Mais tarde, em maio de 1873, no n.º 2 do *Piparote*, appareceu entre outra uma caricatura que representa o auctor do folheto petroleiro tractando negociações com um commerciante de petroleo.

---



## CANTO OITAVO

JANTAR NO 1.º SATELLITE DE JUPITER,  
E VIAGEM AO GRANDE PLANETA

---

### I

N'estes e outros assumptos de conversa  
O tempo de caminho aproveitando,  
Á habitação chegamos do bom Dante.  
Ere uma linda casa, situada  
No alto de uma collina ; a um lado tinha  
Um pequeno jardim, porém bonito,  
Com fontes e repucho, e estatuas bellas  
De jaspe ou de alabastro. Vi de Homero  
O venerando busto, e o de Virgilio  
Em frente lhe fazia symetria ;  
De Herodoto e Justino, de Plutarcho  
E de Cornelio Nepos egualmente  
Honrada era a memoria. O bom Thucydides,  
Que n'um 'stylo tão lindo um feio quadro  
(Peste d'Athenas) descrever-nos soube,  
Tinha tambem seu busto ao lado de outro,  
O de João Boccacio, que não menos  
Foi distincto estylista, quanto pinta  
Aos olhos do leitor a epidemia  
Que Florença assolou no tempo d'elle.

Alguns caramanchões, de trepadeiras  
Forrados e de flores odoriferas,  
Um lago pequenino, mas gracioso,  
Havia no jardim, quo terminava

N'um mirante que dava sobre o valle.  
Aqui já preparada estava a mesa,  
Coberta de iguarias e de fructas  
E de vinhos tão bons como os melhores  
Do Porto, de Bordeus e da Madeira;  
De frondosos loureiros grata sombra  
Se projectava já sobre o mirante,  
E, sem do sol os raios importunos  
Receber, os convivas nos sentamos  
Aquella bem servida e lauta mesa.

Além dos quatro amigos que fizeram  
A fineza de vir ao nosso encontro,  
Mais 'stava o bom Correia (1), que já fôra  
De Braga no Lyceu meu sabio mestre  
Da lingua de Demosthenes e Homero;  
Anna Dacier (2) se achava ao lado d'este  
Professor portuguez; cumprimentou-me  
Com muito agrado e estima, immenso gosto  
Mostrando ter de ver-me em tal banquete.

Outra sabia tambem, outra hellenista,  
Notavel pelo amor á mathematica,  
Co' os dois recém-chegados completava  
O quadrado de tres; era a Condessa  
Agnesi (3), a nobre dama italiana  
Que, entre outros, publicára alguns trabalhos  
Em calculo integral, notavelmente  
Sobre a separação das variaveis  
Hypotheses diversas discutindo  
Com muita poficiencia. Esta surpresa  
Me tinha preparado o amigo Dante.

## II

Animada corria e muito alegre  
A conversa, entre copos e manjares,  
E sobre tudo aquellas duas damas,  
Distinctas hellenistas, com int'resse  
Gostavam de saber qual 'studo e estima

Em Portugal têm hoje as linguas classicas.  
De Homero a apaixonada traductora,  
A notavel Dacier, me interrogára  
N'este ponto do nosso ensino publico ;  
Eu fallei a verdade, e assim lhes disse :

Dôr ineffavel mandas que renove (4),  
Ordenando que eu conte o lamentavel  
Estado a que chegou na secundaria  
Instrucção o serviço. Inda eu tivera  
De latim dez lições cada semana,  
E andei mais de tres annos nos trabalhos  
Do estudo de latim ; mas algum tanto  
De Ovidio e de Virgilio entendo a lingua,  
E as notaveis bellezas aprecio.

Hoje a coisa é diversa : a homeopathia  
Os lyceus invadiu na lusa terra,  
E tres lições ou quatro por semana  
(E até duas !) se julgam sufficientes  
P'ra os jovens estudantes aprenderem,  
Com tres annos ou quatro só de estudo,  
A traduzir Horacio e entender Livio !

Ora esta não é só toda a desgraça  
Que os lyceus arruinou, e dentro em breve  
Os ha de aniquilar completamente,  
Não ficando um alumno em todos elles.  
Estão tão divididas, retalhadas  
Pelos annos diversos as materias  
Da instrucção secundaria, e juntamente  
Tantas coisas a um tempo aprender devem  
No ensino official os estudantes,  
Que cada um d'elles sae no fim do curso  
Um tal *petrus in cunctis, nil in omnibus*.

Mas tudo isto inda é pouco ; a competencia  
Já não é qualidade indispensavel  
Para ser professor. Cadeiras vagam,  
E por um modo celebre, *sui generis*,  
Cuida o governo agora de provel-as.  
Ou transfere a capricho, ou inda á sorte,  
Um professor para ir reger cadeira  
Que ficou vaga, embora ella não seja

Aquella em que o tal mestre é competente ;  
Ou, na falta de um mestre transferivel,  
Agarra no primeiro valdevinos  
Que por meia razão (e desfalcada  
Com dois mezes de ferias no ordenado ! )  
Se presta a tal serviço. O resultado  
É termos nos lyceus já muitos mestres  
A leccionar materias que não sabem ;  
Mas isso importa pouco, que o problema  
É só fazer barato o ensino publico,  
Custe embora aos rapazes (nos exames  
Inevitavelmente reprovados)  
Perder todo o seu tempo e algum dinheiro.  
Assim cresce a ignorancia, e co' um sorriso  
De ironia cruel nos diz a historia :  
*Os povos têm governos que merecem (5).*

### III

— E como vai, pergunta a illustre Agnesi,  
O ensino lá por Coimbra de essa *analyse*  
*Infinitesimal*, o mais valente  
Instrumento de calculo empregado  
Nas mais duras questões de mathematica ? —  
Está no anno segundo collocada  
A cadeira em que é lida esta materia  
(Eu respondi á sabia milaneza),  
Mas o seu lente occupa-se bem pouco  
Com a philosophia de tal calculo.  
Inda hoje um tal Francoeur serve de texto  
P'ra as lições dos 'studantes, mas nem essas  
Sabe o lente explicar ; o antigo abuso  
O dispensa de tal, e só se importa  
Que, chamando á licção qualquer discipulo,  
Este baralhe bem *dé xis, dé ypsilon*,  
E faça todo o calculo do livro  
Embora a razão d'elle não entenda (6).  
— Um homem de roupeta, o Zé Monteiro,

(Disse então o Anastacio) tal peccado  
Original deixou na faculdade;  
Só maraus escolhia e outros congeneres  
O manhoso jesuita p'ra collegas.  
Isso emenda não tem; e'se hoje á Lysia  
O Marquez de Pombal de novo fosse,  
É muito de prever talvez que o proprio  
Sabio reformador se arrependesse,  
Vendo o que por lá vae, da obra sua. —

IV

Hospedes e amigos meus, o illustre Dante  
Nos diz n'este momento, ao pé do lago,  
Sobre mesas de marmore e entre flores,  
'Stá servido o café; variar de sitio  
Talvez que vos agrade. — É bem lembrado,  
Dissemos, e o mirante abandonando,  
Junto do lago fomos assentar-nos.

Em chavenas de louça, inda mais rica  
Que a da China ou de Sevres, saboreamos  
De Voltaire a bebida predilecta;  
Veneno lento lhe chamava o sabio,  
E tão lento, que em mais de annos oitenta  
Não tinha conseguido envenenal-o.  
Bons charutos de Havana e de Manilha  
Havia á discripção, e entre conversas,  
Cada qual mais chistosa, alegremente  
Até ser quasi noite entretivemos  
O restante da tarde. O bom Rufino  
Anecdotas sabia engraçadissimas  
De frades, de estudantes, de burguezes,  
E de capitães mores; do cavaco  
As honras lhe couberam com certeza  
N'aquella reunião. Entre outras muitas,  
Do padre José Pedro, um dos famosos  
E engraçados trocistas que tem tido

A lusa academia, uma partida,  
Que aos seus proprios collegas pregar soube,  
O doutor nos contou, e é a seguinte :

V

Annos ha já bastantes, quando ainda  
De azeite á luz, de lata em candieiros,  
De Coimbra os academicos 'studavam  
Em casa recolhidos, obediencia  
Prestando á *cabra*, que tocára ás *tristes* (7);  
Quando, abraçado tendo o pae e os manos,  
Com as benções paternas se partia  
O futuro doutor, escarranchado  
No lombo de um cavallo ou de um jerico,  
Para a Universidade, e uns bons tres dias,  
Ou mais, gastava ás vezes um mancebo  
Para chegar maçado á Lusa Athenas,  
O seu nome escrever no livro *in folio* (8),  
E regressar sómente no fim do anno,  
Depois de feitos todos seus exames;  
Quando a capa e batina mais rasgada,  
Remendada ou sebenta, o signal era  
De ser vet'rano o dono que a vestia:  
N'esses tempos antigos, de que as rimas  
De Francisco Malhão e a macarronea  
*Do metrico palito* alguma ideia  
Ao leitor archeologo dar podem,  
Brilhou na boa Coimbra um academico  
Pelas suas partidas engraçadas,  
E logros, travessuras que pregava  
Dos verdeaes á celebre policia.

Era o padre Zé Pedro. Este patusco  
Tornou-se o Cabrion d'aquella gente,  
(Meirinho e a ronda sua); encontradisso  
Ás vezes se fazia p'ra avisal-a  
De que ia p'ra sua casa, e bem depressa  
N'uma esquina se esbarra com tal sucia

P'ra dar-lhe equal aviso. Em certa noite  
Fez um sarilho armar no andar segundo  
Da casa de um amigo, e tinha a postos  
Seus habeis ajudantes; té á rua  
As cordas vinham ter, pequena prancha  
Sustendo de madeira. O arrelioso,  
Folgazão estudande uns lençoes cose,  
E uma tunica branca assim arranja  
Par'cendo um dominó; co' ella se veste,  
E de pé sobre a prancha vem postar-se,  
'Sperando a dos verdeaes nocturna ronda.  
Esta faz alto ao ver o branco vulto,  
*E quem vem lá pergunta; então Zé Pedro*  
*Uma alma do outro mundo* lhe responde.  
*Quem é? Basta de graças,* torna o chefe  
Da policia academica, e de novo  
Ouve a resposta: *uma alma do outro mundo.*  
Cheios de medo ficam quasi todos,  
Mas um dos verdeaes mais animoso  
Avança contra o vulto; este o segura,  
E sem demora gyra o tal sarilho,  
Guindando aquelle par. A pouca altura  
Subidos já, Zé Pedro cair deixa  
O policia infeliz, que já gritava  
A bom gritar, cuidando que levado  
Era pelo diabo, ou pouco menos.  
O meirinho fugiu, fugiram todos  
Os outros verdeaes, e o destemido  
Não corre tão veloz como os collegas,  
Por que as dores da quéda o não deixavam.  
O padre José Pedro e os companheiros  
Se riam a bom rir da travessura.

## VI

Um dia nos geraes, antes da entrada  
P'ra as aulas, o bom padre aos condiscipulos  
E outros amigos seus teve a lembrança

De um logro lhes pregar. Muito em segredo  
Falla a um d'elles e diz-lhe: hoje p'ra a ceia  
Eu tenho uma perdiz, que me mandara  
Um amigo do campo. Se quizeres  
Fazer-me companhia, chegar pode  
Inda assim para dois, porem não digas  
De isto nada a ninguem; bem vêes que ha p'rito  
De virem visitar-me á hora da ceia.  
Seria um contratempo ver crecido  
O divisor sem ter o dividendo  
Crescido em proporção. — Ora está claro  
Que o tal amigo aceita e bom segredo  
Lhe promette guardar, que o p'rito é d'ambos  
Se apparece um terceiro por conviva.  
Mas o maganão padre, disfarçando  
Por algum tempo, avisa outro patusco  
Com as mesmas cautellas e segredo;  
E proseguindo assim, foi convidando  
Mais de vinte estudantes para a ceia  
Sem saber uns dos outros, e as nove horas  
P'ra comer a perdiz marcadas foram.

Mal soaram as oito no relógio  
Das escolas geraes na velha torre,  
E na casa do padre entra um 'studante  
Dos muitos convidados. — 'Stas em casa,  
Zé Pedro? — Entra, fulano, este responde,  
E no cavaco ou bisca principiam  
A fazer horas, esperando as nove.  
Mas logo vem segundo. — Ó José Pedro,  
Posso entrar? — Entra amigo. — Um contratempo  
Já parece ao primeiro visitante.  
Depois vem um terceiro, um quarto chega,  
E dentro em breve a casa estava cheia.  
Mas as nove horas soam, e os convivas  
Sem saber uns dos outros, entendendo  
Ser casual aquelle encontro, esperam  
Cada um que os outros todos se retirem.  
Mas qual historia! o tempo ia correndo,  
E nenhum em sair era o primeiro.  
Evitando d'ast'arte o haver segundo.

Alguem que era mais 'sperto, em confidencia  
Chama um amigo e diz-lhe : — eu ceiar devo  
Co'o padre José Pedro, mas preciso  
Que as visitas nos deixem; vê se podes  
Fazer que elles te sigam. — Essa agora,  
O amigo lhe responde, é mais galante;  
Eu tambem convidado fui p'ra a ceia! —  
Espera, o outro lhe torna, isto partida  
Me parece do padre, e sem resposta  
Não devemos deixar; vai entretel-o,  
Que eu cuido da desforra. — Em quanto o padre  
É detido em conversa por uns poucos,  
N'um accordo vem todos os logrados  
E, procurando bem, 'scoudido encontram  
Um soberbo presunto. A presa toma  
Um d'elles, sob a capa bem a occulta,  
E, fazendo amigaveis despedidas,  
Sem ceia partem todos.

## VII

### O Zé Pedro,

Que os viu tão satisfeitos pôr-se ao fresco,  
Tem por certo que alguma lhe pregaram;  
E procurando logo, a falta encontra  
Do escondido presunto. Sem demora  
Toma a capa, e a esperal-os n'uma esquina  
Disfarçado correu. Ora pesava  
O furtado pernil, nem os rapazes  
Acostumados 'stavam a transportes  
De coisas tão pesadas; e por isso,  
P'ra dar folga e descanso, andava a peça  
De mão em mão no rancho dos 'studantes.  
Escura estava a noite, e quando passa  
A turba juvenil co'a presa sua  
Ao pé da tal esquina onde embuscado  
Estave o padre Zé, este se mette  
No grupo e a descobrir não tarda o sucio,

Que levava o tal furto saboroso.  
— Agora levo-o eu, — com voz sumida  
Diz o padre, e de novo rehavendo  
A carne de fumeiro, na mais proxima  
Esquina se esgueirou. Correu p'ra casa  
E foi guardar melhor pernil tão celebre. —

### VIII

Assim fallou Rufino, e seguimento  
Lhe fez Thomaz d'Aquino n'este termos :  
— Do Padre José Pedro essa partida  
Fez-me lembrar uma outra inda mais bella,  
Mas pouco caridosa, que pregára  
No principio da ponte a uns pobres cegos.  
'Stavam os infelizes, sem ter moços  
E inda menos rebeca, aos transeuntes  
Pedindo esmola, e o padre José Pedro  
Que saira a passeio, acompanhado  
De tres ou quatro amigos, disse a estes :  
— Qual de vós paga o vinho e as assadinhas  
Castanhas, se eu brigar fizer os cegos? —  
Eu, disse um, mas depois de vel-os ambos  
A jogar bordoadada. — O pacto acceito,  
Torna o padre, e deixai por minha conta  
Este negocio. — Então chega o magano  
Á ponte, ao pé dos cegos, e diz alto :  
— Aqui tem, pobre irmão; de este pataco  
Dê de troco um vintem ao outro cego. —  
Fallou, mas não deu nada; os dois ceguinhos  
Enganados ficaram. — Dá-me, disse  
Um dos cegos, irmão, a minha parte  
Da esmola que deixára aquelle nosso  
Bondoso bemfeitor.

#### 2.º CEGO

É bem lembrado  
Esse pedido teu! D'elle recebes

A esmola de nós ambos, e devendo  
Comigo repartir, inda mais queres!  
Deixa-te de brinquedos, é já tempo  
De o quinhão que me toca me entregares.

1.º CEGO

Essa é que é nova! Graças não te admitto;  
Quero já meu vintem, prompto me o entrega.

2.º CEGO

Isso mais de vagar; eu não gracejo,  
Não recebi a esmola e tu me a deves.

1.º CEGO

Ah teimas? furtar queres? Ou me entrega  
O vintem que me toca, ou meu cerquinho  
O troco te vae dar que tu me pedes.

2.º CEGO

Pois elle é isso? Espera.

E sem demora

Dão pancada de cego os pobres cegos,  
Julgando cada qual que era roubado  
Pelo collega seu. Aquella rixa,  
Que estava divertindo os brejeirolas,  
Disse inda o maganão do José Pedro  
Que ia pôr termo. Estavam animados,  
Com vontade cada um de matar o outro,  
Mas chega o padre e diz com modo afflicto:  
— Não, de faca, isso não. — Esta advertencia  
Foi n'aquella fervura deitar agua;  
Cada cego julgou que vinha armado  
O outro de um facalhão de palmo e meio,  
E tratou de evitar o seu contrario.

IX

— Eu também sei um conto engraçadíssimo  
Para contar (exclamo promptamente);  
Agora me lembrou, por haver n'elle  
Um engano par'cido co' o dos cegos,  
E que uma tal Flammeta e um moço (Grego  
Era chamado) bem pregar souberam  
A uns príncipes lombardos...—Basta, basta,  
Allighieri nos diz, meu forasteiro ;  
O tempo não nos chega para historias  
Aqui ficar contando. São bonitas,  
Por certo, as anécdotas, mas é tempo  
De ir para o continente, isto é, p'ra Jupiter,  
Se aqui ficar não queres; isto é campo,  
E não tem mais que ver. A tarde é pouca,  
E melhor me parece que já vamos  
Para o grande planeta ; a minha casa  
'Stá sempre ás ordens tuas, mas desejo  
Que assistas á sessão de um instituto,  
Que para o dia de hoje está marcada,  
E ha de ser ás nove horas de esta noite.  
Vamos lá?—Quando queiras, lhe respondo.—  
—Agora mesmo. Olá, venha a falua—  
Diz Dante, e um lindo barco chegar vejo  
Sem remos e sem velas. Sob a quilha  
Achei porém uma helice engenhosa,  
A qual relação tinha co' um teclado  
Collocado a bombordo ao pé da pôpa.  
Não percebi qual fosse o machinismo,  
E até pouco cuidado isso me dava,  
Por já 'star costumado ás maravilhas  
Das viagens no espaço planetario ;  
Mas sei que entramos todos para dentro,  
Uns a bombordo, os outros a estibordo  
Nos assentamos bem, e o sabio Dante,  
Co' a mão esquerda o leme governando,  
Tocava no teclado co' a direita.

X

Ha por cá muita gente que não cessa  
De louvar a viação feita em comboys  
Sobre os ferreos carris. Tal geringonça,  
Excepto quando pára, dos viajantes  
Atormenta os ouvidos com seus guinchos,  
E mais *tum-tum, tum-tum* todo o caminho  
Indo sempre a fazer. Talvez que Wronsky,  
Esse homem que inventou funcções alephas  
E outros charlatanismos, regeitasse  
Por tal motivo a marcha accelerada ;  
Se por isto não foi, razão não acho  
Para que o tal polaco preferisse  
Ao commodo wagon o passo do asno  
Ou da manhosa mula. Mas a gente  
Que tem tino na bola ama o progresso,  
E as vozes do tal Wronsky não chegaram  
Ao ceu seguramente, e só quejandos  
Pataratas como elle rendem culto  
As formulas bastardas, cabalisticas,  
Falsa moeda que ninguem já acceita.

Mas, voltando a fallar das vias ferreas,  
Todo o bom progressista as louva e admira ;  
E até não sei porque nas duas Beiras,  
Feitos tantos estudos, tantas coisas,  
Inda não principiam os trabalhos  
Da construcção. Já tempo e mais que tempo  
Era de começar tal beneficio  
Que os beirões bem merecem, e as riquezas  
Agrícolas da terra p'ra o transporte  
Dos productos reclamam altamente.  
Ora esta gente assim que não diria,  
Admirada, se visse o lindo bote  
Do poeta florentino percorrendo,  
Sem o menor abalo, o longo espaço  
Entre Jove e o primeiro seu satellite?!

Mas isto inda era o menos; lindas arias,

De um timbre quasi de harpa, executadas  
Eram sobre o teclado, ao mesmo tempo  
Que da helice o gyrar impulso dava  
A tão lindo batel. Veloz ou lento  
Caminhava este barco com a musica  
Em allegro ou andante, que o piloto  
Tocava no teclado e regulava  
Com registros, quaes de orgão ou de harmonium.

Assim fomos andando, e quasi á noite  
Em Jupiter fundeamos n'um terraço  
Juncto do palacete do distincto  
Poeta de Florença, e que era agora  
Um piloto instruido, sem chronometro  
Precisar ter e nautico almanach,  
Nem uso ser preciso que fizesse  
Do oitante p'ra tomar do sol a altura.

**Fim do canto oitavo.**

## NOTAS

AO .

### CANTO OITAVO

---

---

(1)

João Maria d'Araujo Correia, bacharel formado em direito, foi professor de grego no lyceu de Braga. Falleceu no anno lectivo de 1862 a 1863.

---

(2)

Anna Lefèvre Dacier, filha de Tanneguy Lefèvre, nasceu em Saumur em 1651, e falleceu em Paris em 1720. Ás virtudes de familia, extremosa filha, boa esposa, e terna mãe, juntava as qualidades de distincta philologa e critica, acompanhadas de muita modestia.

Ella, e ainda seu marido, contribuíram poderosamente em França para sustentar o gosto pelos estudos classicos.

Anna Dacier foi traductora incançavel de varios auctores latinos e gregos; as snas traduções da Iliada

e de Odyssea são contadas entre as melhores que a lingua franceza possui de estes dois poemas monumentaes.

(3)

Maria Caetana Agnesi, sabia italiana, nasceu em Milão em 1718, e falleceu em 1799. Tornou-se celebre por seu prodigioso e prematuro engenho no estudo das linguas e sciencias.

Era filha de D. Pedro di Agnesi, lente da Universidade de Bolonha. Não só foi profunda no conhecimento das linguas classicas (a latina e grega) as quaes fallava com a maior facilidade, mas, alem d'estas, estudou com muito ardor a franceza, hespanhola e allemã, a geometria e a philosophia.

Em casa de seu pai se congregava uma assembleia de sabios e litteratos, entre os quaes a filha, rica de belleza e de talentos, dirigia a conversação, expondo e defendendo as suas ideias em philosophia, as quaes em parte foram publicadas por seu pai no livro *Propositiones philosophicae*, Milão 1734.

Desde a idade de vinte annos entregou-se com mais particular ardor ao estado da mathematica. Escreveu uma dissertação sobre as *secções comicas*, a qual não chegou a ser impressa, e publicou *Instituzioni analitiche*, 2 vol., Milão 1748. Esta obra foi traduzida em francez por Antelmey sob o titulo *Traité elementaire de calcul differentiel e integral*, com notas de Bossut, Paris 1775.

Estudando no livro *Opere del conte Jacopo Riccati* (Lucca 1771) os trabalhos dos analyistas do seculo passado sobre a famosa equação

$$ax^m dx + cy^2 x^n dx = dy \dots \dots (a),$$

proposta por aquelle mathematico italiano aos geo-

metras do seu tempo, tivemos occasião de conhecer, a proposito de uma hypothese engenhosa para a separação das variaveis n'uma equação differencial, o merecimento da illustre Condessa Agnesi.

Os maiores geometras do seu tempo se occuparam com aquelle problema proposto, isto é, determinar os infinitos valores de  $m$ , com os quaes as variaveis se tornam separaveis na equação (a), ou os de  $n$  n'esta mais simples a que aquelle se póde reduzir

$$du + Au^2 dx = Bx^n dx.$$

A illustrada Agnesi inseriu nas suas *instituições analyticas* a solução achada pelo abbade Suzzi; e na citada obra de Riccati se encontram as soluções obtidas pelo mesmo Riccati, por Nicolau e por Daniel Bernoulli, e bem assim um trabalho do abbade Suzzi a proposito do mesmo celebre problema.

---

(4)

Infandum, regina, jubes renovare dolorem.

VIRG. EN. CANTO 2.<sup>o</sup>

---

(5)

No *Primeiro de Janeiro* de 10 de outubro de 1875 lê-se no artigo de fundo, entre outros topicos, os seguintes, que, com a devida venia, transcrevemos.

...Nenhum (ramo de serviço) ha, todavia, que offereça mais lastimoso aspecto do que o serviço da intrucção publica.

.....  
.....  
De anno para anno diminue a frequencia nos ly-

cens. Alguns ha em que as matriculas estão redu-  
zidas a menos da sexta parte do que eram ha seis  
annos.

.....  
.....  
Em 1869, e por lei de 2 de setembro foi deter-  
minado que não se fizessem despachos de professo-  
res de instrução secundaria, em quanto não se  
levasse a effeito uma reforma geral da instrução  
publica. A providencia era acertada. Mas, como de  
sua propria natureza decorre, esta providencia era  
meramente transitoria, e subordinada ao pensa-  
mento da breve apresentação da reforma geral, a  
que se referia.

.....  
.....  
Ninguém diria, que depois de cinco annos de ge-  
rencia limpa de difficuldades internas e externas,  
as coisas ainda subsistiriam no mesmo pé de 1869,  
convertendo-se em definitiva aquella medida de  
caracter meramente provisorio. Pois assim suc-  
cede.

.....  
.....  
A situação creada por esta inercia não póde ser  
mais critica. A morte e os annos é que não espe-  
ram. De 1869 até hoje tem havido grande movi-  
mento no corpo do professorado, e forçoso é acudir  
às falhas. O systema vigente é curioso. Vaga uma  
cadeira de mathematica? vae-se buscar para a re-  
ger um professor de latim. Não se pense que isto é  
hypothese de nossa invenção. Ahi vão alguns factos  
de nosso conhecimento:—no lyceu da Guarda a ca-  
deira de mathematica está confiada a um bacharel  
em leis e o professor de latim, que não tem nenhum  
curso de sciencias naturaes, rege a cadeira de in-  
troducção; em Vianna um professor de latim foi  
obrigado a ensinar geographia; em Beja o profes-  
sor de francez era tambem professor de mathema-  
tica; e em todos os mais lyceus succede o mesmo.

Ha outra variante que é ainda melhor. A transfe-  
rencia de professores de umas para outras cadeiras  
e o expediente das accumulacões, tão fatal para o  
ensino, não suppre a todas as faltas do pessoal. In-  
ventou-se, por isso, o systema dos professores pro-  
visorios. Vaga uma cadeira de mathematica ; se não  
ha um professor de latim para lhe contiar a regen-  
cia da cadeira, dá-se este encargo ao primeiro val-  
devinos, que pode fazer-se recommendar para esse  
mister. Dispensa-se concurso, prova de habilitações  
e tudo emfim que possa ser garantia de capacidade.

.....  
.....  
E fica o mestre feito. D'estes ha já algumas du-  
zias espalhadas pelos differentes lycéus.

Ora é bem de ver, que com professores proviso-  
rios, a instrucção não pode deixar de ser provisoria,  
e provisório o aproveitamento dos alumnos. Por  
isso na epocha dos exames os filhos dos lycéus são  
disimados por uma mortandade horrorosa.

Os chefes de familia comprehenderam já a situa-  
ção, e as aulas publicas vão ficando desertas.

.....  
.....  
A instrucção publica vae-se pela agua abaixo,  
mas as inscripções conservam-se a 50. O paiz ap-  
plaude, bem diz uma actividade que deixa agonisar  
a instrucção publica e faz subir enormemente a  
divida fluctuante, e a historia sorri com cruel iro-  
nia, atirando-nos á cara com esta sentença :

*Os povos têm o governo que merecem.*

---

(6)

Entre outras provas de incompetencia, ou de  
ignorancia, o Sr. Dr. Raymundo Venancio Rodri-  
gues, lente da 2.<sup>a</sup> cadeira de mathematica em

Coimbra, exhibiu as seguintes, como arguente n'um acto publico em 11 de Janeiro de 1875:

1.<sup>a</sup>

Confunde *analyse infinitesimal* (expressão synonyma de *calculo differencial e integral*) com o *methodo infinitesimal (!)*

2.<sup>a</sup>

Não acceita a definição de infinitamente pequeno — *uma quantidade variavel que tem por limite zero*, (Devia ao menos ter lido os opusculos respectivos de Carnot e de Freycinet).

3.<sup>a</sup>

Não conhece (e emenda!) a classificação de funcções em *funcções concretas e funcções analyticas*. (Se tivesse lido o liv. 2.<sup>o</sup> do calculo de Duhamel, ou a licção 4.<sup>a</sup> do curso de philosophia positiva de A. Comte, não revelaria n'um acto publico tão supina ignorancia).

4.<sup>a</sup>

Confundindo funcções semelhantes com curvas semelhantes, define aquellas: as que têm a mesma composição *analytica e os parametros proporcionaes (!)*

---

(7)

O toque de uma sineta (*a cabra*), o qual costuma ser ás seis horas de tarde desde outubro até á Paschoa, e ás septe de ahí até ao fim do anno lectivo, é signal de que o dia seguinte é dia de aula.

Na epocha a que se refere o episodio do texto

era este toque denominado *das tristes* (entende-se horas), e os estudantes eram obrigados a recolher-se ás suas casas para estudar; a ronda dos verdeaes prendia os transgressores. Ás dez horas da noite, ou onze conforme a estação, havia outro toque, o das *alegres*, o qual punha fim á *ração* de tempo de estudo. Coisas de Coimbra, ou de *rebus Universitatis*.

Hoje ha ainda o primeiro d'aquelles avisos, mas já não conserva a antiga denominação. A sineta cabra é que ainda não perdeu a sua.

---

(8)

O livro da matricula.

---



## CANTO NONO

SESSÃO NO INSTITUTO, E SARAU MUSICAL  
NO ESPHEROIDE DE JUPITER.

---

### I

N'uma espaçosa sala quadrilonga  
Achavam-se reunidos muitos sabios,  
Os socios do instituto; as horas nove  
Eram quasi da noite, e discutida  
Por inscriptos, diversos oradores  
N'essa sessão devia ser a these:  
*Qual das diversas fórmas de governo  
A melhor vem a ser?* Em companhia  
Eu partira do bom Thomaz d'Aquino  
Para assistir dos sabios ao congresso;  
Mas pedi ao doutor, que par do reino  
Já fôra em Portugal, me conservasse  
Qualidade de incognito, e entre os muitos  
Ouviutes assistentes nós ficassemos.  
— Fazes bem, me disse elle; isto massada  
Vem a ser quasi sempre, e bem podemos  
Á formiga sair, quando entenderes  
Que basta de aturar dos palradores  
'Stupadas e discursos. — Fomos logo  
Algun banco tomar d'onde podessemos  
Ouvir bem claramente o arrasoado  
Dos oradores, e sem grande custo  
Nos safarmos tambem sem ser notados.

II

No meio de um dos lados mais pequenos  
De aquelle quadrilongo o presidente  
Tomára o seu logar n'uma cadeira  
Mais alta do que as outras, e par'cida  
Co' um pulpito ou tribuna ; os demais socios  
De um lado e de outro estavam assentados  
Em volta da tal sala, e um pouco acima  
Do nivel da plateia que aos ouvintes  
Era o logar marcado. Uns symphonistas  
De instrumentos metalicos ao fundo  
'Stavam do quadrilongo, e começava  
Pelos seus bons serviços toda a festa.

Depois de alguns compassos de fanfarra,  
Duas duzias ou tres em *moderato*  
Seriam quando muito, o sabio mestre  
De ceremonias fez signal, e os musicos  
Deixaram de soprar nos instrumentos.  
A palavra dá logo o presidente  
De aquelles sabios ao primeiro inscripto  
E que tinha por nome Dom Morgado.  
Com toda a gravidade e altas maneiras  
Levanta-se o orador, e á presidencia,  
Aos socios, á assembleia respeitavel  
Tendo pedido venia, assim começa :

III

— Muito illustres e sabios academicos,  
Respeitaveis senhores, se o primeiro  
Eu sou para fallar sobre a materia  
Dada p'ra ordem do dia, a attenção vossa  
Espero não cançar, pois serei breve,  
E o meu voto já digo em poucas phrases :  
Não ha melhor governo e mais legitimo

Do que a pura, absoluta monarchia.

Não me quero servir de alguns sophimas,  
De todos vós por certo conhecidos,  
P'ra sustentar meu voto; sem rebuços  
Vou, pão pão, queijo queijo, dizer tudo  
O que entendo ser util, vantajoso  
Ao bem da sociedade e monarchistas.

Assim como aos rebanhos fôram dados  
Pastores, não somente p'ra guardal-os,  
Mas também p'ra tosqueal-os e mugil-os,  
Embora os animaes fiquem ao frio  
E falta de alimento as crias soffram ;  
Do mesmo modo tem a arraia miuda  
Por pastores os reis, os donatarios,  
Os senhores feudaes, capitães mores,  
Para do seu suor, duros trabalhos,  
O proveito colher. E gema o povo,  
Que só para gemer, servir os grandes,  
Grangear-lhes sustento e divertil-os  
É que elle foi creado. Ora está claro,  
Postos estes principios, que a unica  
Legal e justa forma de governo  
É a pura monarchia. Viu-se nunca  
Algum carneiro ou bode a dar sentenças  
Ao pastor do rabanho? Por ventura  
A conselho de estado, a parlamentos,  
Convocara o bom Daphnis suas rezes?  
Tal coisa não se lê do bom Theocrito  
Nos mimosos idyllios; e por isso  
Os rebanhos humanos devem sempre  
Co' a sorte que lhes toca conformar-se.

P'ra bem da humanidade eu não descubro  
Um governo melhor que a monarchia  
Absoluta, sem peias; pode um principe  
A um seu fiel valido dar prebendas,  
Rendimentos enormes, com os dizimos  
Do povo agricultor, com sinecuras  
Lucrosas e de grande poderio,  
E que de jure e herdade na familia  
Do feliz cortezão ás vezes ficam.

Com a lei vincular condignas rendas  
Os morgados magnates conservamos  
Na nossa descendencia ; os primogenitos  
Dos seus avós o brilho perpetuam,  
E para sustentar filhos segundos  
Temos os privilegios. Os cadetes,  
Sem queimar as pestanas nos estudos  
Para aprender as sciencias mathematicas,  
A fortificação e inda outras cousas  
De tactica e balistica, preterem  
Na carreira das armas os mancebos  
Que, embora saibam muito, devem sempre  
Subalternos ficar da nossa gente.

E na magistratura tambem temos  
Guardadas preferencias ; entram logo  
Por juizes de fóra na carreira,  
E seguem a correr. Chegam de pressa  
Do Paço ao desembargo, em quanto os outros,  
Os da arraia miuda, marcam passo  
Nos primeiros despachos ; são felizes,  
Se ás relações chegarem na velhice.

De obter ricos maridos p'ra as cachopas  
Meio facil nos dão os privilegios  
Que temos, combinado co' a cegueira  
Do basbaque Zé Povo ; um burguez rico  
E infatuado tolo mil venturas  
Em patricia alliaça encontra sempre.

Eu, por estas razões, e indas outras muitas,  
Voto sempre em favor do absolutismo.—

#### IV

Assim fallou Morgado e foi sentar-se  
Para não cançar mais as pernas suas.  
Então Barrete Phrygio, a quem tocava  
Ser segundo a chillar, com ligeireza  
Se levanta e o discurso assim começa :  
— Nobres e honrados socios, respeitavel,

Illustrada assembleia, eu principio  
Por discordar da opinião do egregio,  
Que ora acabais de ouvir, preopinante;  
E para usar tambem de igual franqueza,  
Sem ter papas na lingua, eu já declaro  
Que nem acho melhor nem mais legitima  
Caretta de governo que a republica.

Esta é que é a melhor forma e mais perfeita  
Para qualquer magano ou troca-tintas,  
Sabendo bem fallar do povo ás turbas,  
Se poder arranjar. Povo sois isto,  
Aquillo sois tambem, mais esta cousa  
Que dizer me esquecia, e inda outras muitas  
As quaes nem vós, nem eu, nem ninguem sabe.  
Só vós 'scolher podeis quem vos governe,  
E se não andar bem, na rua o ponde  
Para vir outro que peor vos sirva,  
Vos dê mais vergalhada e mais vos roube.  
Zé Povinho, que é tolo, as palmas bate,  
E diz: — oh que grand' hom' aqui não temos!  
Se assim honvessem sido os outros todos,  
Melhor galo, por certo, nas cantara.  
Leva arriba.—É prestigio entre o povinho  
Arranja o tal faleção, que no poleiro  
Do governo d'est'arte a pousar chega;  
Depois é pontapé n'aquelles tolos  
Que foram seus degraus, fazer cel'eiro  
E pol-o em segurança, prevenindo  
Do credulo povinho o desengano  
E a temivel, mer'cida desaffronta.

Por tudo isto, e por muitas outras cousas.  
Eu sou republicano até aos ossos.

V

O cidadão Barrete Phrygio, tendo  
Seu notavel discurso concluido,  
Assentou-se tambem. Empavonado

Eis se levanta um socio do instituto,  
Que vestida trazia uma cazaca  
De rubra côr com bordaduras de oiro.  
Co' o bicudo chapeu, todo adornado  
De brancas pennas e vistoso tope,  
Movimentos fazendo desconforines,  
Principia a fallar d'esta maneira:

Illustres, sapientissimos senhores,  
Do instituto ornamento e segurança,  
Dos meus distinctos dois preopinantes  
Discordo em muita cousa, e n'outras muitas  
Por diversa maneira estou conforme.

Como Barrete Phrygio, eu sou de voto  
Que um 'spertalhorio bom trampolineiro  
Deve, o povo enganando, aos môres cargos  
Subir do estado, e rir-se e fazer figas  
A Zé Povinho, em quem se baseara.  
Mas não basta alcançar subido posto  
Que se pode perder n'um cataclysmo.  
Ou pelo menos morre co' o sujeito  
Que n'elle se encaixou. Tambem preciso  
Se torna um *fixador*; e a monarchia  
Que é representativa nomeada  
Por todos publicistas mais se presta  
A apanhar e reter posições boas.  
O caso é ter padrinho ou ser maroto,  
E a carreira está aberta; é necessario  
À gente que governa (ou reis de facto  
Nos dias de hoje) em scena ter coristas,  
Quando no parlamento as obrigadas  
Arias da governança cantar devem.

P'ra servir os ministros sabes honra,  
Deves calcar aos pés? Estás servido,  
Mas sê capacho d'elles; por travessos  
Has de ir tomar lugar, que em direitura,  
Isto é, pela justiça competia  
A terceira pessoa, que expiatoria  
Vem a victima a ser. De pavão queres  
Co' as pennas, galha misera, enfeitarte te?  
De se alcançar não ha coisa mais facil,

Se dependentes tens, se tens caseiros.  
Manda que votem no corista Beta,  
Arranja oitenta, com, duzentos votos,  
E nobreza has de ter em pergaminho;  
Mas para simples cruz de cavalleiro  
Basta passar um attestado falso.

Às vezes acontece que os coristas  
Afinados não cantam, ou são poucos  
Para abafar as vozes discordantes;  
O remedio é facillimo, um decreto  
Dissolve o parlamento, e a casa voltam,  
P'ra cuidar de outra vida, esse rebeldes  
Ao diapasão, batuta dos ministros.  
Depois o Zé Povinho optima escolha  
Sabe fazer dos seus legisladores;

Que o digam os Cabraes, e muitos outros  
Que, a succeder chegando nas taes pastas,  
Sabem imitar bem seus dignos mestres.  
P'ra que serve um cacete e os caceteiros?  
Para que servem cabos, regedores,  
Conselho de districto, e até de estado,  
Tendo pão n'uma mão, chicote na outra?  
Commissão districtal para que serve?  
E Zé Povinho escolhe quem lhe manda  
O seu amo e seuhor; chama-se a isto  
Dos direitos politicos livre uso,  
E universal seguro o bom suffragio.

Eu bem sei que um tropeço inda ha terrivel  
Muitas vezes na camara dos proceres;  
Mas o remedio custa muito menos.  
Maioria não ha dos dignos pares  
Para apoiar as leis do ministerio?  
De quantos se precisa? vinte ou trinta?  
P'ra segurança mettam-se quarenta  
Novos pares *ad libitum* formados;  
Do rei, que menos o é, a tanto chega  
O poder pela Carta concedido,  
E o caso está que elle ame os seus ministros.  
E assim, dando-se bem o rei co' as peças  
No jogo do xadrez, leva o parceiro,

Zé Povinho se entende, o *cheque-mate*.

Por tão boas razões, por outras muitas,  
A monarchia mixta eu amo e quero.

- VI

O terceiro orador tinha acabado  
O seu bello discurso, e ao quarto inscripto  
A palavra foi dada. Eu, compr'endendo  
Que aquillo era risota, patuscada,  
E parodia da terra ás assembleias,  
Menos na hypocrisia, ao meu collega  
Disse: tenho entendido, e fico certo  
Que são muito joviaes os habitantes  
De este planeta *Jove*, e quando queiras  
Pedemos ir embora. Inda assim mesmo  
Quem quizer divertir-se alguns instantes  
Bem faz, vindo ás sessões d'este instituto;  
O que temos em Coimbra nem p'ra tanto  
Ao menos servir pode, e tem do estado  
Imprensa e casa *gratis*! Eu fui socio;  
Quando era quintanista me arrumaram  
Com tal contribuição. Ao proponente  
Ingrato não quiz ser, e o meu diploma  
E algumas mensaes quotas fui pagando;  
Mas soffrer privações para servil-o,  
Por ser ingrata gente, achei asneira,  
E ha muitos annos já puz-me a coberto.  
— Vamos então p'ra casa (o par do reino,  
Que fôra em Portugal, me diz com graça,  
E saimos da sala do instituto);  
Uma outra academia mais amena  
Nos espera de Dante no palacio,  
A estas horas por certo. Aquelle amigo  
Preparado nos tem sarau artistico,  
Vocal e instrumental: bellos quartetos  
Has de gostar de ouvir e algumas arias,  
Ao tempo emprego dando iuda mais util

Do que em danças e jogos. Porem dize-me :  
Que trabalhos têm lá n'esse instituto  
De Coimbra os meus collegas publicado?—  
Coisa pouca, lhe digo, e inda essa mesma  
É devida aos rapazes. Quando alcançam  
A collação n'aquelles beneficios,  
Talvez seja contagio, mas é certo  
Que a maior parte vae jurar bandeiras  
No grande batalhão de Sancta Cabula.

VII

Co' esta conversa assim o tempo enchemos,  
Atravessando uma espaçosa praça,  
E ao palacio chegamos de Allighieri,  
Que já se achava prompto e illuminado  
Para aquella nocturna e linda festa.

Já 'stavam lá reunidas muitas damas,  
Cantoras distinctissimas, e muitos  
Notaveis professores da mais bella  
Das artes. N'essa noite ouvi quartetos  
De gostoso primor, executados  
Com toda a maestria; os concertistas  
Eram perfeitos mestres, e da festa  
Grande parte das honras lhes competem.

Mas das diversas peças, que ali foram  
Tocadas ou cantadas, a mais linda  
E que até foi bisada por pedido  
De toda aquella gente, achei da amavel  
Agnesi Maria T'reza uma cantata (1).  
Muito brilhante a musica, e era e lettra  
Sobre assumpto da historia portugueza  
Dos nossos dias inda; intitulava-se  
*A Maria da Fonte* a tal poesia.  
Em um dos intervallos, quando toda  
Aquella boa gente descansava  
De tocar ou cantar, e co' os sandwichs  
E copos do bom vinho, que das fontes

D' aquelle bom paiz brota espontaneo,  
Se entretinham tambem, fui ler os versos  
Que acabara de ouvir postos em musica.  
Se estou bem recordado, era a seguinte  
A cantata da bella T'reza Agnesi:

## VIII

MARIA DA FONTE

### *Cantata*

'Stá no poder a gente cabralina  
De Lysia por desgraça e desventura,  
E Portugal atura  
D'aquelle ministerio as crueldades.  
São vexados os povos; sobre tudo  
É o funcionalismo quem mais soffre  
Co' os desatinos dos ministros barbaros.  
Nova chronologia  
Sabiam os Cabraes, dos empregados  
Na conta do serviço.  
O mezes eram sempre de mais dias  
Do que os do calendario,  
Mas só paga de trinta um funcionario  
Usava receber,  
E o restante forçoso era perder  
Com pasmosos atrasos,  
Ou até suppressões crueis, despoticas.  
Tão pouco eram felizes os restantes  
Cidadãos do paiz; as tranquibernias  
Traziam descontente  
No reino toda a gente.  
Os ministros diziam-se cartistas,  
Mas respeitavam tanto essa tal carta  
Coma um judeu adora a Jesus Christo.  
P'ra arranjar maioria  
Na camara electiva, e assim mais tempo

Continuar no poder, não sophismada,  
Mas aos pés esmagada  
Era essa carta, carta de alforria.  
Tal era a tyrannia,  
Que qualquer empregado que votasse  
Contra o senhor governo,  
Suspendo, demittido,  
Ou pelo menos era transferido !  
Havia outra variante de equal peso  
Para os mais cidadãos, que não serviam  
Da nação os empregos ;  
Nas baionetas 'stava, e nos cacetes  
De comprados sicarios, a segura  
Vingança contra algum desobediente.  
Mas tudo tem seu termo ;  
A devida reacção, que já tardava  
Chegou por fim, e Portugal desperta  
Inda com vida, e nobre, destemido,  
Bellicoso furor contra o valido.

No Minho surge rapida,  
Da independencia ao brado,  
De um povo nobre e honrado  
Justa revolução ;  
E logo o abalo estende-se,  
Lavra por toda a parte,  
Arvora-se o estandarte  
Da lucta e salvação.

*A sancta voz a patria se liberte*  
*Do jugo do valido*, os bons minhotos  
Em valentes guerrilhas se organisam.  
Sabem mostrar-se fortes, corajosos ;  
Mas entre tão famosos  
E notaveis guerreiros se distingue  
Uma animosa e varonil serrana ;  
É Maria da Fonte. Qual donzella  
D' Orleans, ou qual itala Odabella,  
Procura as marcias lides ;  
Com pistollas á cinta e uma bandeira,

Anda em cada fileira  
As populares forças animando,  
Os homens ao combate estimulando.  
Soam gritos de guerra  
Por toda a parte, desde o Minho ao Tejo,  
E desde o Tejo ao Sado, ao Guadiana;  
A varonil Maria a voz levanta,  
E o seu hymno guerreiro aos bravos canta (2);

Eia, ávante, ó portuguezes  
Pala sancta liberdade  
É fatal necessidade  
Hoje ás armas recorrer;  
A incerteza da victoria  
Almas nobres não assusta,  
A nós cumpre em causa justa  
Triumphar ou perecer.

Já da guerra civil muitos revezes  
Soffrido têm as tropas da Rainha,  
Que não quer demittir o ministerio,  
E mais augmenta dos Cabraes o p'riço,  
Mas não só d'estes; arrastar consigo

Na queda poderiam

Os teimosos ministros a Sob'rana.

Valeu-lhes a artimanha

E a lettra dos tractados; foi Mac-Donnell  
Alliciado *ad hoc*, e de insurgentes  
Guerrilhas miguelinas o commando,  
Como seu general, assumir veio.

Esta giria, este meio

Astucioso serviu, foi bom pretexto  
Para uma intervenção; Concha valente  
Entra em Lysia com forças hespanholas.  
Aguerridas e muitas. Mas invicto  
O principio ficou, lieção da historia  
Avisando os reinantes que é p'rigoso  
Ser, servindo os ministros, faccioso.

Um ministro, embora austero,

Que ao monarcha mostra o p'riego,  
E' do rei sincero amigo,  
Sabe a patria bem servir.  
Quando em ondas da revolta  
A nação 'stá perturbada,  
Per validos arrastada  
Pode a c'roa até cair.

IX

Terminara o concerto, e já da noite  
A mór parte correrá; os bons amigos  
Do meu mestre e hospedeiro se ausentaram  
Para irem repousar. Igual descanço  
Tomamos nós também, que era já tempo.

Inda alguns dias mais nos conservamos  
Na cidade em visitas e passeios,  
Em banquetes, saraus e conferencias  
Sobre coisas de sciencia e litt'ratura.  
Lá fallei com Navier sobre mechanica  
E cálculo também; era bom mestre  
E foi bem collocado em tal planeta.  
Com mais sabios notaveis a honra tive  
De tomar relações; mas perguntando  
Pelo grande Laplace, pois queria  
Deixar-lhe o meu bilhete de visita,  
Poinsot me respondeu: — De visital-o  
Occasião não pode ser agora,  
Pois que não 'stá na terra. Anda por longe;  
Montado na função perturbadora,  
Foi concertar o plano invariavel  
Que co' o tempo se tem desarranjado.  
Na juncta consultiva das celestes  
Obras, em conferencia e por proposta  
De mim, de Leverrier e de outro membro,  
Que era o Pontecoulant, foi resolvido  
Mandar fazer aquellas composturas. —  
Bem 'stá, disse eu, mas coisa é p'ra mim nova;

Não que o seu plano maximo das areas  
Durasse muito tempo sem concerto,  
Por não ter attendido aos movimentos  
De rotação dos astros, dos satellites,  
Á translacção solar e inda outras cousas,  
Mas admiro que sem binarios fosse,  
E sobre tudo cavalgando besta  
De nova especie, pois não é quadrupede.  
— Por certo que não é, Poincot me torna,  
Se ella é bimate; foi da tal gentinha  
Que o Monteiro encaixou na faculdade  
Das sciencias mathematicas em Coimbra.  
Chamava-se Manuel José Pereira  
Ou o *Raio Vector*, se assim quizeres (3).  
— 'Spera lá, 'spera lá (diz então Dante)  
Temos para viajar pelos espaços  
Conduções exquisitas e variadas;  
Por experiencia algumas já conheces,  
E has de outras conhecer mui brevemente.  
Como visto já tens n'este planeta  
O que havia p'ra ver, ámanhã vamos  
Partir para Saturno, e sabes como?  
Tu irás sobre o Hippogrypho, eu no Pegaso.

**Fim do canto nono.**

# NOTAS

AO

## CANTO NONO

---

(1)

Maria Thereza Agnesi, irmã da condessa Maria Caetana Agnesi da qual já fizemos menção honrosa no canto 9.<sup>o</sup>, foi auctora de muitas cantatas, e da musica de tres operas, *Sophonisba*, *Ciro in Armenia* e *Nitocri*.

---

(2)

N'esta aria da cantata conservamos, quanto foi possivel, não só a ideia, mas ainda alguns versos de uma estrophe do famoso e bem conhecido *hymno do Minho*, tambem chamado da *Maria da Fonte*. Salva ligeira alteração, é a quadra seguinte :

Eia, ávante, ó portuguezes,  
Eia, ávante, e não temer ;  
Pela sancta liberdade  
Triumphar ou perecer.

(3)

O Dr. Manuel José Pereira da Silva, graduado em 24 de dezembro de 1777, foi lente da faculdade por obra e graça do P.<sup>e</sup> Monteiro (José Monteiro da Rocha). Nos actos de machanica celeste chamava *raio vector á função perturbadora!*

---

# CANTO DECIMO

## VIAGEM A SATURNO

---

### I

Qual Logistilla ao principe Rogeiro,  
Dante ensinou-me a governar o Hippogrypho.  
O bom corcel, que um nigromante mouro  
Já possuirá em tempo, era mais manso  
Do que eu me persuadia. Algum receio  
Tive ao principio de perder firmeza,  
Equilibrio, e coragem; mas bom mestre  
Me foi o sabio poeta italiano.  
Na arte de equitação de novo genero  
Elementares regras tendo ouvido,  
Passei praticamente a ver o modo  
Como o proscripto vate florentino  
D'ellas sabia usar; com algum 'studo  
E especial cuidado observei como  
O fazia subir a grande altura,  
D'onde bem se podesse um horizonte  
Mais vasto descobrir; a um lado e outro  
Vi como usava dirigir o curso  
Aquelle cavalleiro p'ra os diversos  
Logares percorrer, e finalmente  
Resolvi-me a tentar igual viagem.  
De ir a Saturno era chegado o tempo,  
Nem coisa nova já p'ra ver em Jupiter

Havia mais. Os dois corceis alados  
Promptos já 'stão, e n'elles cavalgamos.  
Dante, montando o Pegaso, ao meu lado  
Tinha-se collocado ; uma varinha,  
Qual bastão de mar'chal, ou qual batuta  
De regente de orchestra, na direita  
Trazia ; a mão esquerda era p'ra as redeas.  
Por castão de tal vara uma boquilha,  
Como de clarinete ou de requinta,  
'Stava a servir, e logo faz d'ella uso,  
Soprando fortemente : os dois ginetes,  
Batendo então as azas, pelo espaço  
Voam com marcha igual, porém tão rapida,  
Como do ether vibrado o ondulatorio  
Movimento costuma propagar-se,  
E assim preciso foi p'ra em pouco tempo  
A um dos anneis chegarmos do planeta.

Por que, disse eu, meu caro amigo Dante,  
Não quizeste pousar n'algum satellite  
Antes de aqui chegar ? De tantas luas  
De este velho planeta, uma não achas  
Que mereça ser vista ou visitada ?  
— Parece-me melhor, responde o poeta,  
Vir sómente aos anneis, e um d'elles basta  
Até para formares uma ideia  
Da pena que é aqui dada aos invejosos,  
Aos soberbos e infames intrigantes.  
Os gigantes na lua, os carniceiros  
Animaes que por Marte andam correndo  
P'ra devorar a condemnada gente,  
Nada mais são que demos encarnados  
Em taes monstros ou fórmas as mais proprias  
Para dar o castigo áquelles reprobos.  
Dos infernaes espiritos se encontram  
Outras encarnações n'este planeta.  
Uns demonios a fórma de cavallos  
Ligeiros, vigorosos teem tomado ;  
Outros diabos são gryphos, milhafres,  
Ou abutres immundos, de grandeza  
Como a da ave *rochedo* nas novellas

Das decantadas *mil e uma noites*.

Os homens (e mulheres) que na terra  
Vis intrigas teceram, machinaram,  
Levados por inveja ou por soberba,  
Às caudas dos cavallos arrastados  
São sobre dois anneis de este planeta,  
(No segundo ou terceiro); os membros d'elles  
Dispersos, espalhados pouco a pouco,  
Comidos, devorados pelas aves  
De rapina são logo, e os duros ossos  
Vão essas mesmas aves sem demora  
Sobre o globo central deitar em covas  
Das quaes, como um dos dez do oitavo circulo  
Do inferno, e que é chamado Malebolge,  
Está cheio o espheroido de Saturno.  
Estas covas ou fossos semelhantes  
São todas ao segundo do tal sitio,  
E no qual eu vi 'star a lisongeira  
Tahide e Aleixo Interminei de Lucca (1).  
N'esses fossos depois, entre excrementos  
De aquelles gryphos, gaviões immundos,  
Vão pouco a pouco a fórma retomando  
Que na terra tiveram os perversos;  
De ali são transportados ao primeiro  
Dos anneis do planeta. Ora é sabido,  
Até pelos astrônomos, que a massa  
De este primeiro anel é transparente;  
É toda agua a cem graus. Um banho tomam  
Que dura ás vezes annos vinte ou trinta;  
Veem depois nos anneis de massa opaca  
Começar de tormentos novo p'riodo.

Os vapores do anel que está mais proximo,  
E do globo central nocivos gazes  
Evitar nos convém; por tal motivo  
Só n'estes dois anneis de terra firme  
Nós devemos passar. Mas 'spera; eu vejo  
Camiuhar para aqui um dos demonios  
Com fórma de cavallo. Olha. —

II

Em verdade  
Um valente cavallo a trote largo  
Eu avistei ; montado vinha n'elle  
A figura de um homem de roupeta.  
— Todos estes cavallos (continuuava  
O meu bom cicerone) á cauda preso  
Arrastam o infeliz, que foi na terra  
Intrigante ou soberbo ; a sua imagem  
Do que fôra na vida é do solipede  
O ridiculo jockey.— Segundo isso,  
Disse eu, notar fazendo o tal boneco,  
Traz algum Malagrida este ginete ;  
Poderemos detel-o?— A coisa é facil,  
Diz Dante, por estarmos bem montados ;  
Eu dou signal aos bichos.— Outra nota  
Menos forte e mais grave na boquilha  
Fez resoar o poeta ; os dois alados  
Fazem cerco ao cavallo que arrastava  
Um padre jesuita á cauda sua.  
Era bravo o cercel que pela terra  
Arrastado trazia o tal sujeito,  
E parar não queria ; mas o Hippogrypho  
Levanta uma das patas dianteiras,  
E as garras lhe espetou com tal vontade,  
Que aquelle diabo teve de render-se  
E ficar manso e quedo tanto tempo,  
Quanto gastamos para onvir parados  
A narração dos crimes do velhaco,  
Intrigante e soberbo jesuita.  
Era o padre Rodin o condemnado  
Do qual o punidor deter fizemos,  
Algum allivio dando ao desditoso  
Que, sendo interrogado, assim começa  
As maroteiras suas confessando (2):

III

— Um estado no estado a companhia -  
Dos theocratas filhos de Loyola  
No mundo organisara. Os reis, o povo,  
Sem o saberem, eram dominados  
Pelos padres jesuitas; o papado  
Excepção não fazia á geral regra.  
Angariar testadores argentarios,  
Que para enriquecer nossa igreginha  
Deixavam na miseria os seus parentes,  
E vinham elles proprios filiar-se  
N'ordem de Sancto Ignacio: as almas fracas  
Intimidar com 'scrupulos niquentos,  
Mulheres sobre tudo, e que attrahiam  
Á nossa companhia a juventude  
Que render promettia ou bons legados,  
Ou talentosos padres que mais tarde  
Seriam grandes mestres na ordem nossa;  
Aos governantes (reis ou presidentes)  
Dar conselhos traiçoeiros, em proveito  
Só do nosso dominio e sob'rania,  
Eram ardis frequentes, não deixando  
Algumas vezes de o punhal, veneno,  
Empregar com cautela e em bem da causa.

Eu fui membro d'aquella sociedade,  
E não só dos mais 'spertos e velhacos,  
Mas dos mais corajosos nas emprezas.  
Por artimanhas dos confrades nossos  
Deviam ser da herança despojados  
Do infeliz Rennepont os descendentes.  
Grande batalha de infernaes intrigas  
Foi preciso travar, mas dirigida  
Foi tão bem por meu tino e astucia immensa,  
Em acção pondo já feroz ciume,  
Já a sancta caridade, á bebedice,  
Denuncias na policia, e mil tramoias  
De igual jaez, que um só vivo deixamos

Dos herdeiros do conde. Este sancto homem,  
Padre do nosso gremio, na esparrella  
Soubemos apanhar, e áquella herança  
Seus direitos testára á companhia.  
Para ser toda nossa era preciso  
Fazer morrer, como morrer fizemos,  
Os outros infelizes seus parentes ;  
Já disse, a minha astucia descartar-se  
Soube d'aquella gente. A bella Adriana  
Envenenada morre com seu Djalma ;  
Do valente Simão, mar'chal de França,  
Morrem as lindas filhas Branca e Rosa  
No hospital dos cholericos (a astucia  
Teve o devido effeito), e foi do errante  
Judeu tornada inutil a valia  
E notaveis soccorros. Finalmente  
Todos, menos Gabriel, morrer fizemos.  
O general fui eu n'esta campanha,  
E em premio consegui de taes serviços  
Subida promoção, mas, oh desgraça !  
O cofre dos valores avultados  
Queima o depositario ; e inda era o menos,  
Porque o velhaco, infame Faringhea  
Que Malpighieri, o cardeal soberbo,  
Soubera industriar, artes arranja  
E soube envenenar-me ! E perdi tudo,  
A vida (que era o menos) e o papado  
Que meu devia ser em pouco tempo.  
Foi pequeno o castigo o ver por terra  
Meus planos de ambição e de grandeza,  
Ao qual sacrifiquei victimas tantas ;  
E agora n'este reino dos tormentos  
Ando pagando os roubos, assassinios,  
E as lagrimas amargas que verteram  
As minhas desditosas, tristes victimas. —

IV

Ávante, diz o poeta ; então deixamos  
Seguir aquelle par o seu fadario,  
E de Saturne sobre o anel maldicto  
Fomos andando mais algum caminho.  
Outro roupeta então se nos depara,  
Mas borla doutoral traz na cabeça  
E nos hombros capello azul e branco ;  
Do padre Zé Monteiro era o phantasma,  
Que o marau vinha a traz rompondo as pedras  
Do maldicto logar. Alto, detem-te,  
Disse Allighieri ao corredor solipede ;  
E o bicho, que nas unhas viu do Hippogrypho  
Sangue do camarada, foi mais docil  
Do que o primeiro, e pára *in continenti*.  
Agora falla tu, diz logo Dante  
Ao condemnado, que d'est' arte conta :  
— Em Coimbra eu fui já lente, e dos primeiros  
Da nova faculdade, que o ministro  
De Dom José creara e instituiria  
Para o ensino das sciencias mathematicas.  
Aos meus conhecimentos, competencia,  
Soube dar o marquez util emprego,  
E confiou-me a direcção, o ensino (3).  
Os outros dois doutores italianos,  
Franzini e Ciera, pouco tempo foram  
Em serviço, depois de constituida  
E posta em bom caminho a faculdade ;  
Mas um nosso doutor (lente de espada!)  
Sombra fazia ao meu saber, prestigio  
Que eu ter queria entre os doutores novos.  
Este rival da Cunha era o Anastacio :  
E eu, que padre jesuita houvera sido,  
E soberbo e invejozo sempre muito,  
Taes calumnias e intrigas mover sube,  
Que aquelle official, doutor e lente,  
Só quatro annos serviu. P'ra desfazer-me

De quem a primazia me affrontava,  
Da Inquisição o tribunal tremendo  
Muito veio a servir; a minha victima  
Foi mettida em processo, encarcerada,  
Depois penitenciada, e de Lisboa  
Nunca mais regressou para em Coimbra  
Continuar no serviço. Alguns capachos,  
Verbos de encher ao menos, melhor gente  
Me pareceram ser p'ra companheiros;  
Manel José Pereira (que chamaram  
Tambem *Raio Vector*), e inda alguns outros  
Brutos encapellados, d'esta sorte  
Eu fiz introduzir na confraria,  
Ou eu não fosse da ordem jesuitica.  
Inda assim alguns homens de talento  
Não cheguei a afastar da faculdade;  
Manel Pedro de Mello um d'elles era (4),  
Mas este nas viagens pela *estranja*  
Andou bastante tempo, e mais andára  
Pela minha vontade, p'ra o ver longe  
Dos geraes e da sala dos capellos:—

V

Mais ja por deante o monstro infame,  
Quando, avistando ao longe um corcovado,  
Com sceptro e c'roa, eu disse ao florentino:  
Deixa esse biltre e vamos ao encontro  
Do condemnado, cujo simulacro  
Para aqui se dirige e nos indica  
Que na vida foi já de povos chefe.  
'Sta dicto, me volveu o grande poeta,  
E partimos. O demo que o tirava,  
Como já haviam sido os dois primeiros,  
Foi por nós embargado; e o tal monarcha,  
Que na Inglaterra o fôra por tramoia,  
Nos contou d'esta sorte os seus delictos:  
—A ambição de reinar e cingir c'roa,

Usar do manto regio e empunhar sceptro,  
Contra os parentes meus, e dos mais proximos,  
Me fez usar crueldade. Eduardo Quarto,  
Que era irmão meu, e de Inglaterra o throno  
Tinha occupado em vida, uns dois filhinhos  
Deixara. Protector logo me aprompto  
De estes meus dois sobrinhos, e na torre  
De Londres, segundo o uso, recolhidos  
Foram por meu mandado; o mais edoso  
De lá sair devia em tempo justo  
Para o sceptro empunhar dos seus maiores.  
Mas como assim, se eu era pretendente  
Do meu defuncto irmão ao regio throno ?  
P'ra os grandes ambiciosos é facilima  
A solução de taes difficuldades;  
Que importa a vida de creanças duas ?  
Fil-as envenenar, e os partidarios,  
Um dos quaes era o Duque de Buckingham,  
Que eu bem sube arranjar, me conseguiram  
A regia aclamação. Subido ao throno,  
Por actos de justiça a minha astucia  
Conciliar procurou do povo o affecto ;  
Baldado empenho. Um throno conquistado  
Com crimes e delictos não é firme ;  
Henrique Tudor e outros descontentes,  
Buckingham inclusive, se conspiram  
Para me desthronar, e a civil guerra  
Agitam no paiz. Umas sobre outras  
Derrotas supportei ; na decisiva  
Batalha, onde perdi a vida e o throno,  
Debalde a regia c'roa dar queria  
Em troca de um cavallo, p'ra d'est'arte  
Novamente na força da peleja  
Saciар minhas iras, meus furores.  
Cruel, dissimulado e astucioso  
Eu fui na vida : agora, desgraçado,  
Do orgulho de ser rei as penas soffro  
De tão grande ignominia e eternas dores. —

VI

Assim fallou Ricardo de Inglaterra,  
O terceiro do nome; e mais ávante  
Nós caminhamos, vendo, entre outros muitos,  
Um alferes famoso por seus crimes.  
O simulacro de homem tão *honesto*  
Trazia um estandarte; e o bom ginete  
Arrastava esse infame, o *honesto* Yago.  
Sua intriga infernal assim nos conta  
O vil official do negro Othelo:  
— A inveja, que já foi de um fratricidio,  
O primeiro no mundo, a causa e origem,  
E é de mil outros males a motora,  
Minha eterna desgraça ha produzido.  
De esse mouro valente, que a republica  
De Veneza empregara em seu serviço,  
Eu fui o alferes mór; sincera estima  
Do general eu tinha, e confiança  
Em mim depositara o bravo mouro.

Uma nobre patricia, a linda filha  
Do senador Brabancio a apaixonar-se  
Chegou pelo africano, que, não menos  
Apaixonado, foi aos pés da bella  
Amor exp'rimentar. A narrativa  
Dos infurtunios, que soffrido houvera,  
A chave foi do affecto de Desdemona,  
Coisa pouco vulgar. Não que as patricias  
Inaccessiveis sejam á ternura  
De qualquer Ferrebraz ou Rodomonte,  
Mas a chave p'ra abrir aquelles cofres  
De amor e de meiguice a querem de ouro,  
E bem pesada; quando algum valente,  
Na espada pondo a mão, disser *é ouro!*  
*O que ouro valer sabe* (5), adeus amores,  
Que bata a uma outra porta, ellas respondem.  
Mas aquella pombinha veneziana  
Era excepção da regra (e não ha regra

Que não tenha excepção), do bravo Othelo  
Chega a compadecer-se, e dentro em breve  
A compaixão se torna em doce affecto.

Quem não gostou da historia foi Brabancio,  
O senador soberbo e infatuado,  
Não sei se por ser negro aquelle genro,  
Ou se por seu vermelho o sangue de este.  
É certo que queixar-se amargamente  
Foi ante o nobre Doge, e não queria  
Aquelle casamento; mas Su' Alteza,  
Tendo ouvido o queixoso e os accusados,  
Houve por bem fazer justiça á bella  
E ao seu querido mouro. E' grande coisa,  
Para justiça obter dos governantes,  
Que um homem tenha em si valor tão grande  
Como o Achilles de Homero; os venezianos  
Imitar não queriam Agamemnon,  
Fazendo affronta de Peleu ao filho,  
Conheciam a sorte do primeiro  
Por Briseida tirar ao mais valente  
Dos principes da Grecia. É bem sabido  
Como o brioso Achilles a coberto  
Se poz, e grande sova os inimigos  
Deixou dar nos heroes soldados gregos;  
A campo só voltou para vingança  
Tomar da morte do fiel amigo,  
O generoso filho de Menecio,  
E dando-lhe Agamemnon orgulhoso  
Grande reparação da antiga offensa.

Bem o sabia o Doge, e mais que em Chypre  
O valente africano era preciso  
Para amañçar os turcos. Embarcamos,  
E Desdemona parte acompanhando  
O valente marido que escolhera.  
D'aquella bella dama eu bem quizera  
Tambem colher meiguices e carinhos,  
E tentei a aventura; mas de balde  
Que uma Suzana ella era a toda a prova.  
Quiz vingar-me e tramei cruel intriga,  
Conhecendo a cegueira do meu chefe;

Minha *honest*a pessoa com tal arte  
Soube calumniar a desditosa,  
Que o marido acredita que é trahido,  
E matou sua esposa, estimulado  
Por ciúme feroz, cruel, selvagem.

Minha alma, inda mais negra do que o corpo  
De Othelo valoroso e destemido,  
Vingada estava dos desdens da bella  
E virtuosa esposa do tal mouro ;  
Mas de perto o castigo o crime segue  
Algumas vezes, e o illudido esposo  
Não tarda em conhecer toda a tramaioa.  
A punição me deu (que foi despacho  
Para eu vir para aqui) e apunhalou-se ;  
Agora de invejoso e de intrigante  
O castigo mer'cido estou soffrendo.—

### VIII

Assim fallado havia o *honesto* Yago,  
E seguiu seu caminho. Um grande grupo  
Encontramos depois ; entre elles vinha  
Um doutor portuguez, que foi de physica  
Já professor na lusa academia.  
Era o Sanches Goulão (6). De este sujeito,  
Disse eu para Allighieri, a historia eu conto  
Que aqui o faz estar. Era insolente ;  
Soberbo, e malcreado varias vezes  
Nos cursos se mostrou, algum discipulo  
Maltratando com phrases desabridas  
De uma descompostura, e com doestos.  
De visita o faltar-lhe co' um bilhete  
(E n'isto inda ha Goulões, sem ter o nome)  
Para elle vinha a ser pesada offensa !

Ainda n'outras coisas revelava  
Goulão alma orgulhosa e vingativa,  
E a grande telha sua. Quando em furias  
Da civil guerra Portugal ardia,

E dos Cabraes o jugo o bravo povo  
Sacudir pretendeu, correndo ás armas,  
Houve em Coimbra um batalhão cartista.  
Lentes, bedeis, artistas e outra gente  
Adversa ao movimento da revolta,  
Eram de esta milicia; e tambem tinham  
Os da facção contraria de academicos  
Jovens um batalhão nobre e luzido,  
Que marchou p'ra o serviço. Ora o cartista,  
Entre outros officiaes, contava aquelle  
Lente da faculdade azul escura,  
E tambem o bedel como soldado  
Simples e raso, ou pouco mais do que isso.

Distrahido o bedel um dia passa  
Pelo Sanches Goulão sem continencia  
Militar lhe fazer; agora é vel-o,  
O soberbo official puxar da espada  
E dar pranchadas á direita, á esquerda,  
Como quem malha no centeio verde.  
Se o povo não acode ao desgraçado,  
Ali morria o triste ás mãos de um doido!  
Tão falto de juizo e tão sanhudo  
Não ficou Dom Lourenço, bispo de Elvas,  
Quando Lara, o deão, não compar'cera  
Para offertar o hyssope ao seu prelado.

**Fim do canto decimo.**



# NOTAS

AO

## CANTO DECIMO

---

(1)

Veja-se DANTE, *Inferno*, canto XVIII.

---

(2)

Este episodio é um resumido argumento do romance de Eugenio Sue — *O judeu errante*.

---

(3)

O P.<sup>e</sup> José Monteiro da Rocha, foi doutorado em mathematica conjuntamente com Miguel Franzini e Miguel Antonio Ciera, no dia 9 de outubro de 1772; e estes tres doutores inauguraram em Coimbra a Faculdade. Em 1774 foi despachado 4.<sup>o</sup> lente e mandado doutorar o official de artilheria José Anastacio da Cunha.

Manda a verdade que se diga que ambos elles illustraram e enobreceram pelos seus trabalhos as lettras portuguezas; mas a gloria do primeiro está manchadissima pela sua soberba, orgulho, e miseravel inveja. Efeito d'esta foi a intriga que o jesuita moveu contra o segundo, e com a qual conseguiu desembaraçar-se de um collega que lhe fazia sombra.

Não permittindo a extensão d'estas notas demasiada largueza para provar, com documentos que existem da questão, as rivalidades entre os dois mathematicos portuguezes, remettemos o leitor para os trabalhos sobre este assumpto publicados no *Jornal Litterario* (Coimbra 1869 — Imprensa Litteraria) nos seguintes artigos:

*Questão entre José Anastacio da Cunha e José Monteiro da Rocha*, pag. 97.

*Copia de uma carta de José Anastacio da Cunha*, pag. 105.

*Notas á carta de José Anastacio da Cunha*, pagg. 125, 129, 139, 147, 156, 165.

Para os leitores que não podem haver á mão aquelle jornal aqui apresentamos alguns extractos, e remettemos tambem para os artigos respectivos no Diccionario Bibliographico do Sr. Innocencio da Silva.

.....  
.....  
..... Não devemos porém esquecer, que José Monteiro da Rocha, que dispunha então da faculdade, havia pertencido á ordem dos jesuitas, e, posto que justamente possuia a reputação d'um sabio, que nos faz muita honra, era um iujejoso tambem, cheio de ambição insaciavel, e vendo sempre em tudo a sombra do seu rival, cujo admiravel engenho a consciencia lhe advertia irrecusavelmente ser, em grau elevadissimo, superior ao seu.

(*Jornal Litterario*, pag. 99)

COPIA DE UMA CARTA DE JOSÉ ANASTACIO

..... Ha mais de dez annos, que eu vejo errar crassissimamente o nosso oraculo, sem isso me importar. Roubou-me a minha extracção da raiz cubica ; não fiz caso. Teve o desêmbraço de fazer imprimir por ordem da Universidade, para uso da minha aula, depois de eu lá estar, a mais longa, escura, e informe compilação de Trigonometria, que jamais se viu ; não me servi d'ella e ensinei por uma que occupa uma só folha de papel, mas tambem não fiz caso, etc.

Pedem-me da academia real das sciencias, haverá cinco annos, alguns assumptos para propôr...

.....  
A sabia academia não propoz então nenhum dos meus assumptos, propoz um que remetteu o padre Monteiro, difficultoso sobremaneira, por não dizer impossivel, e que tem mais de cem annos. *Tant pis pour eux*, nada d'isso me importa. Porém passaram dois annos inteiros, sem o padre Monteiro poder achar mais nenhum problema velho, por mais que o buscasse ; estava chegado o termo ; a reminiscencia do padre Monteiro cada vez mais inexoravel ; a academia em trances. Ora veja o que faz o padre Monteiro dos meus assumptos, que a sabia academia lhe tinha mandado á mostra. Remette-lhe o mais facil, porém de tal sorte viciado, que quem não souber, que o additamento absurdo, sobre a determinação dos casos de convergencia, é d'elle, e não meu, terá razão de me julgar ignorante, e mentecapto. Que lhe parece ? Esbulhou-me do que é meu, e não fiz caso ; até ahi chega a minha philosophia. Mas pôr-me em risco de se me imputar o que é d'elle ? Oh senhor !

*Questo è troppa crudeltà.*

Para passar esta vergonha, não tenho eu constacia.

*La mia virtù non giunge a tanto.*

Então, *mon cher ami*, não me será licito ao menos mostrar aos meus amigos a verdade?

Pois toda a vingança, que em simillhantes casos costumeo desejar não se estende a mais.

.....  
.....  
Não perca os oculos, que levou de Lisboa, e em todo o caso não use dos d'essa terra, que fazem muito mal á vista.

*O my dear friend! Be avre of Monteirism, Franzinism, Brunellism, Conimbricism.*

(*Jornal Litterario*, pagg. 111 e 112)

---

(4)

Manuel Pedro de Mello, doutor e lente da faculdade de Mathematica, graduado a 19 de junho de 1795, socio da academia real das sciencias de Lisboa, deputado ás côrtes ordinarias de 1822, etc.

.....  
.....  
Ou por ter sido discipulo de José Anastacio da Cunha, ou por outro motivo que ignoramos, incorreu no desagrado de José Monteiro da Rocha, levando em consequencia apenas informações *redondas* no doutoramento tendo-as tido aliás *distinctissimas* (3 MBB, 1 B) na formatura em 1793. Não obstante José Monteiro fez depois justiça ao seu grande merecimento, como se vê dos seguintes documentos :

Extracto d'uma carta de José Monteiro da Rocha dirigida de Coimbra ao Reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos, em 30 de Agosto de 1801.

«Parece-me hem, que Manuel Pedro faça a viagem que lhe lembra, e muito mais tendo a opportunity de a fazer em companhia do ministro

«quo torna para a Hollanda, e que lhe pode facilitar muito o desempenho da sua commissão. Esta «porém não deverá limitar-se ao objecto da sua «cadeira, mas estender-se á de *Astronomia*, visitando elle os observatorios que lhe ficarem em «caminho, e trazendo as noticias, que a esse respeito achar dignas de attenção; objecto, de cujo «desempenho elle é muito capaz. Sobre isso mandarei a V. Ex.<sup>a</sup> alguns artigos mais especificados.»

Carta de José Monteiro da Rocha, dirigida de Lisboa a D. Francisco de Lemos, em 6 de Fevereiro de 1808.

.....  
.....  
«Manuel Pedro póde ficar por mais tempo, a «título de acabar a traducção de que se encarregou, e deixar arrançadas as correspondencias. «Com esse titulo poderá lá ser util á Universidade; «e ao mesmo reino, segundo as instrucções, que «se lhe enviarem. Mas isto deve ser tudo segredo, «porque (segundo são os caprichos dos homens) «não gostará o criado, de que se tracte immediatamente com seu amo.

«Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> muitos annos. Lisboa 6 «de Fevereiro de 1808,

De V. Ex.<sup>a</sup>

Att.<sup>o</sup> fiel subdito e cr.<sup>o</sup> obrigadissimo

*José Monteiro da Rocha.*

Mas em 2 do Junho de 1816 já lhe continuava a apparecer a má vontade contra Manuel Pedro de Mello, como se vê do seguinte:

Extracto de uma carta, dirigida da quinta de S. José de Ribamar a D. Francisco de Lemos, n'aquella data:

«Manuel Pedro frequenta muito a audiencia de

«Pereira e Sousa, e talvez cuide em algum alvitre para vencer aqui, como beneficio simples, a cadeira da Universidade. Entretanto não ha remedio senão de fazer sempre conta com elle.»

(*Jornal Litterario*, pag. 125 e 126)

---

(5)

*Ouro é o que ouro vale* conta-se ter sido resposta dada por um grande navegador ao Duque de Santa Fé. O illustre capitão, cheio de brilho e gloria, indicára a sua espada ; o grande de Hespanha perguntara pela aquisição de riquezas ao pretendente de sua filha.

---

(6)

Antonio Sanches Goulão foi doutor em Philoſophia, lente de esta faculdade, e bacharel formado em Medicina. O facto dado com o bedel (já fallecido ha muitos annos) é ainda hoje lembrado e contado pelos seus camaradas e outros coevos ; o mesmo acontece a respeito do procedimento com alguns dos seus discipulos, aliás distinctos estudantes, e que não só na carreira academica, mas ainda na das obras publicas e outras profissões, teem feito logar brilhante.

---

# CANTO UNDECIMO

## VIAGEM A URANO; COSTUMES SINGULARES DO REINO DA ASNEIRA

---

### I

Nem tanto ao mar, nem tanto á terra. Uns orbes  
Por mansão de almas boas, virtuosas,  
Têm sido designados ; já tres d'elles (1)  
Visitados por mim na grande viagem  
Foram, primeiro que em Saturno eu visse  
O padre Zé Monteiro e mais velhacos.  
Outros, em maior numero, escolhidos  
Foram p'ra punição d'almas perversas ;  
Tal é Marte e Saturno, os aneis d'este,  
Além dos seus satellites, a Lua,  
Que o é da Terra, e ainda os outros muitos  
Pequeninos planetas como Vesta,  
Ao qual eu tambem fui, acompanhado  
Pela famosa Olympia.

### II

Algum reparo  
Os leitores maldosos poderiam  
Fazer a este respeito ; pois em Venus  
Tendo tão nobres damas e illustradas

Não achou Patrocínio outra parceira  
Senão a Olympia Gaia? Eu já respoudo:  
Certo é que Isabel Vera (2), Edith Bellenden,  
Herminia d'Antiochia, Anna de Geirstein (3),  
Outra Isabel, esposa de Zerbino,  
A nobre Flordeliz, Gildippe bella (4),  
A extremosa Julieta, cujas cinzas  
Verona inda conserva (e tem mais honra  
Com tão nobres reliquias do que a sabia  
Coimbra co' o *Mata Frades*); qualquer d'estas  
Respeitaveis senhoras, além de outras  
Que fôra longo nomear agora,  
A commissão com gosto acceitaria  
De ser minha instructora e companheira.  
Eu tive a honra da sua convivencia,  
Demos muitos passeios, conversamos,  
Jogamos o xadrez, e até no piano  
Algumas a fineza me fizeram  
De acompanhar-me n'uma phantasia  
De Alard, facil mas linda, sobre varios  
Motivos de Bellini; mas com tudo  
Para o fim instructivo mais que todas  
A competencia tinha a esperta Olympia.  
Pois Julieta sabia astronomia?  
Romeo não lhe a ensinou, nem coisas d'essas  
Elle proprio sabia; a grata Herminia  
Tambem não, nem tão pouco as outras damas.  
Mas Olympia, essa sim, que por amantes  
Em vida teve astrônomos; na *chronica*  
Dos astros era *teso* e muito fino  
Um d'elles, Florentino o illustre vate  
Fez acertada escolha, convidando-a  
Para me acompanhar, e sem com isso  
Causar alguma offensa ás outras damas.  
Isto é razão bastante, e com desprezo  
Seria recebido o juizo errado  
De algum mau, que objecções propôr viesse.  
Da vida os infortunios, ou desgraças,  
Muitas vezes não quebram a nobreza  
De character de uma alma bella e grande;

Injusta é a sociedade cá no mundo,  
 Mas lá por cima faz-se mais justiça.  
 Não da fortuna, da alma as qualidades  
 Sómente dão valor e mer'cimento ;  
 E ao passo que uma *honrada* Leonor Telles,  
 Carolina de Napoles, e muitas  
 Outras grandes senhoras, o castigo  
 Estão soffrendo no planeta Vesta,  
 Margarida Gauthier, Timandra esbelta  
 [Que o galante Alcibiades tirara  
 De um lupanar d'Athenas (5)], meiga Olympia,  
 E algumas outras mais, inda que poucas,  
 Residem de Neptuno, ora de Jupiter  
 Ou de Venus nos orbes fortunados.

### III

Mas, estava eu dizendo, um meio termo  
 Inda não temos visto, e é tempo agora  
 De novamente cavalgar o Hyppogrypho,  
 Não para ir ao paiz das priscas fadas  
 E de genios travessos saber contos  
 De Titania e Oberon, da linda Resia,  
 Mas para de Urano ir á superficie,  
 Onde estão a exhibir segundas provas  
 De vicios ou virtude alguma gente  
 Que equilibrara aqui virtude e vicio.

É assim mesmo, pois não ? Succede ás vezes  
 Um julgador achar-se no embaraço  
 Sobre qual decisão tomar-se deva,  
 Approvar ? reprovar ? dar premio, ou pena ?  
 Ha razões para um lado e para o outro ;  
 Quaes d'ellas pesam mais ? optima ideia,  
 Quando não vae contra os regulamentos,  
 É mandar novas provas serem dadas  
 Para desempatar. Ora alguns homens  
 E mulheres sentença em tal sentido  
 Obtem no julgamento, quando fudam

A vida que viveram sobre a terra ;  
Vão então habitar d'Urano o globo.  
Segunda encarnação alguns recebem ;  
Outros na mesma idade em que morreram,  
Ou de alguns poucos lustros minorada,  
Continuam vivendo em tal planeta.

Tendo já visto muitos condemnados  
Que a punição recebem em Saturno  
Do orgulho seu, soberba, inveja, intrigas,  
Disse Dante p'ra mim : — doutor amigo,  
Partir vamos agora p'ra o planeta  
Que o sabio Guilherme Herschel descobrira (6)  
Com seu grande, monstruoso telescopio.  
Pela amplificação de este instrumento  
Herschel achou diametro sensível  
No astro, que estrella fixa par'cera  
A Mayer, Lemonnier e a Flamstead,  
Que observadores foram seus primeiros.  
Depois de muitos dias achou n'elle  
Pequeno, mas sensível movimento,  
E cometa o julgou ; então 'studando  
Mais posições do mesmo, determina  
Do seu planeta os elementos da orbita.

Herschel, que de organista abandonara  
E mestre de capella a vida artistica  
Para dos astros se botar ao 'studo,  
(E fez Jorge Terceiro um bom serviço  
Á sciencia, convidando homem tão util  
Com mer'cido honorario e mais larguezas);  
Herschel, pondo de parte as semifusas,  
O oboe, a batuta, e o telescopio,  
Que elle mesmo formara só se entrega.  
Descobre então com elle estrellas duplas,  
Que, mais bem observadas, nos revelam  
Que até lá n'esses paramos longinquos  
Inda a lei da attracção se dá, vigora.

De Jove o achatamento, o tempo gasto  
Na rotação de este astro, e inda outras muitas  
Descobertas faz elle ; no catalogo  
De estrellas, que formara, a sciencia devo

Muito ao sabio, e egualmente agradecida  
É á notavel dama, irmã do astronomo,  
Carolina Lucrecia, que o ajudava,  
Fazia observações, e alguns cometas  
Ella só, descobrindo, os fez sabidos.

Veremos o planeta, nos satellites  
Não entramos porém; que a mesma cousa,  
Que n'um d'elles se dá, se dá nos outros  
E no globo central, onde já vamos.—

IV

Disse, e de novo sopra na boquilha  
A nota aguda e forte; os dois alados  
Palafrens o seu vôo soltam logo,  
E dentro em pouco tempo tomam terra  
Na superficie de Urano. Pousamos  
N'uma arida montanha, e chegar vemos  
Pouco depois, descendo á mesma serra,  
Um balão aer'ostatico, trazendo  
O nosso amigo Ariosto por piloto.  
— Cá 'stou, me disse o poeta, e aqui vos trago  
Dois magicos anneis; têm a virtude  
Que o tolo Calandrino insanamente  
Achar queria n'umas pedras negras,  
As quaes com gran trabalho andou buscando,  
Fazendo rir do logro os seus collegas (7).  
Se no annular da dextra anda trazido,  
O dono de essa mão torna invisivel;  
Mas quem quer suspender-lhe a qualidade,  
Muda-o para a esquerda e está servido.  
Tenho inda outro p'ra mim, e poderemos,  
Ora invisiveis, ora manifestos,  
Ver os costumes de estas terras de Urano,  
Onde ha gente que nasce, outra que morre,  
E outra aqui consome muitas vidas  
Sem uma vez ao menos ter morrido.

Parece um paradoxo, mas o caso  
Passa-se de este modo :

V

Qual o pendulo,  
A lei das forças vivas observando,  
Se afasta p'ra a direita, para a esquerda,  
Chegando sempre assim á mesma altura,  
Quando attritos não ha nem resistencia ;  
Ou quaes as ordenadas da cycloide,  
Que vão de zero a zero, percorrendo  
Pela continuidade ora os crescentes  
Valores até o maximo *dois erre*,  
Depois os decrescentes até zero  
E tornam a crescer ao mesmo maximo  
P'ra decrescer depois, e assim por diante ;  
Do mesmo modo vive muita gente  
No paiz em que estamos, de criancinhas  
Indo á virilidade pouco a pouco,  
Depois descendo a velhos p'ra voltarem,  
Retrogradando, a serem pequeninos ;  
E tornam a crescer, tornam a velhos,  
E assim continuamente, mais felizes  
Sendo, por certo, que de Aurora o esposo  
Na novella de Giam-Battista Casti.

Mas, estava eu dizendo, muita cousa  
Ha para ver aqui ; por isso vamos  
Já p'ra a cidade proxima, onde ha hoje  
Commissão districtal, e alguns mancebos  
Têm graça nas razões com que pretendem  
Do serviço das armas ser isemptos.—

VI

Assim fallara Ariosto, e sem demora

Deixando o seu balão aos dois alados,  
Que são bons e fieis guardas, caminhamos  
P'ra a cidade mais proxima; cabeça  
De districto era ella de uma terra  
A qual *Reino da Asneira* se chamava.  
Anneis na mão direita, e entrando fomos  
No governo civil até chegarmos  
A' sala da sessão; ouvimos varias  
Reclamações de muitos recenseados,  
Quasi todas fundadas em mentiras;  
Mas bons padrinhos tinham os sujeitos,  
E attendidos ficavam, por que em troca  
Na farça eleitoral se dava a paga.  
Mas cae a discussão sobre uma celebre,  
Muito ralona e singular escusa,  
E a todos tres nos faz tão 'strepitosa  
Gargalhada soltar, que os conselheiros  
Do districto ficaram espantados  
Por ouvir quem não viam. Nós sahimos  
Sem demora da sala, e o facto é este :

De um rico proprietario o primogenito,  
Que á idade de ter praça era chegado,  
Não queria servir, mas egualmente  
A remissão pagar menos queria.  
Era forte, robusto e corpolento,  
E, por mais que quizessem, não podiam  
Dal-o por incapaz os inspectores.  
Pois livrou-se o forreta, apresentando  
Attestado de medico, e dizia  
Uma tal certidão que esse mancebo  
Era tolo e idiota ! Quando fóra  
Nos achamos da sala, perguntando-me  
O jocoso Ariosto qual sentença  
Eu daria, se fosse cá na terra,  
Respondi: duvidar não poderia  
Do motivo allegado, era bastante  
Que o mancebo acceitasse tal diploma ;  
Mas fazia-o 'star preso em Rilhafolles  
Por tantos annos, quantos no serviço  
Lhe competisse andar, sentando praça.

VII

Era tempo de exames, e quizeimos  
Ver como lá se ensina a mocidade,  
Preparando-a p'ra estudos sup'riores.  
Entramos no lyceu ; os estudantes,  
Na sua maior parte, ou se calavam,  
Ou diziam tolices, disparates,  
Em resposta ás perguntas que eram feitas  
Por homens nomeados, escolhidos  
Em commissão para ir examinal-os.  
Os examinadores bem sabiam  
Fazer o seu dever, e em resultado  
De tantos estudantes admittidos  
Alguns trinta por cento, ou inda menos,  
Na media só ficavam approvados.  
A sujeito entendido na materia  
Perguntei o motivo por que tantos  
Ignorantes entravam sem vergonha  
A exame, e esta resposta me foi dada:  
— Achando ter descido o ensino publico  
Na instrucção secundaria, de este reino  
O governo, zeloso pelas coisas  
Da publica instrucção, faz esta emenda  
Na lei que vigorava : o nivel sobe  
Da bitola de exames, nomeando  
P'ra tal serviço gente competente ;  
Mas obriga a descer ao mesmo tempo  
O ensino das materia leccionadas,  
Dando uns ignorantões, uns *residentes*,  
Por mestres aos mancebos. Jornaleiros,  
Não professores, são os nomeados  
Sem concurso e sem provas de sciencia,  
Que por cinco doz'avos do ordenado  
As vagas vão supprir dos fallecidos  
Ou dos aposentados professores.  
A quem um curso tem de theologia  
De introducção entregam a cadeira ;

Um bacharel jurista a mathematica  
Ensina officialmente, o de desenho  
É professor um mercador fallido!  
Alguns de latim a um mestre mandam  
Que ensine geographia, embora nada  
Ou menos que os discipulos entenda  
Do que vae leccionar; e d'esta sorte  
É nos lyceus do reino feito o ensino.  
Ha tambem leccionistas, porém estes  
Regulam seu serviço pelo feito  
Pelos *sabios* que envia o bom governo;  
Em resultado augmenta a ignorancia,  
E a razão aqui tens do que estás vendo.—

### VIII

Fomos a outra cidade de provincia,  
Que era tambem cabeça de districto.  
Lá chegamos em dia de espectaculo  
Que mais era de gosto aos habitantes  
De aquella boa terra, e ver quizemos  
O seu divertimento predilecto.  
Fomos logo uns logares no amphitheatro  
Tomar p'ra ver a festa; ao som de musica  
Vimos um cavalleiro andar em circulo  
A fazer cortezias e zumbaías  
Aos bons espectadores. Concluidos  
Do estylo os cumprimentos, sae de um curro  
Um touro corpolento, e á sua conta  
Alguns homens o tomam para farpas  
Agudas, penetrantes espetarem  
N'aquelle ruminante; os 'spectadores,  
Quanto mais maltractar viam o touro,  
Mais gritavam com jubilo e contentes,  
Applaudindo gostosos os toureiros.  
Damas havia até que se inter'savam  
Por ver o animal bem cravejado  
De farpas, e investir com furia e raiva

Contra os capinhas barbaros, perversos !  
Uma selvageria, e de crueldade  
Par'ceu-me escola pratica a tal festa ;  
Mas gostava Zé Povo do spectaculo,  
E o theatro ficar deixava ás moscas !

IX

Fomos a outra cidade. Os habitantes  
Tractavam de eleger do municipio  
Os seus vereadores, e a politica,  
Mais do que os eleitores, escolhia  
Os taes representantes de Zé Povo.  
Um cidadão sensato, e que sabia  
Dos *mysterios* da terra muita cousa  
Me contou varios casos de um sujeito  
Que ha muitos annos fôra presidente  
De esse tal municipio.— Pela imprensa,  
Me disse o cidadão d'aquella terra,  
Chêgou a accusações soffrer diversas  
O sucio presidente, e incurso estava  
De concussão no crime, a ser verdade  
O que então se dizia nos p'riodicos ;  
Mas que faz o ratão ? Vae em resposta  
Avisar os leitores que suspendam  
O juizo que devam formar d'elle,  
Por que mui brevemente provaria  
Ser falso o que nas folhas se espalhava.  
E até hoje, apesar de muitos annos  
Haverem decorrido, nada veio  
Publicar p'ra provar sua innocencia.

Esse mesmo sujeito (continuava)  
Já mettido em processo em tempo fôra  
Por certos peculatos ; mas amigos  
*Abafadores* teve, e nem por isso  
Deixou de presidir ao municipio  
Em tempos post'riores. De esta sorte  
Por aqui a honradez é compr'endida.

X

Ha n'esta nossa terra um seminario,  
Que dos fieis christãos foi com esmolos  
Em tempo edificado, p'ra os mancebos  
Aspirantes ao 'stado ecclesiastico  
N'elle terem collegio e instrucção propria.  
O virtuoso prelado, que empr'endera  
Fundar de sacerdotes tal escola,  
E inda os bons, dadivosos bemfeitores,  
Que contribuíram p'ra a fundação d'esta  
Casa sacerdotal, mal poderiam  
Pensar que no futuro aquella casa  
Em *hotel* de estudantes se tornasse,  
E os ordinandos fossem só pretexto  
P'ra a nova empreza industrial ao fisco  
Não dar contribuição da sua industria.

Já chegou a tal ponto o monopolio,  
Que tem seu matadouro para as rezes,  
E de carnes e vinho ao municipio  
Os direitos não paga de consummo,  
Quando os outros hoteis, hospedarias,  
Collegios de estudantes, pagam todos  
A quota industrial. Os governantes  
Sabem d'isto, e os abusos não corrigem;  
Por outra parte a gente da igrejinha,  
Para aos moinhos seus agua levarem,  
Illudem, quanto podem, as familias  
Dos mancebos que querem sup'riores  
Estudos cultivar, e vão d'est'arte  
Monopolio e apanagios conseguindo.—

XI

Tal era a informação que nos foi dada

Por aquelle sujeito; e nós, querendo  
Ver do Reino da Asneira outras cidades,  
Seguimos mais ávante. Em nossa viagem,  
Um conhecido achei, que em vida fôra  
Meu lente de mechanica celeste;  
Era o doutor Sarmento, e remoçado  
Estava lá, mas pude conhecel-o.  
Tu aqui, lhe disse eu? cuidei que em Jupiter,  
Como ao Thomaz d'Aquino, ao Guerra Osorio,  
Logar te fôra dado. Então com magua  
O meu antigo mestre assim me disse:  
— Depois da minha morte a julgamento  
Fui chamado, e nos pratos da balança  
Do archanjo Sam Miguel foram lançados  
Meus crimes e virtudes. No direito  
Men amor de familia, os meus trabalhos  
Aturados, seguidos, p'ra arranjar-lhe  
Alguns bens de fortuna, os meus desvelos  
Para educar os filhos, ensinal-os,  
Fazel-os bons e honrados, foram postos;  
Porém no esquerdo collocadas foram  
Bastantes injustiças que eu fizera,  
Ou por medo e pressão de alguns collegas  
Dos quaes eu dependia, ou por fraqueza.

O *De natura rerum* de Lucrecio,  
Compendio de atheismo, fôra em tempo  
Minha leitura muito predilecta  
Antes de me passar para outra seita;  
Pois tambem foi no prato dos delictos  
Da judicial balança collocado.

Mas longe do equilibrio ficaria  
Inda assim, se não fôra a maroteira,  
Que eu fiz o doutor Manso preterindo  
P'ra proteger Coelho infamemente,  
E p'ra servir depois este collega  
Dar ao doutor Falcão mais do que justas  
Informações devidas ao seu merito.  
Bom professor foi sempre o Manso Preto,  
E não seria ingrato como os outros  
Que eu tanto protegi contra justiça.

Informado já fui que foram estes  
Dois, que eu tanto levei, os que em conselho  
Se opposeram a serem premiados,  
Como bem mereciam, os meus filhos,  
E os outros meus collegas pretendiam.  
Vê como elles pagaram meus favores !

Nos orbes de tormentos eu teria,  
Por certo, algum logar, se o grande affecto  
Aos meus filhos, á 'sposa, os sacrificios  
Que eu fiz pela familia, não viessem  
Equilibrar o peso dos delictos.  
Segunda prova agora aqui vou dando,  
Mas emendado estou ; e com certeza,  
Quando de novo for chamado a juizo,  
Melhor collocação me será feita,  
Pois roedores e aves de rapina  
Eu não protejo mais, nem por acinte  
Offensa hei de fazer a gente mansa.—

**Fim do canto undecimo.**



# NOTAS

AO

## CANTO UNDECIMO

---

(1)

Venus, Jupiter e o seu 1.<sup>o</sup> satellite.

---

(2)

Veja-se a novella de Walter Scott, intitulada *O anão das pedras negras*.

---

(3)

Veja-se do mesmo auctor a novella *Anna de Geirstein ou a donzella do nevoeiro*.

---

(4)

Veja-se o poema epico *Gerusalem libertada* de Torquato Tasso.

---

(5)

Veja-se a obra de Debay, intitulada *As noites corinthias*.

(6)

Guilherme Herschel nasceu em Hanovre em 1738, falleceu em 1822. Era filho de um musico e foi tambem, nos seus primeiros annos, musico das guardas hanoverianas, instrumentista de oboe. Mais tarde foi professor d'esta arte, organista e mestre de capella.

Em 1774 construiu um telescopio, tomou gosto pelas observações astronomicas e começou a entregar-se a ellas. Com outro e grande telescopio, do qual elle foi ainda o constructor, e cuja amplificação era superior á de todos os até então construidos, passou a fazer importantes observações, e descobriu o planeta Urano, o qual em 1690 a Flamstead, em 1756 a Mayer, e em 1765 a Lemonnier tinha parecido estrella. Então o rei Jorge 3.<sup>o</sup> o convidou, com boa dotação para não precisar de exercer outros trabalhos, a vir em Slough, perto de Windsor, entregar-se ás observações e estudos do seu gosto.

Além das indicadas no texto foram ainda muitas mais as descobertas de este distincto astronomo. Na sua principal obra, o *Catalogo de estrellas*, collaborou sua irmã Carolina Lucrecia Herschel, e a descoberta de alguns cometas é devida ás observações e estudos de esta dama notavel.

Guilherme Herschel foi socio correspondente do Instituto de França, presidente da real sociedade astronomicas, e a Universidade de Oxford lhe deu o grau honorario de doutor em leis.

---

(7)

Veja-se no *Decamerone* de Boccacio a *novella* 3.<sup>a</sup> da *giornata* 8.<sup>a</sup>

---

# CANTO DUODECIMO

VIAGEM A NEPTUNO ; O PIMPAO.  
REGRESSO Á TERRA

## I

Mais do Reino da Asneira outras cidades  
Visitamos e vimos, porém tempo  
Par'cendo aos dois poetas de partirmos  
Para o orbe de Neptuno, em certo dia  
A um valle fomos ter onde os alados  
Ginetes o balão tinham trazido.  
Entramos na barquinha, e os voadores  
Corceis a um leve aceno de Allighieri  
Tomaram seu destino ; o illustre Ariosto  
A proa dirigiu sobre Neptuno,  
E tal velocidade ao machinismo  
Soube dar, que tão rapido não chega  
Do Porto a Coimbra algum comboyo expresso,  
Como nós aportamos ao planeta  
Que o sabio Le Verrier tivera a dita  
De achar pela theoria.

## II

Já formado  
Tinha Bouvard, servindo-se das formulas  
De Laplace, umas tabuas astronomicas

Para o planeta de Herschel, que devia  
De Saturno e de Jupiter notaveis  
Perturbações soffrer. Mas conformavam-se  
Com as observações por alguns annos  
(Trinta e nove eram elles); discordavam  
Os logares assim determinados  
Dos observados fóra de tal praso.

Qual a razão d'aquellas differenças ?  
Algun planeta incognito por certo  
De Urano o movimento transtornava,  
E o caso era encontrar pelos effeitos  
As co'rdenadas e outros elementos  
De este novo planeta. O grande astronomo  
Soube o *problema inverso dos tres corpos*  
Habilmente tractar; retoma d'Urano  
A theoria, e compara o resultado  
Com as observações recentes, boas;  
Liga por equações as quantidades  
De tão grande problema, e por incognitas  
Tomando os elementos da nova orbita,  
Além d'outros, achou grosseiramente  
A posição buscada. Então de novo  
Outros calculos fórma mais exactos,  
E prediz, com leve erro, o grande achado.  
Por convite do sabio, o illustre Galle  
Em Berlim se encarrega de observal-o;  
E até no mesmo dia em que recebe  
Tão honroso convite, o astro procura  
Ver no céu, e o descobre com differença,  
Menor inda que um grau, do calculado.

### III

D'este pois astro errante, e que servira  
De contra-prova, a mais frizante e bella,  
Da lei segundo a qual as massas todas  
Dos corpos entre si se ligam, prendem,  
Chegamos todos tres. Junto de um porto

De larga e franca entrada nós pousamos  
E, deixando o balão, seguimos logo  
P'ra a *Cidade dos Grandes Almirantes*.

Um lindo palacete o amigo Dante  
Possue na cidade, e lá reside  
Nos mezes em que vae passar o estio ;  
Na noite da chegada ahí ficamos,  
E depois de cear fomos nos leitos  
Descançar de tão longa caminhada.

Chega o dia seguinte, e dispozemo-nos  
P'ra passear e ver o mais notavel  
Que na terra se encontra, mas primeiro  
Nos 'stava preparado um bom almoço.  
Na occasião de pormo-nos á mesa,  
Do poeta florentino uns dois amigos  
Visita vem fazer-nos ; sem demora  
O prazer de ajudar-nos accetaram  
N'aquelle bom serviço. Eram não menos  
Que dois notaveis capitães distinctos :  
Um d'elles, atheniense, era Alcibiades ;  
Outro, patricio nosso, era Fernando  
De Magalhães, o grande navegante.

IV

O primeiro já fôra na sua patria  
Notavel cidadão ; do mestre Socrates  
Aprendera licções, mas seus talentos,  
Seu juvenil ardor, o amor da gloria,  
E não menos da pandiga as delicias,  
Uma vida exquisita lhe arranjaram.

Rival de Nicias, fez quebrar as treguas  
Entre Athenas e 'Sparta ; uma outra guerra  
Moveu a ser tambem comprehendida  
Contra a Sicilia, e teve então da esquadra  
Dividido com dois, Nicias e Lamacho,  
O commando geral. Mas, que ratisse !  
Na vosp'ra da partida andou de noite

Com mais alguns trocistas mutilando  
As 'statuas de Mercurio, e dos mysterios  
De Eleusis ravelara as intrujisses.

Partiu porém, e capitão valente,  
Grande cabo de guerra se mostrava  
Nas costas da Sicilia; eis se não quando,  
Em processo mettido, despachada  
Parte a galera sacra, ordem levando  
P'ra trazer Alcibiades a Athenas.  
Mas o filho de Clinias bem sabia  
O fim com que o chamavam; subtrahiu-se  
Co' a fuga á morte a que iam condemnal-o.  
Depois quando, julgado á revelia,  
Informado elle foi de que lhe deram  
A pena capital: *ah, sim, é isso?*  
Disse o valente joven; *convencel-os*  
*Cumpre-me agora de que vivo ainda,*  
*E por seu grande mal exp'riental-o*  
*Ha de Athenas ingrata, injusta e barbara.*  
A 'Sparta a off'recer corre os seus serviços,  
Que á rival grandes males, perdas muitas  
Tiveram de custar por seu castigo.

Mas foi varia a fortuna d'este bravo,  
Notavel capitão da antiguidade;  
Já prospera, já adversa era-lhe a sorte,  
E até os athenienses receberam  
Com pomposo triumpho esse Alcibiades  
Que á morte já tiveram condemnado!  
Os revezes da vida, e inda outros coisas,  
Fizeram que no exilio terminasse  
Os dias, mas morrendo como um bravo  
Com as armas na mão, forçando as chammas  
Da casa que inimigos incendiaram,  
E batendo-se só contra os malvados.  
A Pharnabaso, o satrapa corrupto,  
Que da hospitalidade pouco soube  
Os deveres cumprir, tão grande mancha  
A historia perdoar inda não pôde.

V

Mais feliz que Alcibiades não fôra  
O nosso Magalhães. Fizera na India  
E na Africa proezas e bravuras,  
E uma conspiração de gente indigena  
Contra os seus portuguezes em Malaca  
Malograr conseguiu. Mas, das intrigas  
Da côrte e camarilha sendo victima  
Quando ao reino voltou (desconsid'rado  
Pelo monarcha foi), com Ruy Faleiro  
A Hespanha quiz servir, e Carlos Quinto,  
Cesar do sacro imperio, aos seus talentos  
Soube dar galardão. De cinco vasos  
Equipados e promptos o commando  
Lhe dera o imperador; sulcando o Atlantico,  
E tendo em varios pontos 'stacionado  
Da America do Sul, já para o inverno  
Abrigado passar, já por diversos  
Outros motivos, entra n'esse estreito  
Que o nome herdou do navegante illustre.  
Depois, dobrado o cabo da Victoria,  
Eil-o no Grande Oceano, e foi singrando  
Durante mezes tres e dias vinte,  
Té que aportou ás ilhas Philippinas.

Bom gasalhado dera o povo indigena  
Ao bravo Magalhães e á gente sua;  
E Zebu, o rei da terra, até quizera  
Receber o baptismo. Mas em breve  
Da visinhança co'o feroz gentio  
Em guerra se encontrou. Acabrunhado  
Do malaio inimigo pelo numero,  
Nunca pelo valor, a vida perde,  
Mas com honra e bravura de soldado  
Tendo off'recido resistencia heroica.

Tres navios restavam da esquadrilla;  
Dos cinco um desertou, o outro perdera-se,  
Antes já de singlar pelo Pacifico.

N'esses tres vasos gente havia a bordo,  
Mas foi prudente um d'elles dar ás chammas,  
Dividindo a equipagem por dois outros,  
O *Trindade* e o *Victoria*. Então levantam  
Ancora, a pôpa dando á roxa aurora ;  
Mas o *Trindade* fôra aprisionado  
Por gente portugueza, o outro navio,  
Que Sebastião del Caue commandava  
Pôde voltar á patria pelo oriente.

Pela primeira vez foi circumdado  
Nosso globo terrestre por maritimos,  
Havendo-se gastado em tal viagem  
Annos tres e ainda uns bons quatorze dias.

## VI

Saimos de manhã p'ra ver a terra,  
Acompanhados pelos dois amigos ,  
E depois de jantar, uma regata  
Fomos não só gozar, vendo as porfias,  
Mas do grande Pericles o sobrinho,  
Tão brioso inda ali como em Athenas,  
Quiz ser dos contendores. Dar podemos  
Parabens ao notavel Alcibiades ;  
Fôra o seu escaler o mais ligeiro,  
E a bandeira ganhou do desafio.

Terminada a função, sendo já noite,  
De Christovam Colombo no palacio  
Havia grande festa ; um sarau poetico,  
Entre outros mais recreios, lá se dava.  
Ao genovez distincto apresentado  
Fui pelo meu patricio, e noite bella  
Lá passamos os tres recém-chegados.  
De entre as varias poesias que tiveram  
A honra de ser *bisadas*, uma d'ellas  
Me agradou mais que as outras ; das bravuras  
De um navio pimpão era o elogio.

VII

O PIMPÃO

Não ha na extensão das aguas  
Vaso mais bem equipado  
Que o navio couraçado  
P'ra a capital defender ;  
Á maior 'squadra do mundo,  
Sendo d'ella commandante  
Nelson, o grande almirante,  
Medo até póde metter.

Nem de Orlando á durindana,  
De Astolfo á lança encantada (1),  
Tal valentia foi dada  
Como ao navio pimpão ;  
Elle só co'os pimponetes  
Contra o mais bravo inimigo  
Póde bem livrar de p'riço  
Ameaçada a nação.

Que venha a *Deusa dos Mares*  
Que venha a *Flor de Lisboa*,  
Zombar de coisa tão boa,  
Suas iras provocar ;  
Com balasios no costado  
Serão vistas n'esse instante  
Do couraçado chibante  
Severa licção levar.

E isto inda é por amisade ;  
Que se for coisa estrangeira,  
De mais brilhante maneira  
O negocio correrá.  
Que tente, se é capaz d'isso,  
Qualquer capitão famoso

A aventura, e portentoso  
Caso raro se verá.

De Oberou co' a trompa eburnea  
Um paladim façanhudo  
Notavel peça de entrudo  
A um califa já pregou ;  
Mesmo á vista do monarcha  
Dois beijos vae dar na filha,  
Toca a trompa, e maravilha  
Inaudita se mostrou.

A força do encantamento  
Faz singular contradança,  
E até o Califa dança  
Agarrado ao Gran-Visir ;  
Hugon, o estrangeiro amante,  
Não deixa perder o tempo,  
Antes de algum contratempo  
Co' a bella deita a fugir (2).

Outro facto. O de Munchhausen  
Barão, assás conhecido,  
De repente enriquecido  
Por uma aposta se viu ;  
Tendo ao Sultão da Turquia  
Muito ouro e prata ganhado,  
Co' estes metaes embarcado  
De Stambul logo saiu.

Porém retomar por força  
O que perdera imprudente  
Qu' rendo o Sultão, de repente  
A sua esquadra mandou  
Seguir logo sem demora,  
Dando caça ao forasteiro,  
Que todo, tanto dinheiro  
Sem cerimonia levou (3).

Pouco depois tinha á vista

O barão a turca armada,  
Mas com isso não se enfada  
Que boa emenda lhe dá.  
A um criado que trazia  
Manda soprar contra aquella  
Esquadra, e fragata bella  
Que possa avançar não ha.

Do nosso pimpão fatidica  
E mais portentosa é a sorte ;  
Basta um sopro só, mas forte  
No cano da porta-voz.  
P'ra o mar largo repellidas  
São logo as imigas frotas,  
E vem o homem das botas  
Oppor-se á entrada da foz (4).

### VIII

N'aquella terra e n'outras do planeta  
Demoramo-nos inda muitos dias,  
Gozando lindas viagens sobre os mares  
Rios e lagos, de que está coberto  
De Neptuno o grande orbe. Mas saudades  
Eu tinha já de regressar á patria,  
A este globo terrestre, e os meus amigos,  
Por haver muita gente convidada,  
Fizeram equipar um *scapharmonio* (5)  
De lotação maior do que o primeiro,  
No qual eu, Dante, Olympia, os tres doutores  
Mais duas damas, e inda outro meu mestre,  
Que esperado me haviam no satellite,  
Aportamos de Jove á superficie.

Entre muitos, diff'rentes passageiros  
Dos que na torna-viagem me quizeram  
Acompanhar té ao planeta Venus,  
Para onde o *scapharmonio* tomou rumo,  
Vinha Cortez, que conquistara o Mexico,

Alcibiades, Nelson, Villaneuve,  
Infeliz mas brioso commandante,  
O prudente Gravina, Collingwood,  
Magon, que de Algeiras era o chefe  
Em Trafalgar, mostrou bravura immensa,  
E com machado em punho rechaçara  
Aquelle general e a gente sua  
A abordagem que dera o inglez Tyler  
Ao navio francez. De immortal gloria  
O digno commandante se cobrira ;  
Mas do inimigo as balas projectadas  
Por certoiro arcabuz a vida tiram  
Aquelle general, que tanto honrava  
A marinha franceza (6). A mesma sorte  
No combate naval, o mais sangrento  
Que as maritimas aguas supportaram,  
Ao chefe vencedor, o bravo Nelson,  
Veio a caber tambem (7). Estes e inda outros  
Notaveis officiaes foram a Venus  
Viajar no barco harmonico.

## IX

### Aportamos

Depois de algumas horas de caminho,  
Á cidade onde estava Edith Bellenden.  
Dois dias de descanso nós tivemos  
Antes da despedida. Então, chegado  
O dia de esse adeus, a nobre dama  
Para um jantar convida em seu palacio  
Os forasteiros vindos de Neptuno,  
E de Jove tambem os habitantes  
Que estavam lá 'sperando o meu regresso.  
Principesca era a festa; optimos vinhos  
Viandas excellentes, e mais que isso  
Escolhida era a honrosa companhia ;  
Mas no fim do banquete, e tendo todos  
Os convivas passado p'ra outra sala,

Lá fui achar o album de retratos  
Volumoso e já cheio. O illustre Dante  
Pega n'elle e me diz: — Vê se os conheces. —  
Abro o livro, e um retrato logo vejo,  
Tendo esta nota em baixo p'ra clareza :

*De pano azul por linda cazaquinha  
Com botões amarellos enfeitada,  
Do pae presente ad hoc, a namorada  
Este achou que trocar bem lhe convinha.*

Viro a folha, e deparo co' um retrato  
De conhecido hypocrita ; uma quadra  
Revelava d'est'arte o seu character :

*Este velhaco e sonso na Catholica,  
Noiva rica p'ra obter, quiz alistar-se ;  
Injusto sabe ser com muita manha,  
E com seiscentos contos foi casar-se.*

Folheei mais adeante, e vejo um sucio  
Pondo a luneta em ar de mofa e riso ;  
Em baixo estava a quadra que o define :

*Com reboques de tios e quejandos  
Consegue um petimetre, um asno, um Cria,  
Par'cer alguma cousa e, achando pouco,  
A um camafeu em nupcias se vendia.*

Mais n'outra folha encontro a vera effigie  
De um sujeito ; eram cinco hendecasyllabos  
Indicadores de um character d'elle :

*Se alguma vez este homem se descuida  
E bebe de cerveja um copo mais,  
Então, caso estupendo e pavoroso !  
Arrebenta-lhe o ventre portentoso,  
E sae de dentro Wronsky e outros que taes.*

Basta, basta (digo eu, fechando o livro),

Ideia formo já do que elle encerra ;  
Com mais vagar porém vel-o é preciso.  
— Podes leval-o, é teu (Dante me torna) ;  
Por lembrança das viagens o conserva,  
E se te faço assim este presente,  
É para agradecer-te a estima e apreço  
Em que sempre tiveste o meu *Inferno*. —

X

Chega a hora da partida ; abraço amigos,  
De todos me despeço, e de Allighieri  
A capa novamente me seguro.  
Então desprende o vôo o illustre Dante,  
E do Cidral na fonte vem pôsar-me.  
Qual de Ulysses ficara o amante filho  
Do seu caro Mentor na despedida,  
Tal fiquei eu, ao ver partir p'ra Jupiter  
O vate florentino. Alguns momentos  
Depois p'ra minha casa regressava  
Á vida do costume, e entre outras coisas  
A compôr um poema co' este titulo :  
*Viagens no systema planetario*.

**Fim.**

## NOTAS

AO

### CANTO DUODECIMO

---

(1)

Leia-se o *Orlando Furioso* de Ariosto, ou o *Ricardete*, poema no mesmo genero por Nicolau Forteguerra.

---

(2)

Leia-se o *Oberon*, poema de Wieland. Em portuguez ha uma traducção por Filinto Elysio, e outra de só metade do poema por Alcipe (Marqueza de Alorna).

---

(3)

Leia-se a novella do auctor Raspe intitulada *Aventuras do Barão de Munchhausen*.

---

(4)

A historia do Sancto-milagre de Santarem muitas vezes tem andado com a historia do reino; e já n'este seculo, no tempo da guerra da independencia, veio prender com um dos factos mais im-

portantos, e tambem com a mais curiosa aventura de que em Lisboa ha memoria.

Alludo nada menos que ao *homem das botas*. E perdoem-me as senhoras beatas a irreverencia apparente, que bem sabem não ser eu de motejar com as coisas serias e sanctas. Mas o factó é que a historia do Sancto-milagre está ligada com a celebre historia do *homem das botas*.

Saiba pois o leitor contemporaneo, saiba a posteridade... que pela invasão de Massena, o grande paladio scalabitano foi mandado recolher a Lisboa, e ahí se conservou alguns annos até muito depois da retirada dos francezes.

Passado todo o perigo de que o exercito invasor roubasse — ou profanasse — que era o mais provavel — a sancta reliquia, começou a reclamar-a o senado e o povo santareno, e a mostrar muito pouca vontade de lh'a restituir o senado e o povo ulyssiponense. Era uma questão d'entre Alba e Roma que dava serio cuidado aos reflectidos Numas da regencia do Rocio.

Em poucas perplexidades tão graves se viu aquelle pobre governo que tantas teve, e de quasi todas se sahio mal.

Não assim d'esta, que a evitou com o mais inesperado e admiravel stratagema, digno de ornar os maravilhosos fastos do grande Aaroun-el-Raschid, ou de qualquer outro principe de bom humor, d'esses poucos felizes que em felizes tempos reinaram a brincar, e zombaram com o seu povo, mas fazendo-o rir.

Pois, senhores, apertada se via a regencia d'estes reinos com a restituição do Sancto-milagre que era de justiça fazer-se a Santarem, mas que Lisboa recusava, e ameaçava impedir. Temia-se alboroto no povo.

Não sei de quem foi o alvitre, mas foi de maganão de bom gosto; e bom gosto teve tambem o governo em o aceitar e aproveitar. Para o dia em que o Sancto-milagre devia sahir de Lisboa Tejo

acima, e que se esperava fosse com grande solemnidade e pompa ecclesiastica, — fez-se annunciar por cartazes que um fulano de tal passaria o rio, de Lisboa a Almada, em umas botas de cortiça nas quaes se teria direito e inchuto, navegando a pé sem mais embarcação, vela nem remo.

A logração era gorda e grande; melhor e mais depressa foi engullida. No dia aprazado despovoou-se a capital, e uns em barcos, outros por navios, outros por essas praias abaixo, tudo se encheu de gente de todas as classes, e todos passaram o melhor do dia á espera do homem das botas.

No emtanto, muito surrateiramente embarcava o Sancto-milagre no seu barco de agua-arriba, e navegava com vento e maré para as ditosas ribeiras de Santarem.

Ninguem o viu sahir, nem soube novas d'elle em Lisboa senão quando constou da sua chegada a Santarem, e das grandes festas que lhe fizeram aquelles saudosos e devotos povos ribatejanos.

Os Arouns-el-Raschids do Rocio riram de socapa: e nunca tão innocentemente se riu governo algum de ter enganado o povo.

VISCONDE DE A. GARRETT, *Viagens na minha terra*, cap. 37.<sup>o</sup>

---

(5)

Palavra formada das raizes gregas *σκαφή barca* e *ἀρμονία harmonia*. Do mesmo modo formara Baiardo de *ἵππος cavallo* e *γρύψ grypho* o substantivo hip-pogripho.

---

(6) e (7)

Veja-se em Thiers, na *Historia do consolado e do imperio* (Liv. XXII), a descripção da batalha de Trafalgar.

---



# INDICE

---

	Pag.
ADVERTENCIA PRELIMINAR.....	7
CANTO PRIMEIRO. Introducção ; viagem á Lua .....	9
Notas a este canto .....	21
CANTO SEGUNDO. Historia de alguns lad- rões famosos punidos no planeta Mercurio; viagem a Venus .....	29
Notas a este canto .....	43
CANTO TERCEIRO. Continuação da viagem no planeta Venus; viagem a Marte .....	47
Notas a este canto .....	61
CANTO QUARTO. Viagem aerea em torno do planeta Marte.....	65
Notas a este canto.....	79
CANTO QUINTO. Historia politica e astrono- mica do planeta Lethes; viagem a Vesta... ..	87
Notas a este canto.....	103
CANTO SEXTO. Continuação da viagem no planeta Vesta.....	105
Notas a este canto .....	121
CANTO SETIMO. Viagem ao primeiro satel- lite de Jupiter .....	123
Notas a esto canto .....	137

	Pag.
CANTO OITAVO. Jantar no 1. <sup>o</sup> satellite de Jupiter e viagem ao grande planeta.....	143
Notas a este canto.....	157
CANTO NONO. Sessão no instituto e sarau musical no espheroide de Jupiter.....	165
Notas a este canto.....	179
CANTO DECIMO. Viagem a Saturno.....	181
Notas a este canto.....	195
CANTO UNDECIMO. Viagem a Urano; costumes singulares do Reino da Asneira.....	201
Notas a este canto.....	215
CANTO DUODECIMO. Viagem a Neptuno; o <i>Pimpão</i> . Regresso á Terra.....	217
Notas a este canto.....	229

---

*A propriedade de este livro no imperio do Brasil pertence ao Sr. Francisco Adelino da Silva Ferreira de Carvalho, residente no Rio de Janeiro.*

## ERRATAS MAIS NOTÁVEIS

---

<i>Pag.</i>	<i>Linh.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
17	25	<i>furfuris</i>	<i>furf'ris</i>
18	10	manta	manto
33	28	prova	povoa
42	37	sonhoo	somoo
51	1	abaixa	abaixe
"	8	terminava	terminara
52	6	<b>E</b>	<b>E</b>
124	9	Deum	De um
"	10	Dane	Dante
134	33	negcios	negocios
141	14	outra	outras
147	11	Hospedes e amigos meus, o illustre	Meus hospedes e ami- gos, eutão
152	9	este	estes
177	33	Leverrier	Le Verrier



## PUBLICAÇÕES

DO

## MESMO AUCTOR

---

ARTAXERXES, drama imitado de Metastasio, Coimbra 1868.

THESES EX ADPLICATA MATHESI, Conimbricæ 1869.

DISSERTAÇÃO INAUGURAL, sobre o argumento: *Haverá vantagem, no ensino da mechanica racional, em subordinar as leis do equilibrio dos corpos ás do seu movimento?* Coimbra 1869 (esgotada).

FLORES DE ESPINHOS, poesias e opusculos litterarios, 2 volumes. Braga 1871.

DETERMINAÇÃO DE FUNCÇÕES ANALYTICAS, estudos sobre analyse infinitesimal. Coimbra 1873.

---

### OBRAS INEDITAS

THEATRO LYRICO, contendo as operas comicas: *Josephina* — *A peste de Florença* — *O suffragio*

*universal — Uma grève de dançantes — Por  
causa dos lazaristas.*

SATYRICON, collecção de satyras, sonetos, epigram-  
mas e algumas odes anacreonticas (parte  
d'estas já sahiram em jornaes e n'um folheto  
em 1875).







Preço ..... 500 réis

---

Acha-se á venda em Coimbra nas livrarias do sr. José Diogo Pires, do sr. Melchiades, e dos srs. Severo & Irmão; no Porto e em Braga na livraria internacional dos srs. Ernesto e Eugenio Chardon.